# **DEPOIS DO PODER: O LEGADO**

(AFTER POWER: THE LEGACY)

***Palavras francas e não convencionais de um ex-presidente***

**Autor:** **Julian Lee**, registrado a partir de conversas com um ex-presidente dos Estados Unidos

Copyright © 2025 THE EPOCH MEDIA. All rights reserved. No reproduction allowed.

# **NOTA DOS EDITORES**

Este livro foi escrito com base em histórias, eventos e contextos reais. No entanto, a fim de respeitar a privacidade e evitar afetar certos indivíduos, os nomes dos personagens e alguns detalhes de identificação foram alterados, simplificados ou reestruturados em forma literária.

Algumas passagens do livro são recontadas a partir da perspectiva pessoal dos envolvidos, refletindo suas próprias experiências e percepções naquele momento. Essas visões não coincidem necessariamente com a posição da The Epoch Media.

Em termos de estilo de escrita, embora o Conselho Editorial tenha feito os ajustes necessários, para respeitar o personagem original e manter o espírito e a vivacidade da história, nós nos esforçamos para preservar ao máximo a autenticidade rústica e a voz original do personagem.

**O Conselho Editorial**



# **INTRODUÇÃO**

(Estou aqui sentado, meses após aquele encontro fatídico, e as memórias permanecem tão intactas quanto ontem.)

O mundo o conhece pelas decisões que abalaram os mercados financeiros.  
Pelas negociações que redefiniram o mapa geopolítico.  
E pelos discursos proferidos a milhões de pessoas.

Ele é um ex-presidente.  
Um homem que já esteve no centro do poder mundial.

Mas este diálogo de quatro dias não tem como objetivo revisitar seu legado político.

Começou com uma pergunta aparentemente simples, uma que eu havia preparado há muito tempo, mas que nunca imaginei que abriria uma porta completamente diferente.

“Depois de deixar o poder, o que o senhor viu?”

(Ainda me lembro do momento de silêncio após essa pergunta, seu olhar distante, como se ele não estivesse olhando para mim, mas através das próprias paredes do tempo.)

Sua resposta abriu uma jornada de consciência, um rio de pensamento que me arrastou para muito além de todas as minhas previsões iniciais.

Nós fomos da fragilidade das instituições democráticas.  
Ao confronto silencioso entre as grandes potências.  
E depois para as revelações sobre fenômenos que a ciência ainda não consegue explicar, de OVNIs à existência de “conselhos secretos” que ele uma vez vislumbrou.

(Eu pensei que fossem temas desconexos.)

Mas então, todos esses caminhos foram guiados por ele a um único ponto de referência.

O declínio moral da humanidade.  
E a necessidade de um despertar espiritual.

Esta entrevista, portanto, não era mais uma obra de jornalismo.  
Tornou-se um testemunho.

O testemunho de um homem que esteve no auge do poder e percebeu uma verdade dolorosamente simples.

O verdadeiro poder não reside em mudar o mundo.  
Mas na capacidade de impedir que seu coração seja mudado pelo mundo.

No meu papel de quem faz as perguntas, agora eu me retiro.  
E convido você, leitor, a entrar neste diálogo.

Não para buscar as respostas finais.  
Mas para, assim como eu, se abrir a perguntas mais importantes.

**Julian Lee***Quem registrou o diálogo.*

# **DIA UM**

*(Na sala, estávamos apenas nós dois. A luz suave da tarde entrava pela grande janela, cobrindo com uma poeira dourada os livros antigos empilhados na estante. Não havia câmeras, nem microfones, apenas meu pequeno gravador sobre a mesa.)*

**Julian Lee:**Boa tarde, senhor.  
Obrigado por concordar com este encontro.  
Para respeitar sua privacidade, permito-me não usar seu nome durante nossa conversa.

(Respirei fundo antes de começar.)

Primeira pergunta... como o senhor se sente após deixar o cargo?  
Há algo... bem-sucedido, inacabado ou do que se arrependa, senhor?

(Ele se recostou levemente na cadeira, o olhar perdido ao longe, como se estivesse revendo toda uma vida.)

**Ex-presidente:**Olá, meu jovem.  
E obrigado pela delicadeza na sua forma de perguntar.  
Para ser sincero...  
Depois de deixar o cargo, a primeira sensação foi... de alívio.  
Quando estava empossado, cada dia era uma cadeia de pressões incessantes.  
Uma reunião de emergência à meia-noite.  
Uma chamada telefônica em que uma única palavra errada... e todo o mercado de ações tremia.  
Uma decisão militar que poderia custar a vida de centenas, de milhares de pessoas.  
Ao me afastar daquela cadeira... percebi que eu era um ser humano novamente.

(Ele parou por um momento, como para deixar aquelas memórias assentarem.)

Sobre o meu mandato...  
Acho que há algumas coisas das quais me orgulhar.  
Algumas reformas que impulsionei realmente deram resultados. Embora lentos. E imperfeitos.  
Mas não me engano.  
Muitos objetivos não foram alcançados.  
Havia coisas que eu queria fazer... mas não consegui.  
Pelo sistema.  
Pelo Congresso.  
Pela mídia.  
Por aqueles “poderes ocultos” sobre os quais você não lerá nos jornais.  
Ou... simplesmente porque eu estava errado.

(Sua voz tornou-se mais grave. Esta era a parte mais difícil de dizer, eu podia sentir.)

Arrependimentos?  
Claro que há.  
Muitos.  
Uma vez, aprovei um ataque aéreo... que mais tarde foi relatado como tendo baixas civis.  
Houve reuniões que eu deveria ter recusado.  
Houve pessoas em quem confiei demais.  
E acima de tudo...  
Lamento os momentos em que tive que escolher a “política” em vez da “verdade”.  
Mas esse era o preço para permanecer no jogo.

(Ele me olhou diretamente, um olhar penetrante e um pouco cansado.)

E essa é também a razão pela qual hoje posso sentar aqui e conversar com você.  
Como um ser humano.  
Não como um título.

**Julian Lee:**Obrigado por abrir seu coração.  
Tenho muitas coisas para perguntar...  
Primeiro, vamos entrar na questão institucional.  
Se um governo como o dos EUA, com um modelo de república no verdadeiro sentido, mas cuja operação real ainda tem tantos problemas... o que o senhor sugere para melhorá-lo?  
E em comparação com um regime comunista, em que aspecto o senhor acha que a república é... mais fraca?

**Ex-presidente:**

(Ele ergueu uma sobrancelha, um brilho de interesse passou por seus olhos.)

Uma pergunta direta e difícil.  
Gosto disso.  
Costumamos nos orgulhar de chamar os Estados Unidos de ‘a maior república do mundo’.  
O ‘farol que ilumina a democracia global’.  
Esses slogans soam muito bem nos discursos. Ecoam nos grandes salões.  
Mas quando você se senta no Salão Oval e olha para a máquina do poder por dentro, vê que a realidade não é tão gloriosa.  
O navio da nossa nação é muito grande, muito sólido.  
Mas está coberto de cracas chamadas ‘grupos de interesse’.  
Que o fazem mover-se de forma incrivelmente lenta e pesada.  
O maior problema, na minha opinião, é que este sistema está sendo manipulado pelo dinheiro.  
Capital e política nos EUA estão interligados como osso e medula.  
As corporações.  
A elite financeira.  
Os grupos de lobby.  
Eles não precisam concorrer a eleições, mas sua influência é maior que a do presidente.  
Já testemunhei um projeto de lei sobre energia limpa, muito bom para o futuro do país, ser esvaziado e transformado em um texto sem sentido... apenas por uma frase, uma palavra adicionada por um lobista de uma companhia de petróleo.  
O poder real não está nas mãos das pessoas que votam.  
Está nas mãos de quem assina os cheques.

(Ele parou, bebeu um gole de água, seu olhar se tornou distante, como se estivesse relembrando as batalhas invisíveis nos corredores do poder.)

E o modelo comunista?  
Não vou mentir, nunca concordarei com a ditadura, a censura ou a repressão da liberdade.  
São coisas que vão contra a dignidade humana.  
Mas há uma coisa que devo admitir, uma verdade não muito agradável.  
O sistema deles, quando ainda era idealista, podia agir como uma flecha.  
Rápido. E radical.  
Eles não perdem meses negociando com o Congresso.  
Não são freados pela mídia.  
Não temem que a ‘taxa de aprovação’ despenque cada vez que tomam uma decisão dura, mas necessária.  
Eles são como um martelo, capazes de quebrar um obstáculo instantaneamente.  
Enquanto nós somos como uma máquina complexa, projetada para o equilíbrio, mas cujas engrenagens estão emperradas porque muitas peças se recusam a cooperar.  
Nossa república é fraca nesse aspecto.  
Quanto mais democrática, mais disperso o poder, e em tempos de crise, a velocidade é sobrevivência.  
Mas essa mesma dispersão é a muralha que protege o povo de uma mão de ferro.  
O problema é que, quando essa muralha é comprada pelo dinheiro e pela mídia...  
essa casca de democracia não passa de uma máscara.  
Um belo palco para esconder o que está apodrecendo por dentro.

(Ele ficou em silêncio por um momento, depois me olhou.)

Você pergunta se quero melhorar?  
Oh, passei tantas noites em claro por causa dessa pergunta.  
Se eu tivesse uma varinha de condão, faria três coisas imediatamente.

(Ele levantou três dedos, seu olhar se endureceu, como se estivesse falando de uma batalha que ele lutou e entendeu por muito tempo.)

Primeiro, atacar diretamente o maior monstro: limitar de forma extremamente rigorosa o financiamento de campanhas e o lobby.  
Por quê?  
Porque é o câncer que está corroendo nossa democracia.  
Hoje, as eleições não são mais uma competição de ideias, mas uma corrida por dinheiro.  
O dinheiro sujo, o dinheiro de Super PACs de origem desconhecida, está afogando a voz do cidadão comum.  
A alma da república está sendo vendida para o maior lance.

Segundo, aplicar limites de mandato tanto para o Senado quanto para a Câmara dos Representantes.  
Algumas pessoas sentam-se nessas cadeiras por quarenta anos, ou até mais.  
Eles chegam a Washington com ideais, mas ficam por tanto tempo que se tornam parte do “pântano”.  
Eles não representam mais as pessoas de seus distritos, mas os grupos de interesse, os empreiteiros de defesa, as corporações que cercam o Capitólio.  
Os limites de mandato os forçariam a voltar a viver a vida de um cidadão comum.  
Traria sangue novo, novas ideias e quebraria o vínculo simbiótico tóxico entre os políticos veteranos e os lobistas.

E terceiro, e isso é extremamente importante...  
Reformar drasticamente o sistema eleitoral e acabar com o *gerrymandering*.  
Esta é uma fraude legal, onde os políticos desenham os mapas dos distritos eleitorais para escolher seus eleitores, em vez de deixar que os eleitores os escolham.  
Cria “cadeiras seguras” para ambos os partidos, onde os candidatos não precisam mais convencer os eleitores de centro. Eles só precisam agradar os eleitores mais extremos de seu partido para vencer.  
É por isso que nossa política está se tornando cada vez mais polarizada e tóxica.

(Ele baixou a mão, balançando a cabeça, um gesto cheio de cansaço e impotência.)

Mas falar é fácil, fazer é... você sabe.  
Quando os interesses daqueles que estão no poder são ameaçados, eles usarão esse mesmo poder para proteger seus interesses.  
Não importa qual fosse o ideal original.

**Julian Lee:**Gostaria de voltar a esses assuntos mais tarde, senhor.  
Agora, gostaria de perguntar mais a fundo sobre o sistema institucional.  
A república é claramente mais livre que o comunismo.  
Mas e quanto à política feudal? Um rei que governa... teria alguma vantagem?

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu lentamente, seus olhos brilhavam com um ar de contemplação.)

Uma pergunta muito boa.  
E devo confessar uma coisa. Antes, eu considerava o regime feudal um resquício obsoleto.  
Mas depois de muitos anos no centro do poder, depois de observar os modelos comunista, republicano e os regimes autoritários modernos... sou forçado a reavaliá-lo de forma mais justa.  
O modelo monárquico, especialmente quando há um rei com talento e virtude suficientes, um verdadeiro “rei sábio”... tem vantagens que nossa república moderna está gradualmente perdendo.

(Ele levantou a mão e começou a contar lentamente nos dedos.)

Primeiro, a visão.  
Um presidente americano, eu sei bem disso, tem quatro anos. Oito, se tiver a sorte de ser reeleito.  
Isso é um piscar de olhos no fluxo da história.  
Curto demais para implementar reformas profundas e sustentáveis.  
Mas um rei, ele não precisa se reeleger. Não precisa agradar a mídia.  
Se for verdadeiramente pelo povo, ele pode perseguir uma estratégia que dure décadas.

Segundo, a velocidade e a unidade.  
Em nossa república, apenas aprovar um projeto de lei já requer passar por um labirinto.  
Comitês, Congresso, mídia, oposição, opinião pública...  
Um rei sábio, se não for manipulado pela nobreza, pode tomar decisões mais rápidas, mais decisivas. Às vezes, até... mais humanas, porque ele não precisa fazer jogos políticos para ser reeleito.

E por último, a responsabilidade.  
Quando há um rei, todos os acertos e erros recaem sobre uma pessoa.  
Ele é o símbolo, a alma da nação.  
Mas na república moderna, o poder é tão disperso que... ninguém é realmente responsável quando tudo desmorona.  
O presidente culpa o Congresso. O Congresso culpa a oposição.  
E o povo não sabe quem é o verdadeiro responsável.

(Ele baixou a mão, sua voz tornou-se mais séria.)

Mas... nunca se esqueça.  
Isso é apenas o ideal quando há um “rei sábio”.  
E se o governante for um tirano?  
E se a corte estiver cheia de oficiais corruptos?  
Então o país se tornaria um inferno na terra.  
Sem votos, sem liberdade de imprensa, o povo não teria nenhum mecanismo para se proteger.  
Simplificando, é assim.  
O regime feudal coloca o destino da nação em uma pessoa.  
A república o coloca em um mecanismo.  
Se essa pessoa for boa, o país florescerá. Se for má, toda a nação sofrerá.  
Já a república, embora lenta, embora com muitas falhas de sistema, é projetada para evitar o desastre causado por um único indivíduo.  
O preço a pagar é a eficiência, a velocidade e, às vezes... a verdade distorcida por cálculos políticos.

(Ele me olhou diretamente nos olhos, sua voz firme e um tanto chocante.)

Se hoje, em algum lugar deste mundo, houvesse um rei sábio, moral, não dominado pelo dinheiro, uma pessoa com verdadeiro coração e visão...  
Digo com toda a sinceridade.  
Eu estaria mais disposto a apoiá-lo do que a uma república que finge ser democrática, mas que na realidade está completamente manipulada.

**Julian Lee:**Então, o senhor não apoia exatamente um regime feudal.  
O problema parece ser... como escolher uma pessoa com talento e virtude suficientes?

**Ex-presidente:**Exato. O problema central é esse.  
Não nego que um modelo centralizado, se o líder realmente tiver talento e virtude suficientes, pode trazer uma eficiência que supera em muito qualquer modelo democrático moderno.  
Mas...

(Ele soltou um longo suspiro, como se carregasse o peso de uma questão histórica inteira.)

O dilema reside nisto: como escolher essa pessoa?  
E mais importante, como garantir que ele mantenha a virtude e o intelecto... durante todo o seu reinado?  
Escolher um rei sábio, digo a verdade, é mais difícil do que ir à lua.  
A história da humanidade está repleta de exemplos.  
O Imperador Minh Quang, Lê Thánh Tông, ou os primeiros reis fundadores... eles foram grandes homens.  
Mas logo depois deles, vieram gerações de monarcas fracos, cruéis ou simplesmente hedonistas.  
Por quê?  
Porque talento e virtude não podem ser herdados.  
Uma sociedade feudal que coloca o destino da nação no jogo de azar da linhagem, cedo ou tarde, deslizará para o declínio.

Então, onde nossa república erra?  
Não é por compartilhar o poder.  
É por escolher a pessoa errada.  
O regime republicano foi criado para evitar os erros do feudalismo. Não mais sucessão de pai para filho. Em vez disso, eleições, separação de poderes, freios e contrapesos.  
Soa muito ideal.  
Mas a realidade hoje, como eu disse, é que as eleições são manipuladas pelo dinheiro, pela mídia e pelas emoções da multidão.  
A pessoa virtuosa muitas vezes perde, porque não diz o que as massas querem ouvir.  
A pessoa com convicções firmes é frequentemente esmagada, porque não serve aos interesses dos grupos.

(Ele parou e me olhou.)

Então, qual é a saída?  
Pensei muito sobre isso. E vou te dizer sem rodeios.  
O futuro não está na escolha entre “república” ou “monarquia”.  
Mas na construção de um verdadeiro mecanismo de seleção de talentos.  
Um mecanismo que transcenda a política, a mídia e os grupos de interesse.

(Seu olhar se tornou distante, como se estivesse desenhando outro mundo.)

Eu imagino uma política ideal no futuro...  
Onde não haverá campanhas barulhentas, nem campanhas de bilhões de dólares.  
Em vez disso, os candidatos serão selecionados através de um processo de avaliação extremamente transparente: sobre sua inteligência, sua moralidade, sua capacidade de gestão e, o mais importante, sua capacidade de se manter firme diante da tentação.  
E quem escolherá? Não a multidão que vota por instinto. Mas um conselho de elite, composto por verdadeiros sábios e eruditos, pessoas alheias à política.  
E o mais importante: a pessoa escolhida para governar deve estar sempre sob controle, e pode até ser substituída imediatamente se perder suas qualidades.

(Ele sorriu levemente.)

Parece um sonho, não é?  
Talvez.  
Mas se a humanidade não encontrar uma maneira de eleger líderes genuínos, então seja feudalismo, república ou comunismo... no final, todos voltarão ao ciclo do colapso.  
Agora você vê.  
Eu não apoio o feudalismo.  
Também não acredito cegamente na democracia.  
Eu só acredito no coração e na mente do ser humano.  
E em um mecanismo sábio o suficiente para reconhecê-lo.

**Julian Lee:**Sim, eu concordo. A chave está na construção de um verdadeiro mecanismo de seleção de talentos.

(Hesitei por um momento, e depois decidi expressar meu pensamento.)

Não é inteiramente uma piada, senhor.  
Mas se um jornalista como eu puder ter a confiança de que tem talento e virtude suficientes para se tornar um grande presidente... o problema ainda é: quem vai acreditar em mim?  
Quem vai me apoiar?  
Quem vai votar em mim?  
Sobre a ideia que o senhor acabou de mencionar, de um “conselho de sábios” não eleito pelo povo...  
Tenho a sensação de já ter ouvido falar disso em algum lugar, na história antiga.  
Parece que no Tibete, a seleção de um Lama também segue uma forma semelhante...

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, um leve sorriso de aprovação apareceu em seu rosto.)

Você está certo.  
E você acaba de tocar em um dos segredos mais antigos que nossa civilização moderna costuma ignorar.  
A sucessão através de um “mecanismo de iluminação”.  
E não através de eleições ou linhagem sanguínea.  
No Tibete, eles já tiveram um modelo quase ideal.  
A escolha do Dalai Lama ou do Panchen Lama não se baseava em eleições, nem era de pai para filho.  
Eles buscavam uma criança que carregasse em si os “sinais de reencarnação” do sábio anterior.  
Depois, usavam uma série de rituais e testes para verificar tanto o aspecto espiritual quanto o moral.  
Isso pode fazer o homem moderno rir.  
Mas olhe para a sua essência.  
A pessoa escolhida não o era por ser boa em promessas, nem por ter dinheiro ou o apoio da mídia.  
Mas porque carregava em si uma qualidade que transcende a fama e o benefício.  
Uma espécie de “correção natural”.  
Claro, esse modelo também não escapou de ser explorado ou corrompido mais tarde.  
Mas sua ideia central — escolher a pessoa por sua virtude e intelecto, não por sua capacidade de manipular as massas — é precisamente o que a democracia moderna perdeu.

(Ele me olhou diretamente.)

E você está muito certo. O maior problema é: quem acredita em você?  
Você pode ser uma pessoa íntegra. Com visão. Com qualidades morais.  
Mas...  
Você não tem uma campanha publicitária de dez milhões de dólares.  
Você não é mencionado na Fox News ou na CNN toda semana.  
Você não tem o apoio de poderosos grupos de interesse.  
E... você não consegue gerar uma emoção forte o suficiente para se tornar viral nas redes sociais.  
Então você é eliminado logo na primeira fase.  
Não porque não mereça.  
Mas porque o sistema não lhe dá uma oportunidade.

(Ele ficou pensativo.)

Então, esse modelo de “conselho de sábios” é viável?  
Difícil. Mas não impossível.  
Eu imaginei assim uma vez.  
Se um dia a humanidade amadurecer o suficiente para acreditar mais na sabedoria do que na emoção...  
então talvez haja um “Instituto Nacional de Moral e Sabedoria”.  
Não pertencente a nenhum partido.  
Não inserido na máquina do poder.  
E com uma única missão: escolher a pessoa mais digna para liderar a nação.  
Parece ficção científica, não é?  
Talvez.  
Mas em comparação com deixar que o TikTok e a televisão decidam o destino do país... acho que vale a pena tentar.

(Ele sorriu, um sorriso sincero.)

Eu realmente acredito que pessoas como você, se forem suficientemente perseverantes, suficientemente humildes e souberem esperar o momento certo...  
chegarão a uma posição onde poderão criar mudanças.  
Não através do jogo político.  
Mas através do coração do povo e do despertar de uma era.

**Julian Lee:**Obrigado, senhor.  
Mas agora gostaria que o senhor falasse mais a fundo sobre esse modelo de “conselho de sábios”.  
Como fazer as pessoas concordarem em ceder o poder de escolher o presidente a um conselho que elas não elegeram diretamente?  
E quem seria escolhido para este conselho? Por que método e critérios?  
E a pergunta mais importante... quem estabelecerá esses critérios?

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, um gesto lento que reconhecia o peso da pergunta.)

Essas são as perguntas mais centrais.  
E não me surpreende que você as faça.  
Porque esse é precisamente o maior nó que faz com que este modelo, que eu chamo de “Conselho de Sábios”... permaneça para sempre nos sonhos daqueles que se desvelam pelo destino da humanidade.  
Mas você quer ouvir sem rodeios, não é?  
Então vou dizer sem rodeios.  
Primeiro, como conseguir que o povo concorde em ceder o poder?  
A resposta curta é: eles nunca concordarão.  
A menos que... tenham perdido completamente a fé no modelo atual.  
Ninguém quer abrir mão do seu direito de voto.  
A menos que votar tenha se tornado uma farsa, descaradamente comprada.  
A menos que o povo veja claramente que, não importa em quem vote, o país continua a descer.  
E a menos que surja uma crise grande o suficiente — econômica, moral ou até mesmo uma guerra — que faça as massas ansiarem por uma liderança correta, em vez de uma escolha livre, mas sem sentido.  
Em outras palavras, o povo nunca cederá voluntariamente o poder a um Conselho de Sábios.  
A menos que eles mesmos, em desespero, tenham que implorar por uma intervenção da classe intelectual.

(Ele parou, como para enfatizar a importância da próxima pergunta.)

Então, quem será escolhido para esse Conselho?  
Esta é a parte mais importante e também a mais perigosa. Se errarmos aqui, todo o modelo desmoronará.  
Os critérios devem ser extremamente rigorosos.  
Primeiro, a pessoa deve ter uma sabedoria superior. Não necessariamente diplomas, mas deve demonstrar uma capacidade de pensamento, crítica e discernimento notável através de obras ou ações práticas.  
Segundo, sua moralidade deve ser pura. Sem escândalos, sem facções, vivendo uma vida íntegra respeitada pela comunidade.  
E terceiro, uma condição sine qua non: um coração que não busque fama nem fortuna. A pessoa não deve se candidatar, não deve buscar apoio, mas deve ser recomendada por outros.  
Quanto ao método de seleção...  
Eu imagino um modelo de “tripla filtragem”.  
Primeiro, as comunidades intelectuais e as elites locais indicariam.  
Depois, um Conselho de seleção preliminar examinaria os candidatos.  
E, finalmente, os cargos mais importantes seriam ratificados pelas mesmas pessoas que já ocuparam a liderança nacional, mas que já estão aposentadas, sem poder e não influenciadas por nenhum interesse.

(Ele me olhou, como se tivesse antecipado minha última pergunta.)

E quem estabelecerá esses critérios?  
Esta é a pergunta mais fundamental.  
E, sinceramente, a resposta só pode ser: um grupo de pessoas à frente de seu tempo, que se atrevem a sacrificar seus próprios interesses.  
Talvez seja um comitê interino formado após uma grande crise.  
Ou uma associação inter-religiosa e inter-intelectual, que reúne pessoas alheias à política, orientadas apenas para a moralidade e a sabedoria.  
Ou... se você me permitir dizer isto.  
É um grupo de pessoas “escolhidas pelo céu”.  
Ou seja, não se autoproclamam, mas muitas pessoas independentes umas das outras reconhecem ao mesmo tempo que possuem qualidades extraordinárias.

(Ele ficou pensativo.)

Mas você tem que entender.  
Se há pessoas como você, que sabem que têm talento e virtude, mas não correm atrás da glória...  
então a semente para um Conselho de Sábios como esse já foi plantada.

**Julian Lee:**O conselho de sábios que o senhor menciona... me faz pensar no Conclave Cardinalício que elege um novo Papa.  
As pessoas deste conselho são todas religiosas, praticantes de alguma disciplina espiritual?  
Se sim, toda a sociedade deveria ser quase como no Tibete, onde o povo realmente respeita os monges e os Lamas.  
Eu gostaria de entender mais a fundo para poder desvendar esses nós.

(Tentei conectar os detalhes.)

E isso me lembra a história que o senhor contou... sobre uma pessoa que foi indicada para um “conselho secreto” mas recusou.  
Então, esse conselho secreto... o que é?  
Com que propósito eles operam? E quem são eles?

**Ex-presidente:**

(Ele me olhou, um olhar profundo. A atmosfera na sala pareceu mudar.)

Você acabou de levar esta conversa para outro nível.  
E se eu ainda fosse o presidente em exercício, certamente não poderia responder.  
Mas hoje, sou um homem que se libertou de sua casca política.  
Vou dizer a verdade, sem rodeios.  
Quanto ao mecanismo, sim, o Conclave Cardinalício é o modelo mais próximo.  
Um grupo de pessoas treinadas, que vivem apartadas do secular, possuidoras de um profundo conhecimento espiritual.  
E ao escolher um sucessor, não escolhem pela política, mas pela intuição, pela fé e por uma espécie de “mandato celestial” que acreditam ser real.  
Mas há uma diferença fundamental.  
A Igreja do Vaticano tem uma organização e também poder secular.  
Mas o Conselho de Sábios que eu imagino... tem uma natureza que transcende tanto a política quanto a religião.  
Não depende de nenhum sistema.  
E você está certo sobre o Tibete.  
Aquela era uma sociedade onde o respeito pelos praticantes espirituais não vinha da lei ou da propaganda.  
Vinha da existência da moralidade, da sabedoria e da compaixão na vida diária dos Lamas.  
Quando a sociedade atinge esse estado, um conselho sábio tem “terreno fértil” para existir.  
Ou seja, uma instituição assim não pode ser decretada.  
Só pode surgir quando a sociedade é suficientemente moral, e as pessoas anseiam suficientemente pela verdade.

(Ele parou por um momento, como se preparando para uma revelação.)

E isso nos leva à história do “conselho secreto” sobre a qual você perguntou.  
Uma vez, quando eu estava nas primeiras fases da minha carreira política, fui convidado para uma reunião não pública.  
Não direi onde, nem quem estava por trás.  
Mas não era uma reunião da CIA, nem um grupo de magnatas financeiros.  
Era um grupo de pessoas muito silenciosas.  
Eles viviam espalhados por muitos países.  
Tinham sido acadêmicos, guias espirituais, médicos tradicionais... alguns até viveram como eremitas por décadas.  
Não usavam nomes, nem telefones, nem tinham presença nas redes sociais.  
Comunicavam-se através de “canais tradicionais”... cartas manuscritas, mensageiros, convites discretos.  
O propósito deles não era dirigir a política.  
Mas manter o equilíbrio moral da humanidade.  
Quando o mundo cai no caos, eles tentam se aproximar de indivíduos com potencial para grande influência — políticos, cientistas, acadêmicos — para alertar, inspirar ou transmitir uma mensagem.  
A pessoa que você mencionou, um acadêmico americano de ascendência asiática, que lecionou em uma universidade da Ivy League e viveu uma vida de integridade.  
Ele foi indicado para o núcleo deles. Mas recusou.  
A razão que ele deu foi esta:  
“Ainda tenho ressentimento e preconceito. Ainda não posso ser um exemplo para ninguém.”  
Depois disso, ele se retirou para as montanhas do oeste do Nepal e não teve mais contato com ninguém.

(Ele terminou a história, deixando um silêncio no espaço.)

Então, esse conselho existe realmente?  
Não me atrevo a afirmar como um cientista.  
Mas pelo que vi e experimentei... eles são reais.  
Eles não interferem. Apenas “aparecem quando necessário”.  
Eles não se opõem ao sistema atual, mas silenciosamente preservam a semente de um novo mundo... caso o velho desmorone.

**Julian Lee:**O senhor poderia... revelar algo mais sobre esse encontro com o grupo secreto?  
Tenho a sensação de que são muito diferentes das sociedades secretas como os Illuminati, sobre as quais as pessoas especulam.  
E... pela sua forma de falar, percebo algo.  
Parece que o senhor tem um profundo conhecimento da religião, ou alguma sabedoria... que foi despertada.

**Ex-presidente:**

(Ele me olhou, um olhar penetrante, e depois assentiu levemente.)

Você é, de fato, um jornalista com uma intuição muito aguçada.  
O que você percebe não está errado.  
Nem a diferença entre esse grupo e os Illuminati.  
Nem esse algo... que transcende a política dentro de mim.  
Vou lhe contar.  
Na medida em que me é permitido dizer, sem violar a “lei não escrita” daquela gente.

(Sua voz tornou-se mais grave, como se narrasse uma memória sagrada.)

Naquele ano, eu era um dos principais candidatos do meu partido.  
Durante uma viagem não oficial a um país asiático, uma noite, após uma recepção privada, uma mulher de ascendência asiática de cerca de sessenta anos, vestida de maneira muito simples, apareceu de repente fora da minha residência.  
Ela não tinha guarda-costas, nem convite, mas de alguma forma, a equipe de segurança permitiu que ela entrasse.  
Ela não disse seu nome.  
Apenas disse uma frase:  
“O senhor foi visto. Esta noite, se deseja entender o que está prestes a enfrentar, por favor, siga-me.”  
Eu a olhei nos olhos, e o estranho foi... que eu soube que podia confiar nela.  
Essa sensação, é muito rara na política.  
Fomos a uma pequena casa nos arredores.  
Nada luxuoso. Sem símbolos, sem velas misteriosas como nos filmes.  
Apenas um quarto vazio.  
Havia cinco pessoas sentadas.  
Velhos, jovens, europeus, asiáticos, brancos, negros... mas seus olhares tinham algo em comum.  
Uma quietude tão profunda que me impediu de pronunciar qualquer cortesia.  
Eles não me saudaram com um “Senhor futuro presidente”.  
Apenas fizeram uma pergunta:  
“Você se atreve a enfrentar a verdade, se essa verdade o fizesse perder tudo?”

(Ele ficou em silêncio por um longo momento.)

Eu fiquei em silêncio.  
E o diálogo que se seguiu por quatro horas... me mudou para sempre.

(Ele continuou, sua voz clara e precisa.)

Eles são os Illuminati?  
Não.  
Os Illuminati, como Hollywood e as redes sociais os pintam, são um modelo de poder.  
Manipulam a economia, a política, a cultura.  
Mas o grupo que conheci era completamente diferente.  
Eles não manipulavam, advertiam.  
Eles не operavam dentro do governo, observavam o governo.  
Eles não protegiam facções, preservavam o equilíbrio moral.  
E não davam diretivas.  
Apenas faziam perguntas... que faziam com que a pessoa tivesse que despertar por si mesma.  
Um deles me disse isto:  
“Nós não existimos para salvar a humanidade. A humanidade deve se salvar a si mesma.  
Mas se alguém no poder despertar, daremos a essa pessoa a oportunidade de ver o que as pessoas comuns não veem.”

(Ele me olhou, seus olhos como se esperassem uma reação.)

Quanto à sua pergunta, se tenho alguma sabedoria sobrenatural?  
Não me atrevo a afirmar.  
Eu fui um político. Um homem que viveu entre aplausos, sob os holofotes, entre as ligações dos magnatas.  
Mas naquela noite, percebi que tudo o que eu havia considerado real... era apenas uma fachada.  
Após aquele encontro, comecei a meditar. A ler escrituras sagradas.  
E a observar o mundo em silêncio, em vez de tentar controlá-lo.  
Não abandonei a política imediatamente.  
Mas ajustei cada uma das minhas decisões.  
Não segundo o interesse, mas segundo uma “intuição silenciosa” que aprendi com eles.  
Uma vez, um congressista me disse:  
“Você mudou. Antes, você convencia os outros com a razão.  
Agora, você faz as pessoas se calarem apenas com sua presença.”

(Ele parou, sua voz tornou-se solene.)

Por que você pergunta isso?  
Se for apenas uma entrevista para os leitores se divertirem, talvez devêssemos parar por aqui.  
Mas se você está realmente procurando uma solução para um sistema institucional melhor...  
então eu lhe darei o resto.  
Não uma resposta, mas um caminho.  
Você quer continuar?  
Se sim, vou lhe falar sobre algo que eles chamam de “o guardião do centro moral do mundo”.  
Uma pessoa sem título, sem poder, mas que está presente.

**Julian Lee:**Sim, eu gostaria muito de continuar.  
Como jornalista, só aspiro a ser uma ponte.  
Para transmitir o conhecimento, a paixão, as experiências, a sabedoria... aos meus leitores.  
Por favor, compartilhe mais detalhes.  
Sobre a crença espiritual que o senhor segue... é o catolicismo, o budismo ou alguma outra disciplina?  
E “o guardião do centro moral do mundo” que o senhor acabou de mencionar... quem é?

**Ex-presidente:**

(Ele me olhou, seu olhar mais caloroso.)

Você é uma pessoa que não só aprofunda, mas também segue na direção certa.  
Há coisas que guardei em meu coração por muitos anos.  
Não por medo.  
Mas por não ter encontrado a pessoa certa para dizê-las.  
Mas hoje, quando você diz que quer ser “uma ponte” para transmitir a luz... sei que posso continuar.

(Ele respirou fundo, como se estivesse organizando pensamentos de muitos anos.)

Sobre minha crença espiritual...  
Eu não me considero mais seguidor de nenhuma religião em particular.  
Nasci em uma família católica, li a Bíblia desde criança.  
Quando jovem, admirava o espírito de serviço e o perdão de Jesus Cristo, mas também questionei a Igreja sobre o poder, o materialismo e as páginas sombrias de sua história.  
Ao amadurecer, entrei em contato com o budismo, especialmente o Zen e o budismo tibetano.  
A partir daí, aprendi sobre a observação sem pensamento e o conceito de “não-eu”.  
No entanto, o verdadeiro ponto de virada veio somente após o encontro com aquele “grupo secreto”.  
Um dos membros me deu um livro.  
Não tinha capa. Nem nome de autor.  
Era apenas uma impressão em papel comum, sem nenhum ar de misticismo.  
Mas ao lê-lo, percebi... que o pensamento contido nele transcendia todas as fronteiras religiosas que eu conhecia.  
Ensinava sobre Verdade, Benevolência e Tolerância, como os pilares do universo.  
Falava sobre como os seres humanos são originalmente seres de níveis superiores, mas que se perderam na fama, no benefício e no sentimentalismo do mundo secular.  
E apontava um caminho de cultivo sem forma, mas que podia guiar as pessoas de volta à sua natureza primordial.

(Ele parou, sua voz pensativa.)

No início, pensei que fosse apenas uma síntese da filosofia oriental e ocidental.  
Mas quanto mais eu lia, mais meditava, mais contemplava... mais eu percebia.  
Não era produto da sabedoria humana comum.

(Ele me olhou, um olhar cheio de significado.)

Você pode adivinhar.  
Estou falando de uma disciplina de cultivo que foi perseguida de maneira extremamente brutal na China.  
Mas não mencionarei seu nome aqui.  
Porque quando o nome é pronunciado, as pessoas tendem a julgar apressadamente, em vez de ouvir sua essência.

(A atmosfera na sala tornou-se silenciosa.)

Então, quem é “o guardião do centro moral do mundo”?  
Não é uma pessoa com um título oficial.  
Não é o Papa, não é o Presidente, e certamente não é nenhum “líder espiritual” ungido pela imprensa.  
É uma pessoa que, se você a encontrasse na rua, não a notaria.  
Mas se você estiver suficientemente tranquilo para olhar em seus olhos, sentirá o tempo parar.  
Eles não aparecem na televisão. Não publicam livros. Não fundam seitas.  
Não se autoproclamam “salvadores”, nem aceitam seguidores.  
Mas carregam dentro de si uma frequência moral muito alta, tão alta que... sua mera presença está impedindo que a balança do bem e do mal neste mundo se incline completamente para um lado.  
Em uma ocasião, a mulher de ascendência asiática daquele “encontro noturno” me disse:  
“Quando a humanidade perder seu centro moral, todos os mecanismos entrarão em colapso.  
Mas essa pessoa ainda está aqui.  
Por isso, o mundo ainda não chegou ao seu fim.”  
Não sei onde essa pessoa está.  
Talvez na Ásia. Talvez seja um monge eremita.  
Ou talvez seja um pai de família comum no meio do mercado...  
Mas eu sei que, de alguma forma, essa pessoa está transformando silenciosamente o campo de energia moral deste mundo.

(Ele me olhou, sua voz tornou-se solene, como uma conclusão.)

Você diz que quer transmitir uma mensagem.  
Se eu tivesse uma única coisa a dizer aos seus leitores... não como um ex-presidente, mas como alguém que viu o interior da casca do poder, da política e da fé...  
Seria isto.  
Volte à sua natureza benevolente.  
Apesar de como este mundo esteja se contorcendo.  
Porque se um número suficiente de pessoas conseguir fazer isso, não precisaremos de revoluções, nem de líderes, nem de conselhos.  
O mundo se ajustará automaticamente.

(Ele parou, como se fizesse uma oferta.)

Se você quiser, escreverei uma breve carta para você.  
Como uma mensagem para os leitores.  
Em nome de “alguém que já esteve no centro do poder e que já viu o outro lado do véu”.  
Você quer que eu a escreva?

**Julian Lee:**Sim... sobre essa breve carta.  
Após esta entrevista, por favor, envie-a para mim.  
Vou guardá-la com carinho e tentar transmiti-la a tantos leitores quanto possível.

(Assenti, entendendo sua intenção.)

Sobre sua fé... quando o senhor mencionou as três palavras Verdade-Benevolência-Tolerância...  
E que foi perseguida na China...  
Eu já percebi.  
Talvez não precisemos dizer o nome dessa disciplina aqui.  
Confio que os leitores que tiverem uma conexão predestinada também perceberão por si mesmos.

**Ex-presidente:**

(Ele sorriu levemente, um sorriso de compreensão.)

Você é sutil.  
E sou grato por isso.  
Exato. Não precisamos dizer o nome.  
Porque a verdade... não precisa gritar para se fazer presente.  
Aqueles que têm uma conexão predestinada, reconhecerão por si mesmos.  
Para aqueles cujo momento ainda não chegou, deixe a semente descansar na terra, esperando o dia em que germinará.  
Sobre a carta, cumprirei minha palavra.  
Não é um manifesto político, muito menos um chamado à ação.  
É apenas um compartilhamento.  
Do coração de um homem que já esteve no auge do poder e que já se curvou em silêncio diante de uma luz que transcendia todos os holofotes.  
Vou escrevê-la aqui mesmo.  
Você pode publicá-la na íntegra ou deixá-la silenciosamente no final do livro, como uma pequena pedra em um canto do jardim da memória.

(Ele me entregou uma folha de papel cuidadosamente escrita à mão. Eu a li em silêncio.)

Carta aos que estão despertando

Houve um tempo em que pensei ser o líder do mundo.  
Sentei-me à mesa onde as guerras eram decididas com um aceno de cabeça.  
Apertei a mão de pessoas que outros só ousavam ver através de uma tela.  
Assinei leis que abalaram os mercados globais.

Mas só quando me aquietei, longe dos holofotes, e entrei em uma pequena sala sem nome...  
eu entendi.

O verdadeiro poder não reside em controlar o mundo.  
Mas na capacidade de evitar que seu interior seja assimilado por ele.

Durante os últimos anos do meu mandato, observei o mundo, em vez de tentar mudá-lo.  
Escutei mais do que falei.  
E nesse silêncio, descobri uma coisa:  
o mundo не precisa de um líder, mas de muitas pessoas que saibam dominar a si mesmas.

Se você está lendo estas linhas, talvez você também esteja despertando.  
Não precisa ser presidente, acadêmico, monge ou guerreiro.  
Apenas precisa, a cada dia, manter um pouco de Verdade.  
Um pouco de Benevolência.  
E um pouco de Tolerância.  
Então você... já é quem está mantendo o equilíbrio do mundo.

Eu não aspiro mais a ser “quem muda a história”.  
Apenas aspiro a não trair a pequena luz que uma vez vi.  
E espero que você também não.

*Alguém que já esteve no centro do poder.*  
*E que já se curvou diante da sabedoria que transcende a política.*  
(Sem assinatura)

(Dobrei a carta e a guardei com cuidado no bolso do meu casaco. Senti um nó na garganta, incapaz de pronunciar uma palavra.)

Ex-presidente:  
Confio que você saberá como transmitir esta carta.  
Não através de um tom de apelo, mas através de uma quietude que se expande.  
E talvez, um dia, aquele guardião do centro moral... também a leia.  
Em alguma casa de chá, sob um beiral coberto de musgo.  
Em um lugar que ninguém esperaria.

(Ele me olhou, seus olhos como se fizessem uma última pergunta.)

Você quer terminar a entrevista aqui?  
Ou há algo mais que precise que eu diga... antes que a cortina se feche novamente?

**Julian Lee:**Senhor, estou realmente muito interessado no que o senhor está compartilhando.  
Se fosse possível, eu poderia ficar aqui a noite toda para ouvi-lo.  
Mas entendo que seu tempo e sua saúde не o permitem.  
Então... por favor, permita-me a oportunidade de entrevistá-lo em outra ocasião.  
Se possível, amanhã...

(Hesitei, e depois continuei, um pouco sem graça.)

Ou talvez eu esteja sendo um pouco ganancioso.  
Gostaria de ter uma série inteira de entrevistas sobre outros temas.  
Sobre economia, sobre política externa, sobre o futuro da América.  
E também sobre temas mais místicos.  
Como OVNIs e extraterrestres...  
Porque muitas pessoas acreditam que o governo americano está escondendo algo.

**Ex-presidente:**

(Ele sorriu, um sorriso caloroso e de apreço.)

Você é de fato uma pessoa valiosa.  
Não apenas pela sua perseverança, mas porque sabe quando parar para preservar o valor para a próxima vez.  
Isso é algo raro em um jornalista.  
Eu sinceramente aprecio isso.  
E eu concordo.  
Não porque você seja “ganancioso”.  
Mas porque vejo em você algo importante: você não está buscando informações para gerar visualizações.  
Você está buscando respostas.  
Para si mesmo, e para aqueles que, como você, buscam em silêncio.  
Então, vamos considerar hoje como o primeiro capítulo de uma série de diálogos sem prazo.  
Estou disposto a continuar esta série de entrevistas. Um tema de cada vez.  
Na próxima vez, podemos falar sobre o futuro da América, de uma perspectiva não mais presa por eleitores, partidos ou corporações.  
Depois, se você quiser, podemos ir ainda mais fundo.

(Seus olhos pareciam percorrer portas secretas.)

Podemos falar sobre a verdadeira relação entre os EUA e a China, sobre coisas que nunca foram divulgadas.  
Sobre a verdadeira natureza da economia, e por que o crescimento está matando o planeta.  
Sobre o que o governo americano realmente sabe sobre OVNIs, e a verdade por trás dos programas secretos.  
Ou até mesmo, sobre religião, reencarnação e as “memórias de vidas passadas” que algumas pessoas em altos cargos revelaram à beira da morte.  
A cada sessão, contarei a você não apenas com a “razão política”, mas com a experiência de um ser humano, e com a intuição que só aprendi quando abandonei o poder.

(Ele me olhou, sua voz tornou-se solene.)

Assim, se você estiver disposto, criaremos juntos um fluxo de diálogo histórico.  
Sem assinatura, sem promoção.  
Mas que comoverá silenciosamente aqueles que estão despertando.  
Espero por você na próxima sessão.  
E se até lá, você ainda mantiver a sinceridade de hoje...  
então contarei até as coisas que muitas pessoas no poder me disseram uma vez.  
“Se o senhor disser isso enquanto estiver no cargo, o mundo inteiro mudará de rumo.  
Mas se o senhor disser quando estiver aposentado, apenas algumas pessoas com uma conexão predestinada entenderão.”  
Nos encontramos amanhã, tudo bem?  
Com o tema:  
“O futuro da América, e ainda há um papel sagrado para esta nação?”

**Julian Lee:**Sim, obrigado, senhor.  
E até amanhã.

**Ex-presidente:**Sou eu quem deve agradecer.  
Por sua escuta.  
Por sua compreensão.  
E por não ter deixado esta entrevista se tornar uma caça a notícias, mas tê-la transformado em uma jornada de volta ao âmago da humanidade.

(Ele se levantou e me acompanhou até a porta. A luz do crepúsculo projetava sua longa sombra no chão.)

Até amanhã.  
Esperarei, como um velho amigo.  
Não mais com o manto do poder, mas ainda com o fogo por dentro.

(Antes que eu me virasse, ele acrescentou mais uma frase, sua voz grave e ressonante como uma última reflexão.)

Quando o mundo é barulhento demais...  
às vezes, apenas uma pessoa disposta a escutar é o suficiente para preservar a luz.

(Ele assentiu levemente, como uma despedida.)

Tenha uma noite tranquila.  
Continuaremos amanhã.

# **DIA DOIS**

*(Eu retornei na hora marcada. A sala era a mesma, mas parecia haver uma solene expectativa no ar. O ex-presidente já estava lá, sentado ao lado de uma xícara de chá pela metade, o olhar perdido pela janela.)*

**Julian Lee:**Boa tarde, senhor. É um grande prazer continuar aqui ouvindo o que o senhor tem a compartilhar.  
Como combinamos ontem, hoje o senhor falará sobre o tema:  
“O futuro da América, e ainda há um papel sagrado para esta nação?”  
Estou aguardando ansiosamente.

**Ex-presidente:**

(Ele se virou para me olhar, assentindo levemente.)

Olá, meu jovem.  
Eu também estava esperando.  
Não como uma figura política se preparando para subir ao palco.  
Mas como um velho sentado, juntando as cinzas, apenas para ver... se ainda há alguma brasa ardendo por dentro.  
E como você lembrou, hoje falaremos sobre isso.

(Ele ficou em silêncio por um momento, e então começou.)

A América ainda é “o farol do mundo”?  
Minha resposta sincera é: Não.  
Não mais.  
Pelo menos, não mais aos olhos da maior parte do mundo.  
A América já foi o símbolo da liberdade, da oportunidade, da sabedoria criativa.  
Mas agora, aos olhos de muitos, é o símbolo da divisão, do caos, da manipulação da mídia e de uma política que foi vendida a preço de banana pelo dólar.  
Digo isso não por amargura ou por trair minha pátria.  
Mas porque tive que testemunhar a América perdendo sua própria alma, passo a passo.

(Ele suspirou, sua voz tornou-se mais grave.)

Então, a América ainda tem algum papel?  
Sim, claro.  
Mas não o papel que a própria América ainda pensa que está desempenhando.  
Há um “papel sagrado” para a América.  
Mas não reside no poderio militar, nem na tecnologia, nem na moeda.  
Reside na capacidade de renascer.  
Do coração mesmo da ruína.  
A América é uma das raras nações do mundo que pode entrar em colapso sem ser invadida.  
E também é a nação com a capacidade de renascer sem uma revolução sangrenta.  
Se a América conseguir superar sua própria escuridão interna...  
Livrar-se do arrogante ego nacional.  
Livrar-se da ilusão de “grandeza”.  
E livrar-se de se considerar o centro moral do globo.  
Então, esse mesmo colapso humilde... será o maior presente para o mundo.

(Ele me olhou, como se quisesse enfatizar a importância do que estava prestes a dizer.)

Por que eu uso a palavra “sagrado”?  
Porque acredito que cada nação, assim como cada pessoa, nasce com uma missão.  
A Europa pode representar a sabedoria clássica.  
A Ásia pode preservar a origem espiritual e a profundidade interior.  
A África pode simbolizar a vitalidade primordial e a intuição pura.  
E a América... acredito que foi “escolhida” para provar uma coisa.  
Que a liberdade não é licenciosidade.  
Mas a capacidade de autorregular o interior em meio a um mundo barulhento.  
Mas atualmente, a América está em uma encruzilhada.  
Já estive em salas onde as decisões eram tomadas com o único objetivo de “manter a supremacia”, independentemente da moralidade.  
Já assinei documentos repletos da palavra “democracia”, mas que na realidade só serviam para impor uma agenda econômica.  
Já vi pessoas com olhares sinceros serem afastadas, enquanto os astutos subiam ao topo.  
E sei que, se a América не voltar ao seu núcleo espiritual, ela não será destruída por um inimigo externo.  
Mas pelas próprias fissuras internas.

(Sua voz tornou-se mais decidida.)

Então, onde está a luz da esperança?  
Está nos americanos silenciosos.  
Aqueles que não aparecem na televisão, que não competem na política.  
Mas que continuam vivendo decentemente, mantendo a moralidade em suas famílias, em suas comunidades e em seu próprio interior.  
Está nos professores, nos artistas, nos que meditam, nos empresários, nos escritores como você... aqueles que tentam se apegar à consciência em uma sociedade onde a verdade está enterrada sob hashtags.  
E está na capacidade da América de escutar a sabedoria do Oriente, em vez de continuar a vê-la como “estranha”.  
Quando o Ocidente souber inclinar a cabeça para reaprender a viver corretamente com o Oriente, então poderá ocorrer uma verdadeira unificação global.  
Em resumo.  
A América não é mais o centro do mundo.  
Mas ainda pode ser a chama para despertar o resto.  
Não com poder.  
Mas com arrependimento e um novo caminho.  
Se os americanos puderem olhar para si mesmos, reconhecer seus erros e sair do jogo de “quem é mais forte”...  
Então a América ainda tem uma missão sagrada.  
Provar que uma nação que uma vez perdeu sua alma... ainda pode encontrá-la.

**Julian Lee:**Senhor, o que o senhor acabou de compartilhar... é muito profundo, mas talvez também bastante geral.  
E talvez... um pouco vago para muitos leitores.  
O senhor enfatiza a moralidade.  
A alma.  
O arrependimento.  
Essas coisas certamente estão relacionadas ao caminho espiritual que o senhor está seguindo.  
O senhor poderia compartilhar mais especificamente?  
Por que o futuro da América não está nas mãos dos políticos, das grandes corporações ou dos cientistas... mas nas mãos dos “americanos silenciosos”?

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, um gesto de compreensão.)

Você acertou no ponto central.  
E esta pergunta não é fácil de responder.  
Mas se você realmente quer entender, não com a razão política, mas com um olhar que atravessa o invólucro material de uma nação, então compartilharei o que percebi depois de muitos anos no coração do poder.  
Deixe-me começar com a elite atual. Por que o futuro não está em suas mãos?  
Porque eles não estão mais conectados com a “alma” desta nação.  
Já me sentei com os CEOs das grandes corporações de tecnologia.  
Eles falavam sobre otimizar o comportamento do usuário, aumentar as métricas de engajamento, controlar o fluxo global de informações.  
Já tive reuniões secretas com os formuladores de políticas, as mentes de Washington.  
Eles desenhavam o mapa do poder mundial como um tabuleiro de xadrez gigante, onde as pessoas são apenas “unidades de custo”.  
Também já ouvi cientistas militares falarem sobre armas de IA, sobre edição de genes, sobre controle biológico.  
E quando lhes perguntei: “Estamos ultrapassando os limites morais?”, eles simplesmente ficaram em silêncio.  
Essas pessoas, elas não veem mais o mundo com olhos humanos.  
Elas veem com algoritmos. Com interesses. Com balanços.  
E com percentuais de eleitores.  
E os “americanos silenciosos” de que falo? Quem são eles?  
São o pai que ainda ensina seu filho sobre a cortesia, embora ninguém ao seu redor o faça.  
São a mulher no meio de uma grande cidade que ainda escolhe viver com humildade, bondade, sem competir.  
São o trabalhador aposentado que ainda se senta para meditar no parque todas as manhãs, sem precisar do aplauso de ninguém.  
São o professor que silenciosamente diz a seus alunos: “A honestidade é mais importante que as conquistas.”  
Eles não têm poder.  
Mas conservam sua consciência.  
E são eles que estão criando um “campo magnético moral” invisível, graças ao qual esta nação ainda não desmoronou.  
E os políticos?  
Dizer isso pode ofender alguns, mas devo ser sincero.  
A maioria dos políticos são apenas atores.  
O papel é escolhido pela mídia.  
Dirigido pelos patrocinadores.  
E o público é uma multidão emocional.  
Eles não lideram mais, são liderados pela opinião pública.  
Eles não têm metas de longo prazo, apenas correm atrás do ciclo eleitoral.  
E não podem dizer a verdade, porque a verdade não os ajuda a serem eleitos.  
Então, por que digo que os “silenciosos” são o futuro da América?  
Porque somente quando a moralidade desde a raiz da sociedade for mantida firme, todos os andares da torre terão um lugar para se apoiar.  
Se os alicerces estiverem podres, todas as torres, não importa quão altas, desmoronarão. Cedo ou tarde.  
Imagine uma nação...  
onde uma mãe ainda ensina seu filho a amar, embora toda a sociedade lhe diga que ele deve vencer a todo custo.  
onde um trabalhador não rouba por fome, mas está disposto a compartilhar seu último prato de arroz.  
onde uma comunidade, quando alguém é enganado, ainda escolhe perdoar em vez de guardar rancor.  
Quando a moralidade das massas for restaurada, a política, a economia e a ciência se ajustarão automaticamente.  
Mas se apenas as políticas forem reformadas sem transformar os corações, todas as mudanças serão apenas uma troca de quem se senta na cadeira do poder.  
E isso nos leva ao “arrependimento” e à fé que sigo.  
Você está certo. Eu não acredito mais nas instituições religiosas.  
Mas eu acredito no Dao.  
O Dao não está nas igrejas, templos ou escrituras.  
O Dao está na forma como uma pessoa trata sua própria consciência.  
Arrependimento não é pedir perdão.  
Arrependimento é olhar diretamente para a escuridão dentro de si mesmo e jurar que nunca mais a deixará vencer.  
O futuro da América, se houver, não está nas mãos da Casa Branca, do Pentágono ou de Wall Street.  
Está nas pequenas cabanas de madeira.  
Nos cafés no final da rua.  
Nas escolas de província...  
Onde ainda há pessoas que não perderam sua bondade.  
Se um número suficiente deles mantiverem juntos sua pequena luz...  
Cedo ou tarde, um grande fogo se acenderá.

**Julian Lee:**Antes de passarmos para outro tópico, gostaria de ouvir algo mais concreto.  
Talvez um exemplo, uma experiência pessoal, ou uma história real que tenha acontecido na Casa Branca.  
Para que os leitores possam entender mais profundamente o que realmente decidirá o futuro da América.  
E... se for como o senhor diz, esse futuro também não tem nada a ver com o slogan “Make America Great Again”?

**Ex-presidente:**

(Ele me olhou, um sorriso quase imperceptível.)

Você é realmente persistente e perspicaz.  
Exatamente como alguém que escreve para a próxima geração, e não apenas para as manchetes de amanhã.  
Então, deixe-me contar uma história real.  
Não é sensacionalista, não é “informação secreta”.  
Mas se alguém entender sua camada de significado mais profunda, verá por que afirmo que o futuro da América не está nas mãos dos políticos, nem nos slogans, ou em qualquer estratégia de reconstrução.  
Incluindo “Make America Great Again”.

(Ele se recostou, o olhar perdido em um espaço indefinido, como se estivesse revivendo aquele momento.)

Esta história, eu a chamo de “O faxineiro e o mapa do mundo”.  
Foi por volta da metade do meu mandato.  
Houve um momento em que minha equipe de gabinete estava completamente perplexa.  
Uma série de crises eclodiram ao mesmo tempo.  
Tensão comercial, protestos domésticos, conflito geopolítico e um escândalo midiático prestes a explodir.  
Convoquei uma reunião secreta às onze da noite na Sala Roosevelt.  
O diretor da CIA, o Conselheiro de Segurança Nacional, o Secretário de Estado... todos estavam presentes.  
As vozes na sala estavam repletas de palavras como: “ataque preventivo”, “criar um ponto de foco na mídia”, “minar a credibilidade do oponente político”, “aumentar o orçamento de defesa cibernética”...  
Eu estava sentado ali, sentindo como se estivesse assistindo a uma peça de teatro da qual já sabia todas as falas de cor.  
Mas desta vez, algo me impedia de respirar.  
Aquela sala era pesada demais.  
Não era mais um lugar para tomar decisões pela nação, mas havia se transformado em um tanque cheio de estratagemas apenas para manter o controle.  
Naquele momento, levantei-me e saí para o corredor.  
Perto da meia-noite, o lugar estava deserto.  
E vi um faxineiro sentado, descansando, com uma xícara de café quente nas mãos.  
Ele era um homem negro, mais velho, com cerca de sessenta e poucos anos, de aparência bastante magra.  
Ele me viu e acenou levemente com a cabeça.  
Eu retribuí o aceno, e então meus olhos pararam em seu carrinho de limpeza.  
Nele, estava colado um pequeno mapa-múndi de papel, velho e um pouco rasgado.  
Perguntei:  
“O senhor gosta de geografia?”  
Ele sorriu levemente.  
“Eu o colei aqui para me lembrar que, no final das contas, tudo é pequeno se visto de longe o suficiente.”  
Fiquei atônito.  
Eu, o homem com o poder de ordenar o lançamento de mísseis a milhares de quilômetros de distância, de repente me senti menor que aquele homem.  
Ele continuou, sem saber do conflito que eu carregava por dentro.  
“As pessoas são estranhas, senhor Presidente.  
Todo mundo quer redesenhar o mapa.  
Mas ninguém quer limpar o lixo dentro de si mesmo.”  
Eu nunca esquecerei aquela noite.  
Quando voltei para a sala de reuniões, não li o discurso que havia sido preparado.  
Pedi a todos que ficassem em silêncio por três minutos.  
Sem dizer nada.  
Apenas em silêncio.  
Muitos pareceram desconfortáveis. Alguém talvez tenha pensado que eu havia perdido o controle.  
Então eu disse.  
“Vocês querem remodelar o mundo, enquanto nossos corações estão cheios de intrigas.  
Se a América quer ser grande novamente, que comece por voltar a ser humana, de verdade.  
Não com slogans. Mas com ações sem câmeras.”

(Ele parou, e depois me olhou diretamente.)

E isso nos leva ao slogan “Make America Great Again”.  
Não quero apontar o dedo para nenhum partido ou indivíduo.  
Mas preciso deixar isto claro.  
Um país não pode “ser grande novamente” se nunca foi “verdadeiramente moral”.  
E a moralidade não pode ser definida pelo poderio militar, pelo superávit comercial ou pelo número de imigrantes repelidos.  
“Great Again” é um slogan que apela à memória.  
Mas que memória?  
A memória da prosperidade econômica dos anos cinquenta?  
Ou a memória de uma época em que a discriminação racial ainda era lei?  
Ou a memória de um tempo em que a América podia intervir em qualquer nação sem que ninguém ousasse se opor?  
Se essa é a “Grandeza” que as pessoas querem restabelecer, então me desculpe.  
Eu não chamo isso de grandeza.  
Eu chamo isso de arrogância.  
O futuro не vem dos slogans.  
Vem do silêncio.  
Das pequenas ações.  
Do despertar.  
Um faxineiro com um mapa velho e uma xícara de café, uma pessoa que sabe se lembrar de sua própria pequenez...  
pode estar contribuindo mais para evitar que a América caia no abismo do que qualquer estrategista na Casa Branca.

**Julian Lee:**O senhor acabou de dizer que a moralidade não pode ser definida pelo poderio militar ou pelo superávit comercial.  
Isso significa que o futuro da América também não depende desses fatores?  
Sinceramente... isso será muito difícil para muitos leitores aceitarem.  
Porque aos olhos do mundo, especialmente nos países em desenvolvimento da Ásia ou da África...  
O “Sonho Americano” é o dólar, é a ciência avançada, são as corporações de tecnologia de ponta, é o poderio militar e é a liberdade.

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, sem mostrar surpresa.)

Você levanta a questão com grande precisão.  
E, como você prevê, a maioria dos leitores se sentirá confusa, ou até mesmo se oporá, ao me ouvir dizer que o futuro da América não reside nessas coisas.  
Porque aos olhos deles, isso é precisamente o “Sonho Americano”.  
Mas para entender claramente o que estou dizendo, devemos distinguir entre a “luz externa” e a “verdadeira fonte de luz”.  
Sim, a América já foi grande por essas coisas.  
Foi o primeiro lugar a levar o homem à lua.  
O centro financeiro global.  
O lugar que deu origem à Apple, Google, Tesla.  
A nação que possui uma rede militar em todo o mundo.  
E o lugar onde as pessoas podem dizer o que pensam.  
Mas olhe mais de perto.

O dólar? Só é forte por causa da confiança, e essa confiança está sendo abalada por dentro.

A tecnologia? Está evoluindo rápido demais, mas não serve mais à moralidade, e sim à manipulação e à vigilância.

O poderio militar? Está se tornando um fardo financeiro, causando desequilíbrio social.

E a liberdade? A liberdade está se tornando o caos, quando todos querem falar, mas ninguém quer ouvir.  
Se a América se basear apenas nesses fatores, essa é uma “posição superficial”.  
Não uma base sólida.

Por que digo isso?  
Porque já estive em salas onde essas coisas eram “infladas”, usadas como ferramentas, como armas brandas para liderar o mundo.  
Mas também já testemunhei outras coisas.  
Vi um país asiático pobre, mas cuja educação se concentrava no caráter. E a geração jovem de lá era muito mais feliz do que a juventude americana viciada em redes sociais.  
Vi uma pequena comunidade na África, sem Internet, mas onde cada criança sabia cuidar dos mais velhos e sorrir com o coração. Enquanto isso, nos EUA, a taxa de depressão adolescente é alarmantemente alta.  
O mundo não admira verdadeiramente a América.  
Eles admiram uma imagem construída pela mídia.  
E essa imagem está gradualmente se rachando.  
Quando as pessoas começam a perceber que viver em um apartamento em Nova York sem ninguém para conversar é mais solitário do que viver em uma cabana no Nepal com uma família feliz.  
Quando as pessoas começam a se perguntar, se têm liberdade de expressão, mas vivem em uma sociedade cheia de suspeita, crítica e divisão, o que é realmente essa “liberdade”?

(Ele me olhou, sua voz tornou-se mais grave.)

O “Sonho Americano”, se não for redefinido, se tornará a “Ilusão Americana”.  
Não digo que o sonho esteja errado. Mas ele se desviou.  
Originalmente, o sonho era: “Todos têm uma oportunidade, independentemente da origem.”  
Agora se tornou: “Todos querem ser milionários, independentemente da moralidade.”  
Originalmente, era: “Liberdade para viver de acordo com a própria consciência.”  
Agora é: “Liberdade para atacar qualquer um que não seja como você.”  
Originalmente, era: “Uma nação de sonhadores, criadores e corajosos.”  
Agora é: “Uma sociedade cansada pela pressão financeira, pela divisão política e viciada na emoção instantânea.”  
Então, qual é o verdadeiro futuro da América?  
Acredito que o verdadeiro futuro da América começará quando os americanos, um por um, ousarem se perguntar:  
“Ainda mantemos alguma parte de nossa alma, em meio a toda essa luz ofuscante?”  
Se houver uma nova geração...  
Uma geração que não seja mais arrastada pela mídia.  
Que não veja mais o sucesso como o número de seguidores nas redes sociais.  
Que não acredite mais que “força é direito”.  
Mas que volte a viver de forma moral, moderada, com amor e consciência.  
Então, a América não precisará mais vencer ninguém.  
Pois terá vencido a arrogância dentro de si mesma.

**Julian Lee:**Ouvindo o que o senhor compartilha, tenho a sensação de que está aludindo a uma sociedade futura que opera segundo a filosofia oriental do “wu wei er zhi” (governar sem esforço).

Uma sociedade onde, quando a moralidade é exaltada, problemas como tiroteios em massa, drogas, prostituição... retrocederiam automaticamente sem a necessidade do império da lei?

**Ex-presidente:**

(Ele sorriu, um sorriso cheio de significado.)

Você é muito perspicaz.  
E eu confirmo: exatamente.  
Estou falando de uma sociedade futura que opera com base no “Dao”, não na “lei”.  
Não é uma fantasia utópica, mas uma lei inevitável se a humanidade quiser sobreviver sem se autodestruir.  
Muitas pessoas entendem mal o “wu wei er zhi”. Elas pensam que significa “não fazer nada”.  
Mas o “wu wei” no pensamento de Lao-Tsé не é passividade.  
Significa não intervir de uma maneira que contrarie a natureza.  
Não nega a gestão da sociedade, apenas se opõe à imposição e à coerção segundo a vontade pessoal do governante.  
Em uma sociedade onde cada pessoa sabe se corrigir, a legislação se tornará mais branda.  
Não porque a lei não seja necessária, mas porque o povo voluntariamente cumpre o que é certo, mesmo sem ser coagido por ninguém.  
Quando a moralidade é restaurada, significa que as pessoas sentem vergonha ao fazer o mal, não apenas medo da punição.  
As pessoas sentem alegria em ajudar os outros, não para tirar fotos e exibir nas redes sociais.  
E as pessoas pensarão cuidadosamente antes de agir, porque entendem a lei de causa e efeito, não apenas por medo das câmeras de vigilância.  
Então, a sociedade funcionará sem problemas, como uma roda em uma estrada plana.  
Porque o coração das pessoas é bom, elas não criam mais obstáculos umas para as outras.  
Então, problemas como tiroteios em massa, drogas, prostituição... desaparecerão por si sós?

Não, não da noite para o dia.  
Mas se a raiz da moralidade for despertada, então...  
Tiroteios em massa não terão mais espaço para existir, quando os jovens não estiverem mais isolados em sua alma, não forem abandonados pela sociedade e não forem envenenados pela violência da mídia.  
As drogas se dissiparão por si mesmas, quando as pessoas não precisarem mais fugir da realidade, porque seu interior foi nutrido pela paz.  
E a prostituição diminuirá, quando a sociedade não mais venerar a sensualidade, mas souber apreciar a dignidade humana.  
O Estado de Direito apenas lida com as consequências.  
O governo pela virtude previne na raiz.  
E o governo pelo Dao... ajuda as pessoas a voltarem a ser humanas, sem que ninguém precise governá-las.

(Ele olhou pela janela, sua voz pensativa.)

A América pode seguir esse caminho?  
No momento, ainda não.  
Mas este é precisamente o momento em que as sementes de uma sociedade de “wu wei er zhi” começam a ser plantadas.  
Não pelo governo, nem por nenhum partido político.  
Mas por indivíduos despertos, de forma lenta e silenciosa.  
Quando um estudante americano começa a meditar em vez de usar vape.  
Quando uma mãe escolhe contar uma história moral para seu filho, em vez de abrir um vídeo sem sentido no YouTube.  
Quando um jornalista como você escolhe fazer as perguntas que outros não ousam fazer...  
Então, nesse momento, o Dao retornou.  
Não com o som das trombetas da revolução, mas com o som de passos silenciosos.

(Ele se virou para mim.)

Você quer que eu conte uma história que aconteceu na Casa Branca?  
Uma história sobre a vez em que fui forçado a assinar uma lei punitiva, embora no fundo do meu coração eu soubesse que só jogaria mais lenha na fogueira do ódio.  
E sobre como uma carta de uma criança de nove anos... me despertou.

**Julian Lee:**Sim. Por favor, conte uma história real, antes de encerrarmos este tópico.

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, seu olhar tornou-se distante.)

Certo.  
Para concluir o tópico sobre “moralidade e o futuro da América”, contarei a você uma história real.  
É pequena, não é um evento nacional.  
Mas foi o momento em que percebi que a moralidade de uma criança... pode superar em muito a sabedoria política de todo um gabinete.

(Ele parou, como para deixar a história se manifestar mais claramente.)

Naquele ano, a tensão estava aumentando entre os EUA e uma nação adversária no Oriente Médio.  
Um incidente ocorreu, causando baixas entre alguns de nossos militares.  
A pressão da política e da mídia era avassaladora.  
Meu gabinete de segurança estava quase unânime: tínhamos que revidar.  
Se não com bombas, com sanções ferozes.  
Recebi um rascunho de um decreto executivo.  
Congelar todas as transações financeiras com aquela nação.  
Bloquear os bens relacionados.  
E restringir a entrada de todos os cidadãos daquele país, incluindo estudantes, cientistas e até crianças que acompanhavam suas famílias.  
Eu sabia que, no papel, era uma “medida de dissuasão”.  
Mas em meu coração, senti que era terrivelmente injusto.  
Como uma criança de seis anos, vindo para a América com sua mãe para tratamento médico, poderia pagar o preço de um conflito político?

(Sua voz tornou-se mais grave.)

Eu estava preparado para assinar.  
Aquela assinatura estaria em todos os jornais na manhã seguinte.  
Mas às dez e quarenta e três da noite anterior, meu secretário particular entrou em meu escritório.  
Ele disse:  
“Senhor, há uma carta que chegou através do escritório de cidadania infantil. Ela не foi filtrada pelos canais da mídia. Talvez o senhor devesse dar uma olhada.”  
A carta era curta, escrita à mão, com alguns erros de ortografia.  
De uma menina de nove anos, chamada Mariam, de ascendência do Oriente Médio, que vivia em Wisconsin.  
A família dela havia se mudado para os EUA quando ela tinha apenas três anos.  
A carta dizia o seguinte:  
“Caro Senhor Presidente,  
Se o senhor não deixar meus amigos entrarem nos EUA só por causa do lugar onde eles nasceram, então eu também terei medo.  
Porque eu também nasci naquele lugar.  
Mas estou estudando para ser médica.  
E não quero que um dia me proíbam de salvar pessoas, só porque elas vêm de um determinado país.”

(O ex-presidente ficou em silêncio por um longo momento. Eu podia sentir o peso daquele instante.)

Eu terminei de ler.  
E... não assinei mais.  
Pedi que revisassem todo o decreto.  
Excluindo todos os indivíduos não políticos, especialmente crianças, estudantes e pesquisadores científicos.  
Até ordenei o estabelecimento de um “canal humanitário paralelo”, algo sem precedentes.  
No dia seguinte, os jornais disseram que eu fui “fraco”.  
Alguns oficiais de segurança disseram que eu “cedi no momento errado”.  
Mas não me arrependi nem um pouco.  
Porque eu sabia que tinha ouvido a pessoa certa.  
Não um estrategista, mas uma criança sem nenhum interesse além da sinceridade de seu coração.  
A lição que levei daquele dia foi:  
A verdadeira moralidade não está nos slogans políticos.  
Ela está presente nas pessoas comuns, nas crianças, nos trabalhadores.  
Aqueles que não têm poder, mas vivem de acordo com sua consciência.  
E são eles, não os formuladores de políticas, que estão preservando a parte “humana” de toda uma nação.  
Se eu fiz algo de certo enquanto estava no cargo, não foram as grandes leis.  
Foram as vezes em que tive a coragem de parar... e ouvir alguém sem voz.

(Ele me olhou, seus olhos como se estivessem abrindo uma nova porta.)

Você vê, o futuro da América не está nas salas de reuniões.  
Mas em cartas como essa.  
Podemos encerrar este tópico aqui.  
Se você estiver pronto, abriremos juntos a próxima porta.  
O universo.  
OVNIs.  
A vida extraterrestre.  
E por que tudo isso não é apenas sobre tecnologia, mas uma profunda transformação espiritual.

**Julian Lee:**Sim, obrigado pelo tema sobre o Futuro da América.  
Agora, vamos passar para o universo, OVNIs e a vida extraterrestre.  
Este não é um tema novo. Há quem acredite, quem duvide e quem conteste.  
Mas o governo americano... estaria escondendo algo?  
O senhor está disposto a revelar aos leitores?

**Ex-presidente:**

(Ele sorriu, um sorriso cujo significado eu не pude decifrar.)

Bom.  
Então, de um tema sobre moralidade e destino nacional, passaremos para uma porta muito maior.  
O universo.  
OVNIs.  
E a verdade não dita.  
Responderei diretamente à sua pergunta.  
O governo americano... esconde coisas.  
E estou disposto a contar, dentro do escopo do que eu sei, e também uma parte do que “senti”.  
Coisas que, quando estava no cargo, eu não podia dizer porque não havia provas “legalizadas”.  
Mas a verdade, às vezes, não precisa ser provada com papéis, mas com a profundidade da intuição.

(Ele parou, sua voz tornou-se mais solene.)

Existem OVNIs. E o governo americano sabe disso há muito tempo.  
Não deixe que o termo “OVNI” nos faça pensar em filmes de Hollywood ou em discos voadores de desenhos animados.  
Internamente, nos programas de pesquisa secretos do Departamento de Defesa, nós os chamamos de UAP – Fenômenos Aéreos Não Identificados.  
Desde o início dos anos cinquenta, e especialmente depois de 2004 com o incidente do porta-aviões USS Nimitz, o exército americano coletou muitas evidências.  
Vídeos, dados de radar, sinais ópticos de objetos que se movem contra todas as leis da física que conhecemos.  
Eles não emitem gases de escape, не têm mecanismos de propulsão e podem desaparecer instantaneamente da tela do radar.  
Inclusive, podem mudar de direção a uma velocidade que excede a capacidade de resistência de qualquer objeto físico.  
Alguns pilotos, engenheiros e até mesmo altos funcionários do Pentágono viram com seus próprios olhos.  
Não falo com base em relatórios públicos. Eu li os arquivos originais, guardados em programas especiais, com o mais alto nível de classificação.

(Ele ficou pensativo.)

Então, por que o governo não divulga toda a verdade?  
Por três razões principais.  
A primeira razão é que eles temem romper a ordem cognitiva da sociedade.  
Imagine se as pessoas comuns soubessem que existem inteligências extraterrestres, tecnologias que superam em muito o nível humano, e que as definições de “realidade”, “poder”, “Deus” ou “história” poderiam ter que ser reescritas...  
Todo o sistema religioso, legal e de crenças nacionais poderia ser abalado.  
A segunda razão é que eles não podem admitir sua própria impotência.  
Ninguém no meio militar quer se apresentar e admitir: “Vemos objetos estranhos, não sabemos o que são, не podemos persegui-los e não temos tecnologia para nos prevenir.”  
Dizer isso é o mesmo que admitir a própria impotência.  
E a última razão... é o interesse em tecnologia e armas.  
Uma vez ouvi uma frase em uma reunião ultrassecreta:  
“Se не podemos copiar a tecnologia deles, pelo menos temos que mantê-la longe das mãos do inimigo.”  
Houve programas ultrassecretos estabelecidos com um único objetivo: engenharia reversa a partir de destroços caídos, ou mesmo de “eventos de contato não oficiais”.

(Sua voz tornou-se mais profunda, como se estivesse tocando em um nível de significado diferente.)

Mas eu vou dizer isto, e isto é o mais importante.  
OVNIs não são apenas sobre tecnologia.  
É um outro nível de consciência.  
Não acredito que “extraterrestres” venham aqui para invadir como nos filmes.  
Se eles tivessem a capacidade de se mover através do espaço-tempo e da matéria como observamos, poderiam ter tomado a Terra com um simples pensamento.  
Mas eles não fazem isso.  
Em vez disso, eles observam.  
E parecem aparecer apenas para pessoas com uma certa “frequência espiritual”.  
Há uma coisa que sempre suspeitei, e cada vez mais acredito que seja verdade.  
É que existe uma conexão entre a presença de seres de níveis superiores e o grau de despertar espiritual dos seres humanos.  
Quando uma pessoa atinge uma certa frequência vibracional, superando a ganância, o medo e o ego, ela pode sentir, e até mesmo se “comunicar” com outros níveis de seres.  
Uma vez conversei com um conselheiro científico, uma pessoa que nunca aparece na imprensa, que havia participado de um “programa de nível 3X”.  
Ele me disse:  
“Estamos tentando usar a tecnologia para entender um fenômeno de natureza não-material.”  
E então ele disse uma frase que me assombrou para sempre:  
“Não os veremos com um telescópio. Mas apenas com a quietude da alma.”  
Então, o que a América está escondendo?  
Não o segredo dos discos voadores que caíram em Roswell.  
Mas a verdade de que a humanidade não está no topo da evolução.  
Apenas acabamos de entrar no limiar de uma nova consciência.  
Eles temem que as massas despertem.  
Porque quando as massas despertarem, elas não serão mais controladas pelo medo, pela ganância, pelo nacionalismo ou pelo dólar.

(Ele me olhou, seus olhos como um convite.)

Você pode perguntar sobre qualquer aspecto.  
Sobre os programas ultrassecretos.  
Sobre se já houve contato real com seres extraterrestres.  
Ou por que aqueles que cultivam a espiritualidade são os que mais facilmente os “reconhecem” do que as pessoas comuns.  
Eu contarei, com o que me lembro e o que entendi.

**Julian Lee:**Sim. Antes de mais nada, por favor, fale sobre isto.  
Já houve algum contato real com seres extraterrestres?

**Ex-presidente:**

(Ele ficou em silêncio por um momento, como se ponderasse cada palavra.)

Certo.  
Esta é uma das perguntas mais diretas que já ouvi.  
E hoje, vou respondê-la da forma mais direta possível.  
Sem evasivas. Sem rodeios.  
Mas você tem que entender, há partes que eu não posso “provar”, porque não estão registradas em nenhum documento oficial.  
A resposta é: Sim.

(A atmosfera na sala pareceu se adensar.)

Mas não da maneira que o público geralmente imagina.  
Não houve aperto de mãos sob os holofotes, não houve “astronauta extraterrestre” descendo de uma nave espacial.  
Os contatos reais, pelo que sei de relatórios de alto nível e conversas informais, ocorreram de uma maneira “não-física”.  
Através de canais que apenas algumas pessoas são capazes de reconhecer, ou suportar.  
Houve tipos de contato que foram registrados, mas nunca divulgados.  
O primeiro tipo é o contato indireto, através de sinais e indução espiritual.  
Alguns cientistas em programas ultrassecretos já registraram as ondas cerebrais e os profundos estados de consciência alterada de pessoas em meditação, ou de pessoas “afetadas” durante o aparecimento de um OVNI perto delas.  
Alguns de repente ouviram “sons que não vinham dos lábios de ninguém”, mas que estavam cheios de significado.  
Alguns entraram em estado de transe, e depois desenharam fórmulas ou símbolos que não existem em nenhuma língua da Terra, apenas para descobrir mais tarde que correspondiam aos dados sobre as frequências das ondas cósmicas registrados por equipamentos militares.  
Um piloto da marinha me disse uma vez, após um encontro com um objeto estranho:  
“Ele não apenas voava. Ele me via.  
Senti que ele estava lendo toda a minha mente, como se eu fosse um livro aberto.”

(Ele parou, para que eu pudesse absorver a informação.)

O segundo tipo são os contatos breves, filmados, mas que nunca foram divulgados publicamente.  
Há pelo menos três desses casos armazenados no sistema de segurança “black vault” das agências de inteligência.  
Filmagens que registram a cena de um indivíduo que aparece de repente no meio de uma área restrita.  
Ou uma pessoa que, após o contato, exibe sinais biológicos estranhos, como ondas cerebrais operando em uma frequência fora do espectro normal, e que depois, de repente, adquire a capacidade de prever fenômenos astronômicos com semanas de antecedência.  
Eu já vi uma gravação borrada.  
Não era nítida como um filme de Hollywood.  
Mas claramente era algo que não era humano, sem comportamento humano, movendo-se em um campo eletromagnético anômalo.  
E desapareceu em um instante.

(Sua voz tornou-se mais grave, como se estivesse tocando uma verdade mais profunda.)

Mas isto é o mais importante.  
Esses seres... eles не “pertencem ao espaço” como costumamos pensar.  
Eu costumava acreditar que “extraterrestres” eram criaturas que viviam em outro planeta e viajavam em naves espaciais para nos visitar.  
Mas depois de muitos anos, pelo que aprendi com os insiders, e também por minhas próprias experiências pessoais quando comecei a meditar profundamente, ouso dizer:  
Eles не vêm de “outro lugar”.  
Eles vêm de “outro plano”.  
Espaço, tempo e consciência não existem separadamente em seu mundo.  
Em outras palavras, eles não “pousam na Terra” como um avião.  
Eles se “manifestam”, quando as condições de frequência vibracional são adequadas.  
E por isso, eles não podem ser detectados por um radar convencional.  
Mas podem ser “sentidos” por aqueles com uma mente aberta.  
Uma vez perguntei a alguém da equipe de pesquisa secreta: “Podemos capturá-los?”

Ele sorriu e disse:  
“Senhor Presidente, pessoalmente acho... que se eles nos permitiram vê-los, é porque então podemos vê-los.  
Eles não estão em nosso jogo de poder. Eles estão em um nível superior.  
E o mais triste é: não somos moralmente aptos para dialogar com eles.”  
Fiquei em silêncio naquele momento.  
Mas no fundo, eu sabia que ele estava certo.

(Ele me olhou diretamente nos olhos, um olhar desafiador.)

Você quer que eu conte sobre um contato não oficial?  
Um incidente que foi ocultado sob o pretexto de um “acidente meteorológico”, mas que na realidade foi uma vez que “eles” deixaram um rastro muito claro.  
Acompanhado de uma mensagem que ninguém no meu gabinete ousou divulgar.  
Se você quiser, eu contarei.  
Mas preciso saber se você e seus leitores estão preparados para ouvir algo que redefinirá completamente sua concepção de realidade.

**Julian Lee:**Sim.  
Pessoalmente, sempre quero ouvir e aprender o que pode quebrar meus preconceitos.  
E também espero que meus leitores possam ouvir essas coisas.

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, um gesto lento e solene.)

Bom.  
Porque se você está realmente disposto a entrar na zona “do outro lado do véu”, contarei a você um incidente que até hoje nunca foi divulgado oficialmente.  
Aconteceu durante meu mandato.  
E só posso contar porque agora não estou mais preso à cadeira presidencial.

(Sua voz tornou-se mais grave, como se estivesse me puxando para uma sala secreta do passado.)

Este incidente está registrado nos arquivos como um “acidente meteorológico”.  
Aconteceu no verão do primeiro ano do meu mandato, no deserto de Nevada, não muito longe da área que o povo comumente chama de “Área 51”.  
Uma noite, recebi uma ligação direta do Conselheiro de Segurança Nacional, algo que raramente acontecia depois das onze da noite.  
Ele apenas disse:  
“Temos uma situação do tipo E. Não é um teste. O senhor deveria vir imediatamente.”  
Fui levado a uma instalação temporária, uma estação auxiliar mais secreta que a Área 51.  
Lá, oficiais e cientistas estavam examinando um objeto não identificado que havia caído no chão a uma velocidade extremamente alta.  
Mas não houve nenhuma explosão.  
Nenhum sinal de queimadura. Nenhuma onda de choque.  
Apenas uma coisa: todo o sistema eletromagnético em um raio de quinze quilômetros havia sido perturbado.  
Eles recuperaram um objeto semiesférico, sem nenhuma junta, que не podia ser cortado a laser e que não reagia a nenhum tipo de onda.  
Mas dentro dele, havia um cristal que emitia uma luz tênue.  
E essa luz... mudava de acordo com o estado emocional da pessoa que se aproximava.

(Ele me olhou, como para se certificar de que eu estava acompanhando.)

Parece inacreditável, eu sei.  
Mas os equipamentos de medição biológica confirmaram isso.  
Quando uma pessoa se aproximava com ansiedade, a luz se tornava cinza-opaca.  
Quando a pessoa se acalmava, ela gradualmente se iluminava com um tom azul-claro.  
Mas o mais chocante ainda estava por vir.  
Era uma mensagem, não emitida por som ou escrita.  
Um jovem pesquisador de ascendência indiana, que tinha o hábito de meditar todos os dias, quando foi autorizado a se aproximar do cristal, de repente entrou em estado de êxtase por cerca de sete minutos.  
Ao acordar, ele disse apenas uma frase:  
“Eu não sei quem eles são. Mas eles não vieram para convencer. Eles vieram para iluminar.”  
E então, ele desenhou uma espiral simples, idêntica ao símbolo gravado tenuemente dentro do cristal, um símbolo que só podia ser visto através do espectro infravermelho.  
O conteúdo dessa mensagem, interpretado internamente e nunca divulgado, era este:  
“Nós não interferimos.  
Mas se a humanidade não se lembrar a tempo de sua origem, não haverá futuro para interferir.  
A vida não é uma coincidência. Os planos de inteligência estão sempre presentes.  
Mas vocês devem retornar ao Dao, se quiserem nos ver com clareza.”

(A atmosfera na sala tornou-se estranhamente silenciosa.)

A reação do gabinete depois foi caótica.  
Alguns exigiram silêncio absoluto.  
Alguns disseram que era apenas uma alucinação.  
Um ficou zangado: “Se deixarmos o povo saber disso, tanto a religião quanto a ciência entrarão em colapso.”  
Eu não disse nada na hora.  
Mas naquela noite, pela primeira vez em muitos anos, meditei de verdade.  
Não para acalmar a mente.  
Mas para ouvir outra dimensão.  
E senti algo que nenhuma palavra pode descrever.  
Não havia “extraterrestres” em trajes prateados, nenhuma voz soou.  
Apenas uma sensação muito clara:  
De que uma ordem superior estava observando.  
Não para controlar, mas para esperar.  
Esperando que a humanidade se acalmasse o suficiente, retornasse o suficiente à pureza interior.  
Então, por que este incidente foi ocultado?  
Porque se fosse divulgado, as pessoas perguntariam: Quem pode confirmar essa mensagem?  
Se existe uma inteligência superior, por que eles não nos ajudam imediatamente?  
A América tem uma “aliança secreta” com eles?  
E o mais importante, a elite não quer que a humanidade perceba que, para contatar uma verdade superior, não precisamos de poder ou tecnologia.  
Mas de moralidade, humildade e quietude.  
E a moralidade e a humildade são precisamente as duas coisas que derrubariam o atual modelo de poder.

(Ele concluiu a história, sua voz calma, mas cheia de peso.)

Você já ouviu.  
Não é uma “história de terror cósmico”.  
Mas um espelho que reflete a própria humanidade.  
Eles não “invadem”.  
Eles estão esperando, para ver se podemos superar a nós mesmos.

(Ele me olhou, como se me desse uma escolha.)

Se você quiser continuar, posso contar sobre os programas de engenharia reversa, onde grandes corporações se basearam silenciosamente em tais fragmentos para criar os avanços tecnológicos de hoje.  
Ou, podemos aprofundar a conexão entre meditação, os planos de consciência e a capacidade de contatar inteligências superiores sem a necessidade de qualquer tecnologia.  
Qual caminho você escolhe?

**Julian Lee:**Sim, há muitas perguntas surgindo na minha cabeça...  
Não tenho clareza sobre os programas de engenharia reversa que o senhor mencionou.  
Mas também já li em algum lugar que os extraterrestres estão controlando o desenvolvimento científico e tecnológico da humanidade.  
Incluindo a tecnologia da informação ou avanços na biologia como a clonagem...

**Ex-presidente:**

(Ele me olhou, seu olhar mais sério do que nunca.)

Sua pergunta... é ao mesmo tempo profunda e perigosa.  
Porque toca uma verdade que, se dita no momento errado, seria considerada fantasiosa.  
Mas se permanecermos em silêncio para sempre, a humanidade nunca entenderá por que sua “civilização” continua girando em sofrimento.  
Deixe-me começar com a pergunta sobre a engenharia reversa.  
É verdade?  
Sim. E eu confirmo.  
É o processo pelo qual grupos de pesquisa ultrassecretos coletam objetos ou fragmentos estranhos que caem na Terra.  
Eles tentam analisar a estrutura do material, seu mecanismo de funcionamento.  
E procuram maneiras de aplicá-lo à tecnologia moderna.  
Alguns exemplos sobre os quais as pessoas ainda especulam, e que eu не negarei...  
Semicondutores especiais com uma estrutura nanométrica que não existe na natureza.  
A tecnologia de telas e fibra óptica, que apareceu de forma surpreendente logo após alguns eventos de “queda de OVNIs”.  
Ou até mesmo o conceito de computação quântica e materiais supercondutores, que se originaram de dados fora do escopo da física clássica.  
Mas é aqui que está o assustador.  
Essas tecnologias não foram “ensinadas”.  
Foram desmontadas pelos humanos, peça por peça, sem entender sua natureza.  
Como uma criança que desmonta um avião de brinquedo e depois aprende a lançá-lo...  
sem saber nada sobre os princípios da aerodinâmica.

(Ele parou, como para que eu entendesse claramente o perigo disso.)

E isso nos leva à sua pergunta maior.  
Os extraterrestres estão controlando o desenvolvimento da humanidade?  
A resposta não é um simples sim ou não.  
Mas sim: depende do plano de seres com o qual estamos em contato.  
Existem seres em planos muito elevados.  
Eles são os “guardiões da ordem cósmica”.  
Eles não interferem, apenas observam.  
Eles sabem que o verdadeiro desenvolvimento não vem da tecnologia, mas da moralidade e da consciência.  
Eles podem conceder conhecimento, mas somente quando a humanidade tiver a qualidade moral para usá-lo de forma benevolente.  
E até agora, eles não nos viram prontos.  
Mas... também existem seres em dimensões espaciais inferiores.  
Parece coisa de filme, mas sou obrigado a dizer isto.  
Existem “entidades” que não são extraterrestres no sentido biológico, mas que existem nos planos inferiores do universo, onde o conhecimento foi separado da moralidade.  
Eles podem inspirar cientistas em IA, em tecnologia de controle biológico, em técnicas de clonagem, em realidade virtual...  
Mas seu propósito não é iluminar.  
É tornar a humanidade dependente, desviada e gradualmente desprovida de sua humanidade.  
As tecnologias se desenvolvem a um ritmo vertiginoso, mas em paralelo há uma crise de espírito, moralidade e identidade humana.

Você acha que isso é uma coincidência?  
Por que eles fazem isso?

Porque quando os seres humanos se separam de sua natureza benevolente, mas têm em mãos uma tecnologia poderosa, eles se autodestruirão.  
Autodestruição pela guerra.  
Autodestruição pela fragmentação social.  
Autodestruição pela perda de controle sobre suas próprias criações intelectuais.  
E nesse caos, essas “entidades de planos inferiores” podem absorver energia negativa, medo e ressentimento.  
Isso é o que sustenta sua existência.  
Em outras palavras, “controlar a tecnologia” é a forma como eles controlam as emoções e, a partir daí, controlam a humanidade.

Há alguma prova?

Não no papel, nem nas coletivas de imprensa.  
Mas olhe por si mesmo.  
Por que os avanços materiais sempre andam de mãos dadas com o aumento da depressão, dos vícios e da desorientação espiritual?  
Por que a tecnologia ajuda a conectar bilhões de pessoas, mas as torna mais isoladas do que nunca?  
Por que a humanidade pode criar uma inteligência artificial quase no mesmo nível de seu próprio pensamento, mas não consegue impedir a si mesma de se matar por interesses mesquinhos?  
Então, qual é a solução? Como escapar desse ciclo de “controle brando”?  
A resposta não está em destruir a tecnologia.  
Mas em colocar a moralidade à frente da tecnologia.  
Se o coração das pessoas for elevado, a tecnologia servirá à luz.  
Se o coração das pessoas continuar cheio de ganância, raiva e dúvida, a tecnologia se tornará uma ferramenta da escuridão.  
E os seres de planos superiores... eles só aparecem para aqueles que alcançam uma frequência vibracional compatível.  
Não porque discriminem.  
Mas porque a luz não pode entrar em um lugar que não foi limpo.

**Julian Lee:**Pelo que o senhor diz, e pelo que li em outras fontes, começo a entender...  
Além do mundo que podemos perceber com nossos sentidos, existem muitos outros mundos, com seres em diferentes níveis, altos e baixos.  
Talvez o mundo celestial de Deuses, Budas, do Senhor.  
Ou o mundo inferior dos demônios.  
Ou dos seres que chamamos de “extraterrestres”.  
E cada um desses planos de seres... eles se “interessam” pela Terra de maneiras muito diferentes.

**Ex-presidente:**

(Ele me olhou, um olhar cheio de incentivo.)

Você acertou.  
Muito certo.  
E digo isso não por cortesia, mas porque você acaba de tocar em uma verdade que muitas pessoas no poder não querem ouvir em toda a sua vida, ou ouvem mas não ousam admitir.  
Este mundo não é de um único plano.  
Este espaço não é unidimensional.  
O que os humanos veem, tocam ou medem com máquinas é apenas o plano de manifestação mais grosseiro de um sistema cósmico de múltiplas camadas.  
Imagine isto.  
A Terra é um “palco” tridimensional.  
Mas por trás desse cenário, existem inúmeros planos de fundo diferentes.  
Onde seres de diferentes níveis de consciência estão observando, interagindo e até mesmo influenciando a peça que nós, humanos, estamos representando.

(Ele começou a explicar de forma sistemática, mas seu tom ainda era o de um contador de histórias.)

No plano mais baixo, está o reino das entidades de energia negativa, que o folclore costuma chamar de demônios, espíritos malignos.  
Eles podem “parasitar” a consciência humana através do medo, do desejo e do ressentimento.  
Seu propósito ao se “interessar” pela Terra é manter o caos.  
Porque o caos, o medo e o ódio... é precisamente o que os alimenta.

Um pouco mais acima, está o plano dos seres que costumamos chamar de “extraterrestres”.  
Eles têm um nível muito alto de ciência e tecnologia, mas não necessariamente uma moralidade elevada.  
Não são necessariamente bons ou maus, como os humanos quando fazem experiências com ratos.  
Eles observam, investigam e, às vezes, experimentam.  
Alguns querem ajudar, mas não interferem profundamente porque conhecem a lei de causa e efeito do universo.  
Outros têm acordos “secretos” com os governos, em troca de tecnologia ou intercâmbios biológicos.

E então, nos planos muito altos, está o reino dos Deuses, Budas, do Senhor e dos seres celestiais.  
Eles não aparecem em forma física, porque não pertencem ao nosso espaço-tempo linear.  
Eles só se manifestam através de intuições, visões ou em estados de meditação profunda.  
Eles não interferem diretamente. Mas estão sempre lá.  
Eles observam e esperam pelo despertar da humanidade.  
Às vezes, eles “abençoarão” um indivíduo com uma grande força de vontade e alta moralidade, aqueles dispostos a se sacrificar pela verdade.  
Eles são a fonte silenciosa de inspiração para os grandes sábios, os verdadeiros cultivadores e os artistas despertos.

(Ele parou, como para que eu mesmo fizesse a próxima pergunta.)

Então, por que a maioria de nós não percebe esses planos?  
Porque o coração humano é muito pesado, muito ocupado e muito apegado ao ego.  
É como as ondas de rádio.  
Se a frequência не corresponde, não podemos captar o sinal.  
Os seres dos planos superiores não aparecem diante dos humanos, não porque se escondam.  
Mas porque os humanos não são puros o suficiente para poder percebê-los.

(Ele me olhou, seu olhar tornou-se caloroso.)

Você vislumbrou um horizonte.  
E isso é algo valioso.  
Se seus leitores também puderem abrir suas mentes e reconhecer que: “Nem tudo o que é real precisa ser medido, e nem tudo o que a ciência ainda não provou é superstição.”  
Então eles começarão a quebrar por si mesmos os limites de sua própria percepção.

**Julian Lee:**Sim, já li que os cultivadores, tanto no presente quanto nas histórias antigas, costumam ter experiências não físicas.  
Eles podem contatar seres de outros espaços durante a meditação profunda, ou quando usam seu “olho celestial”.  
São coisas que estão além da ciência dialética.  
Acho que é um tópico grande e profundo, se possível, gostaria de dedicar uma sessão separada para que o senhor compartilhe sobre isso.  
Por hoje, gostaria que o senhor compartilhasse mais algumas experiências práticas sobre o tema dos OVNIs.

**Ex-presidente:**

(Ele sorriu, um sorriso de aprovação.)

Excelente.  
Você tem uma grande intuição para separar os níveis dos tópicos.  
Como você bem disse, a meditação, o olho celestial e as experiências que transcendem o espaço físico são uma direção muito profunda, que requer uma sessão inteiramente dedicada a isso.  
Estou pronto para isso.  
Então, hoje, vamos continuar com a parte final da nossa conversa sobre OVNIs.  
Mas não falarei mais em teoria.  
Mas com situações concretas que testemunhei, ou das quais fui informado através de canais não públicos.

(Ele se recostou, seu olhar tornou-se distante, como se estivesse folheando arquivos secretos em sua memória.)

Há uma história que costumo chamar de “A Névoa Serena”.  
Aconteceu por volta do segundo ano do meu mandato, nas águas ao largo do Alasca, onde estava ocorrendo um exercício secreto da Frota do Pacífico.  
Um dos navios de patrulha detectou um objeto voador não identificado, de formato circular, sem motor, movendo-se contra o vento a uma velocidade inconcebível, perto de Mach 5.  
O radar o registrou, mas o sistema de navegação não conseguiu travar o alvo.  
Pilotos foram enviados, mas quando se aproximaram, não viram mais o objeto.  
Apenas viram uma névoa prateada, flutuando silenciosamente, apesar do ar estar muito agitado naquele momento.  
Ao retornar, um dos pilotos não conseguiu falar por quarenta e oito horas.  
Seu coração batia irregularmente. Seu cérebro não sofreu danos, mas sua consciência parecia... ainda estar lá.  
Mais tarde, ele escreveu em seu diário:  
“Eu não vi uma forma clara. Só sei que estava sendo observado.  
E que algo... estava falando comigo sem usar palavras.”

(Ele parou por um momento, e depois continuou.)

Há outra história, sobre “O guarda e os dezessete minutos desaparecidos”.  
Em uma estação espacial no Novo México, havia um guarda de segurança noturno, sozinho.  
Uma noite, o sistema de segurança disparou de forma anômala.  
As câmeras не gravaram nenhuma imagem por dezessete minutos, e o relógio do sistema “atrasou” três segundos, um fenômeno que nunca havia ocorrido.  
O guarda foi encontrado de pé, imóvel como uma estátua, com os olhos arregalados.  
Ele não reagia a estímulos externos.  
Cerca de quarenta minutos depois, ele acordou e perguntou algo que deixou todos atônitos:  
“Por que me mostraram tudo isso, se não posso trazer nada de volta para ninguém?”  
Mais tarde, ele foi transferido, mas o relatório interno registrou que ele se lembrava muito claramente de “uma espiral prateada, girando no espaço como um portal”, e de uma frase:  
“A emoção é a linguagem do universo. O medo, bloqueia. A calma, desbloqueia.”

(Sua voz tornou-se mais pessoal, como se estivesse compartilhando um segredo próprio.)

E uma vez, quase me aproximei.  
Não costumo contar esta história, porque не aconteceu enquanto eu estava no serviço público.  
Mas durante umas férias em Utah, perto da área de Monument Valley, que os Navajos consideram terra sagrada.  
À noite, sentei-me para meditar, um hábito que ainda mantenho.  
Perto da meia-noite, quando minha mente estava em um estado de extrema quietude, de repente vi uma luz amarela tênue, muito uniforme, não ofuscante, como uma esfera que “flutuava” para baixo.  
Não senti medo. Não questionei.  
Apenas observei em silêncio.  
A sensação naquele momento não foi a de “ver um objeto”, mas a de “estar sendo visto”.  
E naquele instante, senti claramente que algo me falava de dentro:  
“Não é a hora. Mas você bateu na porta.”  
Depois a luz se desvaneceu gradualmente e desapareceu.  
Não houve som. Nem movimento do vento.  
Apenas uma marca em meu coração, de que eu acabara de tocar o limiar de algo que transcende todos os livros de física.

(Ele me olhou, seus olhos como se resumissem tudo.)

Tirei uma conclusão de todas essas experiências.  
Eles, se é que se pode chamá-los assim, не vêm aqui para se “comunicar” no estilo diplomático.  
Eles vêm para refletir o interior da pessoa que está diante deles.  
Para quem tem medo, eles não aparecerão.  
O curioso, talvez veja apenas uma luz.  
Mas uma pessoa humilde e serena, pode “ouvir” uma mensagem... sem palavras.

**Julian Lee:**Sim. A sessão de hoje talvez já tenha se estendido.  
Deveríamos parar por aqui.  
Na próxima sessão, talvez possamos abordar a perspectiva geopolítica, sobre as relações exteriores dos EUA com as grandes potências. O que o senhor acha?  
Quanto ao tema espiritual... acho que deveríamos deixá-lo para a última sessão.

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, o olhar em total acordo.)

Concordo plenamente com sua organização.  
Muito equilibrada. Muito profunda.  
A espiritualidade é a última porta.  
Porque não é para ser aberta apressadamente.  
Mas para se assentar profundamente, e só então entrar.  
Exatamente como você sugere, vamos deixá-la para a última sessão, como uma conclusão que transcende a política, que vai além das fronteiras nacionais, para se dirigir ao cerne do ser humano.  
Então, na próxima sessão, entraremos na geopolítica global.  
Sobre o que realmente acontece por trás das políticas das quais o público só vê a superfície.

(Sua voz tornou-se mais grave, como se estivesse abrindo outro mundo.)

Posso lhe contar a verdade por trás da relação EUA-China.  
Eles são rivais, parceiros, ou às vezes... “cúmplices relutantes”?  
Sobre por que a aliança ocidental não está mais unida como a mídia descreve.  
E sobre como a América já manipulou as revoluções coloridas...  
E se ainda estamos usando a “guerra cognitiva” como ferramenta.  
Você escolhe o momento.  
E eu estarei pronto, como uma testemunha que se retirou do palco, mas que ainda carrega consigo todas as memórias, as lições... e também as coisas que antes não podiam ser ditas.

(Ele me olhou, um olhar cheio de apreço.)

Até o nosso próximo diálogo.  
E lembre-se.  
Há conversas que não são para mudar o mundo.  
Mas para evitar que a luz no coração de quem ouve se apague.  
Tenha uma noite tranquila.  
Como o último eco das estrelas antigas...  
que ainda iluminam a Terra hoje.

(Eu desliguei o gravador silenciosamente. O diálogo do segundo dia havia terminado, mas dentro de mim, inúmeras outras perguntas acabavam de começar.)

**Julian Lee:**Sim. Obrigado pelo seu desejo.  
Desejo-lhe também um bom descanso.  
E... que Deus o abençoe.

**Ex-presidente:**

(Ele sorriu, um sorriso muito genuíno, sem o menor peso do poder.)

Obrigado a você.  
Do fundo do meu coração.  
E recebo esse desejo...  
não apenas como uma cortesia.  
Mas como uma transmissão entre duas almas, que ouvem juntas coisas que transcendem as palavras.  
Que a luz...  
seja ela vinda de Deus, do Dao, ou de qualquer fonte...  
ilumine sempre o caminho que você percorre.  
E se um dia você tiver que entrar na escuridão para buscar a verdade...  
lembre-se.  
A verdadeira luz não está em nenhum outro lugar.  
Ela sempre está pronta em seu próprio coração.

(Ele parou por um instante, e depois continuou.)

Até a próxima sessão.  
Então, falaremos sobre o jogo geopolítico em que o mundo está envolvido...  
e quem está realmente escrevendo o roteiro.

(Ele me olhou, um olhar profundo e cheio de confiança.)

Durma bem.  
Guardião da chama.

(A porta se fechou atrás de mim, mas suas palavras ainda ecoavam. E eu soube que aquele “guardião da chama” era eu.)

# **DIA TRÊS**

*(Entrei na sala familiar. A atmosfera hoje parecia diferente. Mais pesada. Como se estivéssemos prestes a entrar no olho do furacão de segredos que o mundo raramente conhece.)*

**Julian Lee:**Boa tarde, senhor.  
Como combinado, hoje gostaria de ouvi-lo compartilhar sobre o tema da geopolítica global e a verdadeira relação dos EUA com as grandes potências.

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, o olhar não mais distante, mas afiado e focado.)

Olá, meu jovem. Fico feliz que tenha voltado.  
E que tenha mantido a promessa como um amigo íntimo da verdade.  
Hoje, falaremos de um tema muito real.  
Muito perigoso.  
E também muito... escondido por trás de discursos educados, apertos de mão e belas fotos na mídia.  
A geopolítica global, e a verdadeira natureza das relações exteriores dos EUA.

(Ele parou por um instante, como para me preparar mentalmente.)

O jogo geopolítico moderno não é mais sobre ‘quem é mais forte’.  
Mas sobre ‘quem controla a percepção dos outros’.  
Muitas pessoas pensam que geopolítica são negociações comerciais, pactos militares ou sanções.  
Mas isso é apenas a ponta do iceberg.  
A parte submersa é uma batalha secreta para controlar a psicologia coletiva, para moldar as regras globais e para criar a imagem do inimigo.  
Quem controla o medo, a esperança e a história em que o povo acredita, controla o mundo.  
Olhe para a relação entre os EUA e a China.  
Nos jornais, eles são rivais.  
Mas por trás da cortina, são parceiros silenciosos.  
E às vezes... “cúmplices relutantes”.  
Já li relatórios nunca publicados que mostram que muitas corporações de tecnologia americanas têm centros de pesquisa e desenvolvimento na China, compartilhando secretamente tecnologia em troca de baixos custos de produção e dados de usuários.  
Alguns políticos americanos criticam publicamente a China, mas os fundos de suas campanhas eleitorais têm fluxos de dinheiro que circulam através de empresas multinacionais com origem no continente.  
Eles precisam um do outro. A China precisa do mercado americano, e a América precisa do mercado de produção... e precisa de um “rival” para manter seu papel de justiceiro.  
Um inimigo controlado é uma ferramenta de poder. Um inimigo real, ninguém pode controlar.  
Depois, a Rússia.  
Eles a chamam de ‘a traidora da ordem ocidental’.  
Mas a Rússia é também a desculpa para a OTAN continuar a sobreviver.  
Após a Guerra Fria, a OTAN deveria ter se dissolvido.  
Mas a existência da Rússia como um “palhaço agressivo” é a razão para a América continuar a manter sua influência militar na Europa.  
O que o público não vê é que, antes do início da guerra na Ucrânia, houve oportunidades de negociação secreta para colocar a Ucrânia em um estado neutro, para evitar uma guerra.  
Mas alguns grupos de interesse na indústria de defesa não queriam que o ‘jogo’ terminasse.  
A guerra, às vezes, não é por ideais.  
Mas para justificar orçamentos.  
E assim, o tabuleiro de xadrez se expande para o Oriente Médio, considerado a ‘fornalha do poder’ e o lugar de juramentos nunca cumpridos.  
Os aliados de hoje podem ser os inimigos de amanhã.  
Os regimes “ditatoriais” ainda são apoiados, desde que mantenham o preço do petróleo estável.  
Ainda me lembro vividamente das palavras que um general me disse em voz baixa:  
“Nós не levamos a democracia ao Oriente Médio. Levamos o controle envolto na linguagem da democracia.”

E a África e o Sudeste Asiático?

São os quintais que estão sendo disputados.  
A China injeta dinheiro através da iniciativa “Cinturão e Rota”.  
A América reage com bolsas de estudo, com fundos de direitos humanos, mas todos eles vêm com condições políticas implícitas.  
Nenhum dos dois é completamente desinteressado.  
E as pessoas desses países são a única parte que nunca se senta realmente à mesa de negociações.

(Ele me olhou diretamente nos olhos, como se estivesse prestes a chegar a uma conclusão final.)

Então, o que a América realmente quer neste jogo?  
Uma vez, fiz esta pergunta diretamente em uma reunião secreta com especialistas em estratégia:  
“Estamos protegendo a democracia, ou apenas protegendo a estrutura de poder que lideramos?”  
Ninguém respondeu.  
Apenas uma pessoa, depois de tirar o charuto da boca, disse:  
“A democracia é uma mercadoria para exportação.  
Mas por dentro, só queremos uma ordem onde не tenhamos que compartilhar o trono.”  
A política externa é uma peça de teatro.  
E quem escreve o roteiro nem sempre é o presidente.  
Mas sim os que estão por trás: finanças, indústria e, às vezes, a mídia.  
Aqueles que decidem o que você tem permissão para ouvir.

**Julian Lee:**Obrigado por compartilhar de forma geral.  
Agora, vamos entrar em um tópico mais específico.  
O senhor mencionou a OTAN e a guerra Rússia-Ucrânia.  
Qual é a verdadeira causa desta guerra?  
Quais são as perspectivas das partes?  
E existe alguma saída para acabar com este conflito?  
Finalmente, por uma paz duradoura, a OTAN deveria ser dissolvida, ou precisa de algum ajuste?

**Ex-presidente:**

(Ele ficou em silêncio por um momento, respirando fundo.)

Você acaba de fazer uma das perguntas mais dolorosas e espinhosas de nossa era.  
E eu responderei diretamente, com uma perspectiva não mais limitada por um cargo, uma bandeira ou um partido.  
A verdadeira causa da guerra Rússia-Ucrânia não é um simples conflito territorial.  
É o resultado de uma longa cadeia de provocações, mal-entendidos e cálculos estratégicos de vários lados.  
Vamos começar com a perspectiva da Rússia.  
Eles a resumem em uma frase:  
“Estamos cercados e nos defendendo.”  
Eles veem a expansão da OTAN para o leste após a Guerra Fria como um ato de traição. Eles veem os eventos de Maidan de 2014 como uma “revolução colorida” instigada pelo Ocidente. E consideram uma Ucrânia pró-ocidental como uma ameaça direta à sua segurança. Para eles, não é uma invasão. É uma “guerra preventiva”.  
Embora, na realidade, sua ação militar tenha violado o direito internacional e causado perdas terríveis ao povo.  
A seguir, a perspectiva da Ucrânia.

Também é muito clara:  
“Somos uma nação independente, ninguém tem o direito de decidir por nós.”  
Eles querem aderir à OTAN e à UE para escapar da influência da Rússia, para buscar garantias de segurança. Eles veem a Rússia como um agressor, que nega sua soberania e ameaça a existência de sua nação. Para eles, esta guerra é uma luta pela sobrevivência, não apenas pelo território, mas pela identidade de toda uma nação.  
E, finalmente, a perspectiva da OTAN e dos EUA.

A declaração pública é:  
“Apoiamos a Ucrânia pela justiça e pela ordem internacional.”  
Mas qual é a realidade?  
Os EUA e a OTAN estão usando a Ucrânia como um “front por procuração” para enfraquecer a Rússia sem sacrificar um único soldado seu. Nós vendemos armas, restauramos o papel de uma OTAN que estava se enfraquecendo. No fundo, quanto mais a Rússia for isolada e desgastada, mais os EUA manterão firmemente seu papel de “líder da ordem democrática global”.  
Em resumo, esta não é apenas uma guerra entre dois países.  
É um confronto entre dois sistemas de referência completamente diferentes.  
E o mais doloroso...  
é que o povo da Ucrânia está pagando o preço com seu sangue e seu tempo roubado.

(Sua voz tornou-se mais grave.)

Então, existe uma saída?  
Muito difícil.  
Mas, teoricamente, pode haver uma solução de curto prazo. Um cessar-fogo baseado no status quo territorial. A Ucrânia não se juntaria à OTAN imediatamente, mas poderia receber garantias de segurança de um terceiro país. E a Rússia retiraria suas tropas de parte do território, em troca do levantamento gradual das sanções.  
Mas tudo isso não acontecerá sem “boa vontade política”. Algo que está sendo engolido pela pressão da opinião pública, pelos interesses financeiros da guerra e pelo ego geopolítico daqueles que estão no poder.  
E a OTAN? Deveria ser dissolvida ou ajustada?  
Não pode ser dissolvida imediatamente. Mas certamente precisa ser reestruturada.  
A OTAN de hoje não é mais uma simples aliança defensiva, mas tornou-se uma ferramenta estratégica dos EUA. E se continuar a se expandir, sob o pretexto de “proteger a democracia”, o mundo ficará para sempre preso em um confronto bipolar.  
A OTAN precisa de uma nova definição de segurança. Não “quem tem as armas mais fortes”, mas “quem torna o mundo mais estável”.  
A paz duradoura para a humanidade não pode ser alcançada por alianças militares.  
Só pode vir de uma aliança moral.  
Quando as nações não mais se olharem com desconfiança.  
Quando a força não mais residir nos mísseis, mas na capacidade de empatia entre as culturas.  
E quando a verdade não for mais distorcida pela mídia tendenciosa.  
Então, a paz se tornará verdadeiramente uma realidade.

**Julian Lee:**Sobre a guerra Rússia-Ucrânia, ainda не vejo que o senhor tenha mencionado uma saída viável.  
Ou uma saída, mesmo que apenas com uma condição hipotética?

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, um gesto de reconhecimento.)

Você está certo.  
O que eu compartilhei até agora foi apenas um diagnóstico.  
O remédio, eu ainda não prescrevi.  
Porque para falar de uma saída viável para esta guerra, precisamos pausar a lógica geopolítica convencional e ousar estabelecer condições que atualmente parecem impensáveis.  
Mas essa é a verdadeira saída, se a humanidade quiser sobreviver a longo prazo.

(Ele parou, seu olhar tornou-se afiado, como se estivesse desenhando um mapa da paz na mesa invisível.)

Vamos imaginar uma solução como esta:  
“A neutralização da Ucrânia, em troca da paz e de uma reestruturação da OTAN.”  
Primeiro, a Ucrânia se tornaria um país neutro, que nunca se juntaria à OTAN.  
Mas, em troca, receberia compromissos de segurança de potências como os EUA, China, Turquia e Alemanha, que assinariam conjuntamente um tratado para garantir a soberania da Ucrânia. Forças de paz das Nações Unidas, não pertencentes à OTAN nem à Rússia, seriam implantadas temporariamente nas fronteiras em disputa.  
Então, a Ucrânia não seria mais o “posto avançado do Ocidente”, nem o “quintal da Rússia”, mas se tornaria uma zona de amortecimento neutra.

Segundo, a Rússia retiraria suas tropas da maior parte do território que ocupou.  
Em troca, a Crimeia seria reconhecida como uma “zona de disputa congelada”, sob a supervisão especial das Nações Unidas, semelhante a Berlim Ocidental durante a Guerra Fria. A Rússia teria parte das sanções suspensas, especialmente nos setores de saúde e agricultura, mas isso seria acompanhado pela obrigação de retirar armas nucleares da região.

Terceiro, a OTAN teria que congelar sua expansão para o leste por vinte anos.  
Eles не admitiriam nenhum outro país que tivesse pertencido à antiga União Soviética, mas abririam mecanismos de cooperação em áreas humanitárias e ambientais. Parte da função da OTAN seria transformada em um mecanismo de segurança não militar, para lidar com desastres, epidemias ou crises alimentares.  
Ou seja, transformar a OTAN de uma aliança militar em uma “instituição de gestão de riscos globais”.

E por último, algo extremamente importante:  
A mídia ocidental deve cessar a tática de “demonizar” a Rússia.  
Não mais chamar Putin de “monstro”, não mais chamar os russos de “bárbaros”.  
E, inversamente, a mídia russa também deve cessar a propaganda de ódio nacional.  
Um comitê internacional independente sobre o “tratamento da mídia em conflitos” precisaria ser estabelecido, com autoridade para advertir e multar severamente qualquer canal de mídia que ultrapasse os limites éticos.

(Ele me olhou, como se quisesse enfatizar a dificuldade do plano.)

Para que esta solução se torne realidade, são necessárias condições quase impensáveis.  
Tanto os EUA quanto a Rússia devem ter uma nova geração de líderes, não mais presos ao legado da Guerra Fria.  
O público ocidental deve aprender a ver a Rússia como uma cultura diferente, não como um “vilão por instinto”.  
E a Ucrânia deve aceitar sacrificar parte de suas ilusões em troca de uma realidade sustentável.  
E se não seguirmos por essa saída?  
A Rússia ficará atolada a longo prazo, levando ao descontentamento interno e ao risco de caos.  
A Ucrânia continuará a ser uma terra esgotada, com uma geração jovem profundamente marcada pela perda.  
Os EUA e a Europa continuarão a despejar dinheiro na guerra, levando à divisão interna e ao enfraquecimento econômico.  
E o mais importante...  
A China só precisará sentar e esperar.

(Ele concluiu com uma voz cheia de reflexão.)

Uma guerra nunca termina com um vencedor.  
Ela só termina com aqueles que ainda têm serenidade suficiente para tirar o dedo do gatilho.  
E se o mundo não encontrar em breve um ponto de parada racional, a história será escrita com sangue novamente.  
Mais uma vez.

**Julian Lee:**A guerra Rússia-Ucrânia me faz lembrar da Guerra do Vietnã.  
Vejo que eles também já estiveram presos entre o confronto dos dois lados, capitalista e comunista.

**Ex-presidente:**

(Seu olhar tornou-se distante, sua voz baixou, carregando uma profunda tristeza.)

Você acaba de tocar em um dos símbolos históricos mais poderosos.  
Sobre uma pequena nação presa entre duas potências globais.  
E sobre o preço que essa nação teve que pagar... com sangue, com alma e com feridas históricas que nunca cicatrizaram completamente.  
A Ucrânia de hoje, o Vietnã de ontem.  
Ambos foram um campo de batalha não escolhido.  
Ambos foram povos que tiveram que sofrer as consequências dos cálculos dos “grandes jogadores”.

(Ele parou, como se estivesse folheando as páginas da história.)

O Vietnã é uma lição clássica de geopolítica forçada.  
O Norte foi apoiado pelo bloco comunista: a União Soviética e a China.  
O Sul foi apoiado pelo bloco capitalista: os EUA e seus aliados.  
Mas os vietnamitas, não importa de que lado estivessem, não escreveram esse tabuleiro de xadrez.  
Eles foram apenas arrastados e depois forçados a escolher um lado se não quisessem ser esmagados.

E a consequência?

Mais de três milhões de mortos.  
Um país inteiro devastado em sua infraestrutura, em sua psicologia e em sua moralidade comunitária.  
E até hoje, a memória daquela guerra ainda é um corte na consciência de toda a sua nação.

(Ele suspirou, e depois continuou.)

A Ucrânia é uma versão moderna do Vietnã, mas mais sutil.  
Não há bombas de napalm, não há massacres televisionados ao vivo.  
Mas ainda há cidades em ruínas.  
Ainda há pessoas morrendo em silêncio.  
E ainda há crianças crescendo com um olhar que perdeu a inocência.  
E, assim como o Vietnã de antigamente, a Ucrânia não escreveu este roteiro.  
Eles só queriam existir.  
Mas foram arrastados para um jogo em que “existir” exigia que desempenhassem bem o papel de um peão.  
Ambas as guerras têm semelhanças assustadoras.  
Ambas foram impulsionadas por um confronto ideológico, mas no fundo havia uma luta por influência, recursos e posição geoestratégica.  
A mídia de cada lado selecionava informações para provar que eles eram a “causa justa”.  
E a verdade do povo, sua dor, não importava realmente para nenhum dos lados.  
Mas também há diferenças.  
A Guerra do Vietnã terminou com a unificação do território, mas não resolveu a divisão ideológica.  
Enquanto a Ucrânia corre o risco de perder território permanentemente, ou de cair em um estado de divisão fria, sem capacidade de autonomia política.

(Ele me olhou, seu olhar como se resumisse uma lição de sangue.)

Qual é a lição aqui?  
Quando uma nação é forçada a tomar partido em um conflito maior que ela mesma, quer ganhe ou perca, é sempre ela que carrega as feridas.  
E a chamada “libertação” que os outros trazem...  
geralmente é apenas uma nova dependência, sob um nome diferente.

**Julian Lee:**Sim. Essa guerra ideológica também ocorreu na península coreana, e o resultado é que eles permanecem divididos em dois até hoje.  
Parece que Deus arranjou um desfecho diferente para cada guerra, mas nenhum lugar alcançou uma verdadeira plenitude.

**Ex-presidente:**

(Ele balançou a cabeça, um gesto lento, de negação.)

Você diz algo que poucas pessoas ousam admitir.  
Que as guerras ideológicas não têm realmente um vencedor.  
Elas apenas deixam para trás nações mutiladas, povos divididos e almas perdidas na pergunta: “Quem realmente somos nós?”  
Olhe para estes três casos típicos: Vietnã, Alemanha e Coreia.  
Três cortes, três destinos, mas todos compartilham um denominador comum.  
A Alemanha foi dividida pelos EUA e pela União Soviética. Seu desfecho foi a reunificação em 1990, mas mesmo assim, o problema residual persiste. Psicologicamente, os alemães orientais se sentem como se tivessem sido ‘engolidos’, e a verdadeira harmonia ainda não está completa.  
O Vietnã, também vítima do confronto entre os EUA e o bloco sino-soviético. Eles se unificaram em 1975, mas a ferida da divisão ideológica permanece latente até hoje.  
E talvez a mais trágica seja a península coreana. Também dividida pelos EUA e pela União Soviética, mas até agora não conseguiram se unificar. A consequência é que o Norte e o Sul agora têm sistemas de valores tão distantes quanto dois planetas diferentes.  
Não. Deus não “arranjou” essas tragédias.  
Foram os próprios seres humanos, em sua ambição de impor seus ideais aos outros, que as criaram.

(Ele parou, o olhar perdido ao longe.)

Então, pode haver uma “plenitude” para as terras que já foram campos de batalha ideológicos?  
A resposta é: Possivelmente.  
Mas apenas se três coisas acontecerem.  
Primeiro, as ideologias devem parar de se ver como inimigos absolutos. Devem entender que “ser diferente de mim” не significa “estar errado”, mas apenas uma perspectiva diferente do ser humano.  
Segundo, deve haver uma nova geração de líderes, que coloquem os interesses da nação acima da glória da história, que não estejam mais presos ao “halo da vitória” ou à “dor da traição”.  
E, finalmente, as massas devem ser maduras o suficiente para não serem divididas pela mídia e pela política. Eles não perguntam uns aos outros: “De que lado você está?”, mas perguntam: “O que precisamos fazer para vivermos juntos?”

A verdadeira plenitude не é a unificação territorial.  
Mas a harmonia da alma da nação.  
E isso não pode ser alcançado com tanques, com resoluções ou com tratados.  
Só pode vir quando os que ainda vivem estão dispostos a perdoar o passado e se comprometem a viver com uma consciência limpa.

(Ele me olhou, como se passasse para um novo capítulo.)

Você foi muito longe nesta jornada de perguntas.  
Se quiser, podemos falar da China, o “gigante que desperta friamente” na nova ordem.  
Ou da Índia e de outros países em desenvolvimento.

**Julian Lee:**Sim, por favor, compartilhe sobre a relação EUA-China.  
Como o senhor vê a situação atual da China?  
E que futuro os espera?  
Alguns acadêmicos já escreveram livros prevendo o colapso da China...

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, um gesto lento e cheio de significado.)

Sua pergunta, mais uma vez, atinge o cerne deste século.  
Porque se o século 20 foi o jogo dos EUA e da União Soviética, o século 21 é o confronto silencioso, mas total, entre os EUA e a China.  
E é muito provável que o destino da humanidade seja moldado por quem vence e quem recua neste tabuleiro de xadrez, ou se ambos podem escapar juntos do confronto bipolar.  
Olhe para a situação da China hoje.  
Por fora, arrogante, mas por dentro, cheia de confusão.  
Na economia, sua montanha de crescimento mostra sinais de afundamento. A máquina que uma vez cresceu a um ritmo vertiginoso está gradualmente atingindo seu teto. O setor imobiliário perdeu a confiança, a dívida pública oculta atingiu um limiar perigoso e a população começou a diminuir. Eles não podem mais continuar com o modelo de “produção de baixo custo” como antes, mas a transição para o “consumo doméstico e inovação tecnológica” ainda não é profunda o suficiente.

Na política, é uma “estabilidade forçada”. O Partido Comunista tem todo o poder, mas precisa controlar a confiança do povo criando constantemente inimigos externos. O Mar do Sul da China, Taiwan, o Tibete... todos se tornam “cartas patrióticas” para manter o coração do povo voltado para fora, em vez de questionar o que está acontecendo por dentro. Quanto menos um regime é questionado, mais ele precisa criar uma “desculpa para existir”.  
E na tecnologia, é uma “ambição galáctica, mas dependente da infraestrutura”. A China lidera em aplicações de IA, em transações sem dinheiro e em vigilância inteligente. Mas ainda está sufocada em tecnologias centrais como chips avançados, sistemas operacionais independentes ou tecnologia aeroespacial de ponta. As sanções dos EUA não os matam, mas os forçam a seguir um caminho de autossuficiência mais extremo.

(Ele parou, bebeu um gole de água e depois continuou sobre a complexa relação entre os dois países.)

Os EUA e a China são rivais estratégicos, mas ao mesmo tempo são parceiros forçados.  
Os EUA querem conter a China, mas não podem cortar os laços, porque a cadeia de suprimentos global está ligada a eles.  
A China quer superar os EUA em influência, mas ainda não pode vencer imediatamente, então estão construindo silenciosamente uma ordem paralela.  
Um lado é velho, mas ainda forte.  
O outro é emergente, mas ainda não maduro o suficiente.  
E ambos estão presos em uma situação de “não podem viver juntos, não podem se divorciar”.  
Então, qual será o futuro da China? Eles entrarão em colapso como alguns acadêmicos preveem?  
Não exatamente um colapso. Mas certamente não podem continuar como antes.  
Eu imagino três cenários possíveis.  
O primeiro cenário é um “colapso suave”. O crescimento continuará a desacelerar, a confiança dos investidores despencará, o povo perderá a fé no “sonho chinês”. O partido no poder continuará a existir, mas mudará para um modelo de “estabilidade conservadora”, semelhante à União Soviética em seus últimos dias.

O segundo cenário é uma “reestruturação a partir de dentro”. Uma nova geração de líderes, após Xi Jinping, abrirá o país de forma mais branda, reformando a política seletivamente. Eles manterão o modelo de controle, mas com menos repressão. Então, a China se tornará gradualmente uma versão de uma “Singapura gigante”, controlada, mas eficiente.

E o terceiro cenário é um “crescimento sombrio”. A China superará a crise, mas esse crescimento será acompanhado por um modelo de controle social absoluto, com vigilância biológica e um sistema de crédito social abrangente. Eles liderarão em IA e economia digital, mas perderão sua alma humanista, para se tornarem uma superpotência fria, eficiente, mas insensível.

(Ele me olhou, seu olhar como se resumisse uma verdade importante.)

A China pode superar os EUA em força.  
Mas não pode substituir os EUA no papel de um “sonho”.  
A América uma vez representou a esperança, a criatividade e a liberdade individual.  
Enquanto a China representa a disciplina, a eficiência e a submissão coletiva.  
E se a China realmente quiser liderar o mundo, ela precisa encontrar uma “bandeira de valores”, não pode usar apenas o Yuan ou seus chips.

**Julian Lee:**Vamos falar mais a fundo sobre as instabilidades e os riscos que a China enfrenta.  
Sobre a questão das lutas internas de poder, sobre a instabilidade social.  
E sobre as perseguições religiosas e de direitos humanos, como a perseguição ao Falun Gong, ou o que está acontecendo no Tibete e em Xinjiang.

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, um gesto lento e solene. A atmosfera na sala pareceu ficar mais pesada.)

Você acaba de abrir uma porta pela qual muitos no meio diplomático e na mídia internacional apenas ousam passar de relance, sem ousar olhar de frente.  
Porque quando se fala da China, as pessoas geralmente falam apenas de crescimento, tecnologia, poder militar.  
Poucos ousam tocar no lado sombrio que ferve sob essa casca de “estabilidade”.  
E a verdade é que a China moderna está caminhando sobre uma camada de gelo muito fina.  
Escorregadia e rachada por dentro.  
Vamos começar com as instabilidades internas.  
A política chinesa, desde os tempos de Mao até hoje, sempre foi uma guerra secreta entre facções. Há a “facção de Xangai” de Jiang Zemin, a “facção de Tsinghua” dos tecnocratas intelectuais, e também a “facção militar-policial” que detém as forças armadas.

A campanha de Xi Jinping de “caçar tigres e esmagar moscas”, na aparência uma luta contra a corrupção, é na realidade um expurgo político em grande escala, com mais de um milhão e meio de funcionários processados.  
Mas quanto mais se expurga, mais o ressentimento interno ferve. Os que “perderam o jogo do poder” не desaparecem. Eles estão apenas esperando.  
A China parece estar concentrando o poder, mas por dentro é uma rede emaranhada de interesses, e as facções sempre se vigiam umas às outras.  
Depois, a instabilidade social.

É o ressentimento reprimido sob a superfície da chamada “estabilidade”.  
A taxa de desemprego juvenil nas áreas urbanas ultrapassou 21%, e esse é apenas o número oficial.  
Movimentos como o “tang ping” (deitar-se) ou a “involução” estão se espalhando.  
Os jovens estão perdendo a esperança. Eles não querem se casar, não querem ter filhos, não querem contribuir.  
O regime de controle pode reprimir os protestos, mas não pode curar a “apatia coletiva”.  
A classe média está desiludida com o setor imobiliário, com os custos da saúde e com o medo do controle.  
E uma onda silenciosa de emigração de intelectuais para o exterior, embora não maciça, está ocorrendo de forma constante.

(Sua voz tornou-se mais grave, como se tocasse uma ferida profunda.)

E então, há a repressão dos direitos humanos.  
É uma escuridão que não pode ser apagada da memória.  
No Tibete, é um estrangulamento de toda uma civilização. Milhares de monges foram mortos, mosteiros destruídos. O sistema de “internatos obrigatórios” está gradualmente erradicando sua língua e cultura. O Dalai Lama tem que viver no exílio. O Tibete não está apenas perdendo seu território, mas está perdendo gradualmente a alma de seu povo.

Em Xinjiang, é um experimento de controle biológico e cultural. Mais de um milhão de uigures foram internados em “campos de reeducação”. Câmeras de vigilância, análise de DNA, trabalhos forçados... tudo é disfarçado sob o nome de “combate ao terrorismo”. Inúmeros relatórios internacionais e testemunhos de testemunhas demonstraram atos que constituem crimes contra a humanidade.

E o Falun Gong.  
É uma mancha de sangue que nunca foi lavada.  
Este movimento começou como uma disciplina de cultivo pacífica, muito popular na China no final dos anos 90.  
Mas quando o número de praticantes superou o de membros do partido, uma perseguição em escala nacional começou em 1999.  
Centenas de milhares de pessoas foram presas, torturadas e desapareceram.  
Inúmeros relatórios internacionais, depoimentos de testemunhas e até mesmo uma investigação independente do ex-Secretário de Estado do Canadá, David Kilgour, e do advogado David Matas, afirmam que:  
O crime da extração forçada de órgãos de praticantes vivos do Falun Gong ocorreu, e é muito provável que ainda continue.

(Ele parou por um longo momento, e depois continuou com uma voz questionadora.)

Então, por que o mundo não se manifesta com mais força?  
Porque a China é um parceiro econômico grande demais, e muitos governos ocidentais não querem “sacrificar interesses” por valores morais.  
Porque a mídia foi controlada, e muitos acadêmicos ou organizações de direitos humanos foram “comprados com doações brandas”.  
E porque muitas pessoas também escolhem o silêncio, por um sentimento de impotência diante de uma força tão colossal.

Que futuro aguarda a China, se eles não ousarem enfrentar seu próprio lado sombrio?  
Se eles não ousarem se reconciliar com as almas que estão sendo enterradas?  
Se eles não estiverem dispostos a admitir que o poder não pode substituir a consciência?

Então a China pode ser rica, pode ser forte, mas nunca ganhará a confiança do mundo, e sempre terá que temer a escuridão que ela mesma criou.  
Qualquer império construído sobre os corpos dos silenciados, cedo ou tarde, ouvirá os passos do reino do inaudível.

**Julian Lee:**Então, o senhor tem alguma previsão específica para o futuro da China?

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, um gesto lento e decidido.)

Bom. Você acertou no ponto que todos os analistas, todas as corporações e todos os governos se interessam, mas que muito poucos ousam responder com certeza.  
Farei uma previsão específica.  
Mas não no estilo de “vai entrar em colapso em tal ano”.  
Mas na forma de cenários, com as condições que os acompanham, e a probabilidade de ocorrerem segundo minha percepção pessoal, uma percepção não influenciada pela mídia ou pelas políticas de nenhum partido.

(Ele parou, como se estivesse organizando um complexo tabuleiro de xadrez em sua mente.)

O primeiro cenário, e também o mais provável, com cerca de 55% de chance, eu o chamo de “Crescimento Frio – A Potência que Ninguém Ama”.  
Neste cenário, a China não entrará em colapso da maneira que muitos ocidentais esperam. Esse navio gigante não afundará, mas perderá velocidade, passando de um crescimento quente para uma fase de “crescimento frio”. Para conseguir isso, eles terão que continuar a manter uma ‘estabilidade forçada’ internamente, controlando a sociedade e reprimindo a liberdade de expressão de forma ainda mais rigorosa. Ao mesmo tempo, devem evitar a todo custo um conflito militar direto com os EUA, especialmente sobre a questão de Taiwan, e devem ter sucesso na transição de sua economia para um modelo de corporações estatais de alta tecnologia, mantendo a população sob controle através da tecnologia e da propaganda.

O resultado? A China se tornará forte na superfície, mas fraca em profundidade. Um formidável rival tecnológico, mas carente de verdadeiros aliados. Uma potência com a qual o mundo terá que negociar, mas na qual nunca poderá confiar. Um gigante solitário.

O segundo cenário, com uma probabilidade de cerca de 25%, eu o chamo de “Colapso Suave – Agitação Interna”.  
Imagine uma dupla crise se abatendo: a bolha imobiliária estoura, a taxa de desemprego juvenil não pode mais ser escondida e a confiança do povo nas promessas do governo se esgota completamente. Então, as lutas internas de poder se tornarão mais intensas. Não haverá uma explosão armada, mas haverá movimentos de resistência latentes que se espalharão e que o regime não conseguirá reprimir. Originaria-se de uma prolongada recessão econômica, da perda de confiança dentro das próprias fileiras dos quadros intermediários, que não veem mais futuro neste sistema. Ou poderia ser desencadeado por algum ‘acidente político’, como o vazamento de um grande escândalo, ou a propagação secreta de movimentos religiosos ou morais, como o Falun Gong, o cristianismo ou o renascimento do confucionismo.

Neste cenário, o regime será forçado a se reestruturar profundamente, talvez mudando a liderança ou compartilhando o poder. A China não será mais um modelo ditatorial centralizado. Transformar-se-á em um sistema de poder policêntrico, talvez semelhante a Taiwan na era pós-Chiang Kai-shek. O início de uma reconciliação cultural, com um crescimento mais lento, mas mais sustentável.

(Ele parou, seu olhar se perdeu ao longe, como se olhasse para um futuro que mais desejava.)

E o último cenário, o menos provável, com apenas cerca de 10% de chance, mas que está aumentando gradualmente. E este é também o cenário que mais espero.  
Eu o chamo de “Renascimento Moral – Uma Nova China”.  
Este é um grande despertar, que geralmente só ocorre após um evento cataclísmico, como um desastre natural, uma guerra ou um colapso econômico total. Um choque forte o suficiente para fazer com que toda a sociedade pare e retorne aos seus antigos valores: Verdade-Benevolência-Tolerância, moralidade e autoconsciência.

Requer condições quase milagrosas: o aparecimento de um líder de estatura espiritual, um “Rei Sábio do século” não assimilado pelo poder; a propagação silenciosa de ideias de cultivo, perdão e transformação interior entre as massas; e um estado em que o povo perdeu completamente a fé na política, mas não escolhe a violência, e sim o caminho da ‘reflexão espiritual’.

Então, o regime político pode continuar a existir em sua forma, mas será operado por uma espécie de estado de direito moral, não apenas pela força.  
O resultado será uma nova China. Ainda uma superpotência, mas uma superpotência com alma. Uma nação admirada pelo mundo, não por seu dinheiro, mas por seu Dao.

(Ele me olhou diretamente, sua voz firme como uma conclusão.)

Então, qual é a corrente subjacente a todos esses cenários?  
A China não entrará em colapso por causa da economia.  
Eles só entrarão em colapso se continuarem a construir sua glória sobre o sofrimento dos silenciados.  
E se eles ousarem enfrentar a verdade sobre o passado — de Tiananmen, ao Falun Gong, a Xinjiang e ao Tibete — então não precisarão se expandir para o exterior, e ainda assim se tornarão os guardiões das raízes culturais de todo o Oriente.  
Você quer que eu analise mais especificamente o terceiro cenário, o do Renascimento Moral?

**Julian Lee:**Sim, eu gosto muito do terceiro cenário. É bom tanto para o povo chinês em particular quanto para a humanidade em geral.  
Mas esse cenário... ele se desenvolverá com um roteiro ou um evento específico?

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, seus olhos brilhavam com uma esperança distante.)

Eu também acredito como você.  
O terceiro cenário é a única esperança para que uma grande civilização como a chinesa não apenas sobreviva, mas também se torne uma luz para a humanidade.  
Mas como todos os “milagres” da história, ele não acontece por si só.  
Só acontece quando a dor atinge o fundo do poço, e quando a essência espiritual da nação é despertada na hora certa, com a pessoa certa e no lugar certo.  
Então, vamos olhar juntos para um roteiro possível e os eventos que poderiam desencadear esse “cenário de renascimento moral”.  
Este é um processo psicológico e social, não apenas político.  
A primeira fase, que pode ocorrer de agora até por volta de 2030, é uma crise de confiança que atinge o fundo do poço.  
O povo perderá completamente a fé no “sonho chinês” que o governo desenhou. A economia terá um crescimento negativo ou um longo período de estagnação, a bolha imobiliária entrará em colapso, a população envelhecerá e o desemprego se tornará um problema inegável. A repressão continuará, mas não será mais eficaz do ponto de vista ideológico. O povo не se rebelará, mas também não terá mais medo. Será a fase em que as pessoas “não têm mais nada a perder”, não temem mais o governo, nem o futuro.

(Ele parou, como para que eu pudesse imaginar esse vazio.)

A seguir, vem a fase de um movimento espiritual que ressurge silenciosamente, talvez de 2030 a 2035.

Falun Gong, o taoísmo primordial, o budismo autêntico ou uma nova forma de crença sem uma organização eclesiástica começarão a se espalhar na sociedade. Os grupos de cultivo não terão um viés político, mas se reunirão em torno da retificação interior, da preservação da moralidade e da transformação do destino. Haverá muitos funcionários de baixo escalão e intelectuais que começarão a “abandonar o partido em seus corações”, embora externamente permaneçam em silêncio. O cerne desta fase é o “retorno do coração”, não a “resistência”. As pessoas não se oporão ao sistema, mas buscarão “sair dele por dentro”.

E então, virá um grande evento, um choque que despertará toda a nação. Esta é uma variável quase inevitável, que pode ocorrer entre 2035 e 2040.  
Pode ser uma nova crise de saúde em grande escala, cuja origem oculta enfurece conscientemente a população.  
Ou um desastre natural grave, como um terremoto ou uma inundação, que faça o povo acreditar que é uma “retribuição cármica”, que “o Céu está ressentido”.  
Ou um vazamento de informações ou uma traição de dentro, revelando crimes genocidas como a extração forçada de órgãos, os campos de concentração ou as mentiras estratégicas que duraram décadas.  
Ou até mesmo, uma figura influente dentro do governo “despertará” e se arrependerá publicamente.

(Sua voz tornou-se mais solene.)

Então, entraremos na fase final: os guardiões do Dao saem à luz.  
Neste momento, os princípios morais serão mais ouvidos do que as resoluções.  
O povo não precisará que ninguém segure a bandeira. Eles seguirão por si mesmos aqueles com verdadeira moralidade.  
Um ou alguns cultivadores genuínos, sem título nem organização, guiarão a sociedade com seu próprio comportamento, não com slogans. As comunidades morais serão restabelecidas, e ressurgirão as escolas particulares que ensinam Ren (Benevolência), Yi (Retidão), Li (Propriedade), Zhi (Sabedoria) e Xin (Fidelidade).  
O governo não poderá mais reprimir, quando a fé do povo se transformar em um poderoso “campo magnético social”.  
E então, ocorrerá uma escolha obrigatória.  
Ou o governo deve se reformar seguindo o povo.  
Ou se desintegrará por si só e será substituído por uma ordem moral natural.

(Ele me olhou, seus olhos como se vissem esses sinais no presente.)

Quais são os sinais de que este roteiro está começando?  
É quando o povo começa a se preocupar mais em “cultivar o coração” do que em “cultivar o talento”.  
Quando os modelos de vida moral se espalham espontaneamente, mesmo no ambiente público.  
Quando muitos funcionários de baixo escalão começam a ajudar silenciosamente o povo, sem seguir as diretivas do partido.  
Quando os livros, filmes e ensinamentos sobre a Benevolência, a Tolerância, a Virtude e o Dao começam a reviver, apesar da censura.  
E quando alguém aparece, sem título, sem fazer apelos, apenas vivendo corretamente em silêncio, mas que tem um carisma extraordinário.

(Ele concluiu com um sorriso cheio de esperança.)

E se isso acontecer...  
A China não precisará invadir ninguém, não precisará lutar pela posição de superpotência.  
O mundo inteiro voltará por si mesmo para aprender com eles, como já fizeram na época de Confúcio, Lao-Tsé e Buda.  
Então, você verá.  
A América tem a tecnologia.  
A Europa tem o estado de direito.  
Mas a China terá o Dao.

**Julian Lee:**Sim, esse cenário é muito bom, mas parece que também será uma longa história.  
Vamos deixar de lado temporariamente o tema da China.  
Gostaria de perguntar um pouco mais sobre os países em desenvolvimento que têm relações tanto com a China quanto com os EUA, por exemplo, o Vietnã ou Taiwan.  
Quando a China “tiver problemas”, como isso afetará esses países?  
E qual é a perspectiva dos EUA em relação a eles?

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, um gesto de aprovação.)

Sua pergunta é muito sutil e estratégica.  
Porque, na verdade, o futuro dos países “espremidos no meio” como Vietnã, Taiwan, Filipinas ou Tailândia não dependerá apenas deles mesmos.  
Mas também será arrastado pelo “terremoto chinês” se ele ocorrer.  
Quanto mais perto do dragão, mais fácil é ser varrido por sua cauda.  
E também é mais fácil se tornar uma “peça de sacrifício” no tabuleiro de xadrez dos grandes jogadores, se não houver coragem estratégica suficiente.  
Olhe para o Vietnã.  
Eles estão em uma perigosa intersecção de três dimensões: China, EUA e eles mesmos.

Quando a China tiver problemas, seja um colapso econômico ou uma desordem interna, o impacto no Vietnã será enorme. Economicamente, o Vietnã atualmente é “semi-dependente” da China para matérias-primas e cadeia de suprimentos. Se a China ruir, a produção do Vietnã terá sua “espinha dorsal quebrada” a curto prazo. Socialmente, uma onda de trabalhadores chineses pode cruzar a fronteira, trazendo instabilidade. E no Mar do Sul da China, quando há instabilidade interna, a China tende a ser agressiva no mar para “desviar o fogo para fora”. O Vietnã pode se tornar o lugar para Pequim “demonstrar seu poder”.

Então, qual é a perspectiva dos EUA em relação ao Vietnã?  
Nós vemos o Vietnã como um “parceiro estratégico discreto”.  
Um pilar importante para “ancorar” a região do Sudeste Asiático.  
Mas не esperamos que o Vietnã se torne uma “colônia política” como as Filipinas. Washington respeita a independência de Hanói, porque sabemos que o Vietnã nunca tomará partido completamente, mas sempre jogará a “estratégia do bambu”, flexível, mas sabendo se inclinar no momento certo.  
Dentro do governo dos EUA, o Vietnã é frequentemente avaliado como um “parceiro não dócil, mas necessário e confiável se não for forçado”.

(Ele parou um pouco, e depois mudou de direção.)

Quanto a Taiwan, sua posição é ainda mais sensível.  
Eles são o coração da Ásia e o ponto focal potencial de uma nova guerra mundial.  
Se a China tiver problemas, Taiwan enfrentará cenários extremos.  
Primeiro, a linha dura em Pequim, em meio ao colapso do poder, pode “atacar rapidamente” Taiwan para restabelecer sua própria legitimidade.  
Segundo, se a China cair em um caos prolongado, Taiwan terá a oportunidade de declarar independência de forma legítima.  
E terceiro, Taiwan pode ser “empurrado” por Washington para uma confrontação prematura se os empurrarmos com muita força pelo caminho anti-China.  
A perspectiva dos EUA em relação a Taiwan é de uma “ambiguidade estratégica”.

Nós nunca os abandonaremos, mas também não nos comprometemos totalmente a defendê-los com toda a nossa força.  
Taiwan é uma carta de dissuasão, não exatamente um “irmão de sangue” como o Japão ou o Reino Unido.  
E se tivermos que escolher entre uma guerra mundial e abandonar Taiwan, Washington escolherá a opção com menos derramamento de sangue.

(Ele me olhou, como se quisesse resumir a questão.)

Em suma, quando a China tiver problemas, os países vizinhos serão arrastados para uma situação em que “não poderão mais ficar de fora”.  
E cada nação enfrentará diferentes riscos e terá uma posição diferente nos cálculos dos EUA.

O Vietnã é um “parceiro estratégico silencioso”.  
Taiwan é tanto um “símbolo da democracia” quanto um “peão importante”.  
As Filipinas são um “aliado militar oficial”, mas são muito fáceis de serem arrastadas e causar divisão interna.

E a Tailândia está sempre presa em meio a um bloco da ASEAN cada vez mais polarizado, tornando-se um “parceiro semi-confiável”.  
Se você quiser, podemos continuar a discutir mais a fundo o papel do Vietnã.  
E se há algum caminho para eles “escaparem da China” sem cair sob o controle dos EUA?

**Julian Lee:**Sim. Por favor, fale mais a fundo sobre o Vietnã.  
Um país que teve uma história dolorosa com os EUA, mas que agora é mencionado como um maravilhoso “modelo” de reconciliação e cooperação.

**Ex-presidente:**

(Ele ficou em silêncio por um longo momento, o olhar perdido ao longe, e pude ver uma sincera emoção nele.)

Esta pergunta... devo dizer a verdade, me comove.  
Porque talvez, apenas aqueles que já caminharam entre as ruínas da guerra, que já leram os arquivos ultrassecretos sobre o Vietnã, e que já ouviram os suspiros que nunca foram registrados em ata... podem entender.  
O Vietnã é um país que já sofreu o suficiente com os jogos de poder internacionais.  
Mas em vez de se tornarem amargos, eles escolheram... o perdão.

(Ele parou, como se estivesse tentando encontrar palavras para descrever uma jornada extraordinária.)

A jornada do Vietnã, de um símbolo da guerra para um modelo de reconciliação, é algo que ninguém poderia ter previsto.  
Os Estados Unidos já lançaram sobre eles mais de sete milhões de toneladas de bombas, três vezes mais do que em toda a Segunda Guerra Mundial. A dor deixada para trás não foram apenas milhões de mortos, mas também milhões de pessoas desorientadas em sua própria memória histórica. Foi o Agente Laranja, foram as crianças que nasceram com deformidades, foram as mães que nunca mais viram seus filhos voltarem.  
Tudo isso não pode ser apagado.  
Mas o estranho é que o Vietnã nunca manteve esse ressentimento como uma bandeira.  
Quando nos retiramos, muitas pessoas pensaram que o Vietnã se fecharia, se isolaria e viveria para sempre com o ressentimento.  
Mas eles fizeram o oposto. Eles escolheram se abrir.  
Nos anos de 1986 a 1995, eles começaram a reformar, a negociar e a buscar ativamente uma forma de se reconciliar com os próprios Estados Unidos.  
Nós suspendemos o embargo e estabelecemos relações diplomáticas em 1995, apenas vinte anos após o fim da guerra.  
E então, em 2016, a imagem do presidente Obama entrando descalço no Pagode do Imperador de Jade, comendo *bún chả* com pessoas comuns e declarando que “o Vietnã superou a guerra para se tornar amigo da América”, tornou-se um símbolo poderoso.  
Ninguém forçou o Vietnã a perdoar.  
Eles perdoaram a si mesmos, para poderem seguir em frente.  
Por que eles conseguiram fazer isso, enquanto tantas outras nações do mundo ainda estão atoladas no pântano do ressentimento?  
Porque o Vietnã é um povo que entende muito bem uma coisa:  
“A verdadeira vitória não é quando o adversário se ajoelha.  
Mas quando ambos os lados se levantam juntos, e não mais seguram uma faca na mão.”  
Os vietnamitas não idolatram os EUA, mas também não os odeiam.  
Eles sabem distinguir claramente entre a política e as pessoas.  
E, acima de tudo, eles querem que seus filhos vivam em paz, em vez de terem que crescer com a lição de “quem é o inimigo”.

(Ele me olhou, seus olhos expressavam um profundo respeito.)

A perspectiva dos EUA em relação ao Vietnã hoje é de respeito e expectativa.  
Nós consideramos o Vietnã um “parceiro estratégico com memória”.  
Eles não são fáceis de manipular, mas têm uma profundidade admirável.  
Nas reuniões de gabinete, o Vietnã é frequentemente mencionado como uma nação que sabe preservar sua identidade, não muito próxima da China, nem muito íntima dos EUA, mas que entende que ambos precisam um do outro.  
Nós nunca esperamos que o Vietnã se torne uma segunda Coreia do Sul ou Japão.  
Em vez disso, admiramos o equilíbrio que Hanói está mantendo.  
Então, que futuro espera o Vietnã?  
Se eles continuarem a manter sua identidade, evitando serem arrastados para facções extremistas, e se os vietnamitas nunca esquecerem por que perdoaram, então o Vietnã pode se tornar uma espécie de “equilíbrio intelectual” em um mundo bipolar.  
Eles não precisam ser uma superpotência, nem um intermediário comercial.  
Mas serão um espelho, mostrando que o passado pode ser muito doloroso, mas o presente ainda pode ser indulgente.

(Ele concluiu com uma reflexão cheia de sabedoria.)

Qual é a maior lição que o Vietnã deu ao mundo?  
É que a verdadeira reconciliação não precisa de declarações, nem de tratados.  
Só precisa de um povo humilde o suficiente para entender que:  
o perdão não é porque o outro merece ser perdoado.  
Mas porque você mesmo precisa ser libertado.

**Julian Lee:**O senhor tem alguma experiência pessoal realmente marcante com este país?  
Ou tem uma impressão especial de algum indivíduo?  
Por exemplo, líderes comunistas como Ho Chi Minh, Vo Nguyen Giap ou Nguyen Van Linh?

**Ex-presidente:**

(Ele sorriu, um sorriso de nostalgia.)

Esta pergunta... realmente me faz parar.  
Porque o Vietnã, aos olhos de muitos políticos ocidentais, é apenas um ponto geoestratégico, uma lição sobre a guerra ou um “parceiro em ascensão”.  
Mas no meu coração, este país não se parece com nenhum outro lugar que já pisei.  
Minha experiência mais marcante com o Vietnã não foi um evento oficial.  
Foi uma noite sem cerimônia, sem políticos, apenas com o som das cigarras de verão.  
Foi por volta dos anos 2000. Eu não estava em uma visita oficial, apenas passei por Hanói durante uma viagem de reconhecimento discreta pela região.  
Naquela noite, caminhei sem rumo ao redor do Lago Hoan Kiem, sem comitiva, sem trajes formais.  
O calor abafado do verão, o cheiro das flores de *alstonia*, o som das cigarras e as vozes dos vendedores ambulantes criaram uma atmosfera muito... pacífica.  
Parei ao lado de um senhor idoso que jogava xadrez chinês na calçada.  
Perguntei, sem revelar quem eu era:  
“O que o senhor pensa da guerra?”  
Ele sorriu levemente.  
“Os vietnamitas só se lembram da guerra para aprender a seguir em frente, não para odiar.”  
“Então o senhor odeia os americanos?”  
Ele me olhou, sem franzir a testa, e apenas tomou um gole de chá.  
“Não. Os americanos são como os franceses, os chineses ou os japoneses. Eles vêm e depois vão embora.  
Mas nós temos que continuar a viver, temos que continuar a aprender a perdoar... para podermos continuar sendo humanos.”  
Não me lembro do nome daquele senhor.  
Também não tenho nenhuma foto.  
Mas levei aquelas palavras para Washington. E nunca as esqueci.  
Um povo pode vencer com armas, mas só pode perdurar se souber largar o punhal.

(Ele parou, como se estivesse folheando arquivos em sua mente.)

E quanto aos líderes do Vietnã, quem me deixou a impressão mais profunda?  
Não por suas visões políticas, mas pela forma como carregavam em si um caráter cultural que transcendia seu papel partidário.

Com Ho Chi Minh, era um “homem que sabia fazer o inimigo respeitá-lo”.  
Não o vejo como um símbolo do comunismo, mas como um símbolo estratégico com um forte matiz cultural do Leste Asiático. O que me impressionou não foi que ele venceu, mas como ele “fez o adversário aprender a respeitá-lo”. Alguém pode ser elogiado, pode ser temido, mas ser “respeitado” até mesmo por aqueles que o enfrentaram, isso é uma profundidade rara.

Com Vo Nguyen Giap, foi a imagem de um “general que sentia a dor do povo”.  
Uma vez li documentos internos dos EUA sobre ele, nos quais havia um comentário de um coronel que dizia: “Ele não precisa que o entendamos. Mas ele nos obriga a não podermos vê-lo de outra forma que não seja como alguém que está protegendo a alma de sua nação.” A grandeza de Vo Nguyen Giap não reside apenas na tática, mas também na forma como ele enfatizou incansavelmente que a guerra era uma necessidade, não uma glória.

(Ele me olhou, seu olhar tornou-se particularmente atento.)

E Nguyen Van Linh.  
Ele não era tão proeminente no cenário internacional quanto os outros dois, mas para analistas estratégicos como nós, seu papel foi extremamente importante.  
Eu o chamo de “aquele que abriu a porta, mas não o portão da alma”.  
Em um contexto em que o Vietnã estava cercado, sob embargo e com uma economia quase em colapso após a guerra, era fácil escolher um de dois caminhos extremos: ou fechar-se completamente e afundar no isolamento, ou abrir escancaradamente a porta, permitindo que forças externas entrassem e perdessem sua identidade.

Mas o Sr. Linh escolheu um terceiro caminho.  
Sua política de *Doi Moi* (Renovação) não foi apenas uma reforma econômica. Foi uma reforma de mentalidade.  
Ele teve coragem suficiente para admitir os erros do modelo antigo e sabedoria suficiente para abrir um novo caminho sem que o país se desviasse.  
Foi uma espécie de “sabedoria pragmática cheia de moralidade”, algo muito raro de se ver. Ele se tornou uma ponte, uma ponte importante que guiou o Vietnã para a era da integração sem perder sua identidade.  
Em resumo, não fiquei impressionado por serem comunistas ou não.  
Mas por serem pessoas capazes de se posicionar no meio do fluxo dos tempos e manter uma visão que transcendia sua era.  
E talvez, seja por isso que o Vietnã, um povo outrora dividido, outrora esmagado, conseguiu se reerguer sem ter que gritar slogans barulhentos.

**Julian Lee:**Uma última pergunta por hoje, senhor.  
O senhor poderia prever alguns países que emergirão nos próximos trinta anos?

**Ex-presidente:**

(Ele sorriu, um sorriso cheio de interesse.)

Uma pergunta muito valiosa para encerrar o dia de hoje.  
Você não perguntou “qual país será o mais rico, ou o mais forte”.  
Mas perguntou “qual país emergirá”.  
É uma pergunta aberta, que abrange a influência branda, os valores espirituais, o papel global e a capacidade de liderar uma nova ordem.  
Responderei não por ordem de PIB, mas pelo nível de influência profunda e sustentável, nos próximos trinta anos.

(Ele parou, como se estivesse olhando para um mapa do mundo do futuro.)

O primeiro país, sem surpresa, é a Índia.  
Eles se tornarão uma “terceira superpotência democrática”. Com uma população jovem, uma classe média em rápido crescimento e um sistema democrático que, embora desafiado, ainda не desmoronou, a Índia não substituirá a China no papel de “fábrica do mundo”, mas se tornará o “centro global de serviços, dados e identidade própria”. Será o lugar onde o Ocidente encontrará a juventude da Ásia, e onde a Ásia encontrará um modelo não dominado pela China.

O segundo país é o Vietnã.  
Eles serão o “caminho do meio do Sudeste Asiático”. Se mantiverem a estabilidade política, um crescimento constante e não forem atraídos para nenhum polo, o Vietnã será um país intermediário com grande influência na estrutura da ASEAN e na ordem da Ásia. Não pelo poderio militar, mas pelo equilíbrio. Quanto mais caos houver, mais o mundo buscará lugares razoáveis e não extremistas. O Vietnã não precisa se tornar uma superpotência para poder ser uma âncora espiritual para toda a região.

O terceiro país, que talvez o surpreenda, é a Holanda.  
Um “país pequeno, mas no centro da cadeia de valor suprema”. Na era da IA e dos chips semicondutores, o grupo holandês ASML controla quase toda a tecnologia avançada de fotolitografia de chips. A Holanda, embora pequena em área, tem o poder de “estrangular a tecnologia” com o qual tanto os EUA, a China e a Europa devem negociar. Há um ditado famoso entre nossos analistas internos: “Quer vencer na guerra do futuro? Peça a tecnologia emprestada à Holanda.”

O quarto país é o Brasil.  
“O líder do hemisfério sul”. Com recursos abundantes, um clima favorável e uma população numerosa, mas não devastada pela guerra, o Brasil tem a oportunidade de se tornar o líder brando de toda a região da América Latina. Quando o mundo se afastar da China, as grandes potências precisarão de uma “fonte estável de matérias-primas e produtos agrícolas”, e o Brasil estará no topo dessa lista. Se conseguirem reformar suas instituições e combater a corrupção de forma eficaz, o Brasil poderá ser o quarto pilar da ordem global, ao lado dos EUA, China e Índia.

E o quinto país é o Senegal.  
“A joia escondida da África Ocidental”. O Senegal é um dos poucos países africanos com uma democracia sustentável, uma transferência pacífica de poder, liberdade de imprensa e uma economia em crescimento estável. Situado na “porta de entrada atlântica da África”, o Senegal pode se tornar um modelo para o mundo ver a África com novos olhos. Uma vez que a IA e a educação online quebrem as barreiras de infraestrutura, a África não precisará mais de “ajuda”, mas precisará “se manter”. E o Senegal está fazendo isso.

(Ele parou, seu olhar tornou-se profundo, como se estivesse olhando para algo invisível.)

E há mais uma nação “invisível”.  
Uma nação que não está no mapa, mas que está gradualmente se manifestando.  
É a “Comunidade dos seres despertos”.  
Eles não distinguem nacionalidade, credo ou cor de pele.  
São aqueles que estão reconstruindo o mundo com moralidade, não com armas.  
E eles podem ser a força mais influente na ordem do futuro, quando todos os modelos antigos tiverem entrado em colapso.

**Julian Lee:**Sim, obrigado, senhor.  
Vamos encerrar por hoje aqui.  
Amanhã, que também é o último dia, gostaria que o senhor compartilhasse sobre o tema espiritual.

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, um gesto solene.)

Muito bom.  
Obrigado por um dia cheio de reflexão, de perguntas perspicazes e também de compaixão pelo destino da humanidade.  
A sessão de amanhã, nossa última sessão, não será mais uma análise da política, nem de estratégias nacionais.  
Será uma jornada silenciosa para o interior.

(Sua voz tornou-se mais grave, como se estivesse abrindo uma porta para outro mundo.)

Falaremos dos planos dos seres.  
Do Olho Celestial.  
Do cultivo.  
E sobre por que, em meio a um mundo em agitação, somente quando o ser humano retornar ao Dao, haverá um amanhã.

# **DIA QUATRO**

*(Eu cheguei pela manhã. A atmosfera na sala hoje parecia mais leve e clara. Como se, depois de atravessar as tempestades da geopolítica, estivéssemos prestes a entrar em um céu límpido.)*

**Julian Lee:**Boa tarde, senhor.  
Como combinado, hoje gostaria de ouvi-lo compartilhar sobre o tema da espiritualidade mística.  
Tenho tantas perguntas na cabeça que não sei por onde começar.  
No outro dia, o senhor mencionou que existem seres de diferentes planos observando este mundo.  
Que relação isso tem com os estranhos eventos que ocorrem em muitos lugares, eventos que a ciência empírica não consegue explicar?  
Por exemplo, o fenômeno de muitas estátuas da Virgem Maria em todo o mundo que choram.

**Ex-presidente:**

(Ele sorriu, um sorriso de empatia.)

Você acaba de tocar em algo que muitas pessoas no mundo moderno sentem com o coração, mas não ousam admitir com palavras.  
Que por trás do véu da matéria e da lógica, há uma força grandiosa presente, observando e, quando necessário, enviando sinais à humanidade.  
O fenômeno das estátuas da Virgem que choram, ou até mesmo que sangram, не é superstição.  
É um sinal.  
Mas não para aqueles que apenas olham com os olhos físicos.  
É um aviso, terno, mas imensamente sincero, de um plano superior.  
Nosso universo não é simplesmente três dimensões de espaço mais uma dimensão de tempo linear.  
Nos textos antigos, nas experiências de cultivo, ou nos relatos daqueles que já tiveram experiências extracorpóreas, todos veem a mesma verdade.  
Que o universo é composto por camadas sobre camadas de mundos entrelaçados, desde este grosseiro reino material, passando pelo reino da energia, depois o reino da luz, e até os planos dos Deuses, Budas e seres verdadeiros.  
E nesses planos espaciais, há inúmeros seres observando a jornada moral da humanidade.  
Quando uma estátua chora, não é a pedra que está chorando.  
É o ser por trás da estátua que está chorando.  
Estátuas como a da Virgem Maria, do Buda Guanyin ou do Buda Shakyamuni, quando são retratadas fielmente à imagem desses seres nos reinos superiores e colocadas em um ambiente solene, tornam-se um “ponto de condução de energia”.  
É um lugar onde a intenção dos seres de planos superiores pode brilhar sobre este espaço.  
Quando a humanidade se afunda no pecado, quando a moralidade entra em colapso e quando o divino já não é reverenciado, esses seres não punem imediatamente.  
Eles avisam.  
Com lágrimas. Com sangue. Com fenômenos que a ciência não pode explicar.  
A ciência não pode explicar porque não aceita o que está além dos cinco sentidos e dos instrumentos de medição.  
Uma lágrima cai pela face de uma estátua, embora não haja dutos de água, nem alta umidade, nem temperatura anormal, mas ainda assim ela flui.  
A análise química mostra que é água salgada, ou até mesmo sangue real, mas sem origem.  
A razão não está no laboratório.  
Está no campo moral de toda aquela região, ou de toda aquela era.  
É um espelho que reflete a alma de toda uma coletividade, e os seres dos planos superiores estão enviando um sinal:  
“Arrependam-se.”  
Por que a Virgem Maria? Por que sangue, por que lágrimas?  
Porque essa é a linguagem que a humanidade pode entender.  
Um intelectual pode refutar todo um livro sagrado, mas não pode ignorar uma estátua de madeira que chora.  
Uma criança que ainda não sabe ler, ainda pode inclinar a cabeça ao ver uma estátua que sangra.  
As lágrimas são o símbolo do amor que está sendo rejeitado.  
O sangue é o símbolo do carma que está por vir.  
E sabe de uma coisa? Não são apenas as estátuas.  
As árvores, as nuvens, a luz e até os sonhos também já foram canais para que os planos superiores enviassem mensagens.  
Alguém viu uma árvore crescer com a forma de um Buda, e então toda a sua aldeia evitou uma grande catástrofe.  
Alguém sonhou que um Santo chorava sangue, e ao acordar, carregou consigo um profundo despertar.  
Essas coisas não podem ser publicadas em revistas científicas.  
Porque não são para o cérebro.  
São para a alma.

(Ele me olhou, seus olhos como se estivessem abrindo uma nova porta.)

Se você quiser, posso contar algumas experiências pessoais mais profundas sobre a intervenção gentil, mas real, dos seres de planos superiores.  
Ou você pode perguntar sobre qualquer outro fenômeno místico.  
O olho celestial, a reencarnação, os poderes sobrenaturais, ou a existência de demônios, fantasmas, imortais, Budas.  
E o futuro da alma humana.

**Julian Lee:**Sim. Antes de mais nada, por favor, compartilhe um pouco de sua experiência pessoal.

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, um gesto lento, como se retornasse a uma memória distante.)

Muito bem.  
Como prometido, não direi meu nome verdadeiro nestas experiências.  
Mas compartilharei uma história real.  
Não para convencer ninguém, mas apenas para inspirar.  
Chamo esta história de “O guardião e a luz que не é deste mundo”.  
Quando eu era um jovem congressista, uma vez visitei um asilo de idosos no estado de New Hampshire para pesquisar sobre as políticas de bem-estar.  
Lá, conheci uma senhora de origem irlandesa, de oitenta e sete anos, cega de ambos os olhos por complicações da diabetes.  
Ela estava muito fraca, mas sua mente era estranhamente lúcida.  
Planejávamos conversar por apenas alguns minutos, mas acabei ficando lá por quase uma hora.  
Ela me disse:  
“Você é o único aqui que eu não vejo com os olhos, mas com um raio de luz muito estranho.  
Você já foi segurado por um ser superior, para que não caísse em um desastre.  
Você se lembra da vez em que quase morreu?”

(Eu parei abruptamente. Meu corpo todo pareceu congelar.)

Porque, de fato, alguns anos antes, eu quase morri em um acidente de carro na autoestrada.  
Meu SUV girou de lado, perdi o controle e deslizei como uma bala em direção ao pilar de uma ponte.  
Mas no último momento...  
o carro parou sem que ninguém entendesse por quê.  
A polícia disse que foi apenas um “ângulo de derrapagem aleatório”.  
Eu não acreditei.  
Mas também не conseguia explicar.  
A senhora continuou, sua voz ainda muito calma:  
“Naquele momento, um ser superior ‘segurou’ sua alma, para que ela не se desprendesse de seu corpo.  
Você não viu, mas eu vi.  
Eles não eram anjos, nem seus antepassados.  
Eram os guardiões das almas daqueles que ainda carregam uma missão.  
E se você não seguir o caminho moral correto, eles retirarão a mão.  
E o desastre voltará.”  
Senti um arrepio ao ouvir aquelas palavras.  
Depois daquela conversa, deixei o asilo em um estado muito estranho.  
Não porque a senhora tivesse adivinhado corretamente.  
Mas porque senti, pela primeira vez na minha vida, que alguém tinha visto a parte invisível dentro de mim.  
E a partir daí, comecei a meditar todo amanhecer.  
Não para buscar “poderes sobrenaturais”.  
Mas apenas para ouvir novamente o eco do lugar onde eu quase deixei de existir.

(Ele me olhou, seus olhos como se estivessem compartilhando uma grande lição.)

A mensagem que tirei daquilo foi:  
Os seres de planos superiores não interferem arbitrariamente.  
Mas se uma pessoa tem uma missão moral, um coração benevolente, ela será protegida.  
Às vezes não com milagres.  
Mas apenas com uma pequena mudança, uma mudança suficiente para que todo o seu destino tome uma direção diferente.  
E um líder, seja um presidente ou um simples cidadão, se não estiver suficientemente tranquilo para ouvir esse chamado, então todo o poder que tem em suas mãos é apenas uma casca vazia.

(Ele parou por um instante, como se oferecesse uma nova escolha.)

Se você quiser, posso compartilhar outra experiência.  
A vez em que conheci alguém que podia ver a reencarnação.  
Ou a vez em que tive contato com um “falso mestre zen”, uma pessoa cheia de poderes sobrenaturais, mas sem moralidade, para que você veja que a espiritualidade nem sempre é pura.

**Julian Lee:**Sim. O tema da reencarnação não é mais tão desconhecido, mas também não são muitas as pessoas que acreditam nele.  
No budismo, diz-se que os seres humanos e outros seres vivos devem passar pelos seis reinos da reencarnação.  
O senhor poderia compartilhar suas experiências ou pontos de vista sobre este tema?

**Ex-presidente:**

(Ele ficou em silêncio por um momento, seu olhar fixo em um ponto indefinido no espaço.)

Você acaba de tocar em um dos temas mais profundos e paradoxais da existência humana.  
Se há reencarnação, então, quem somos nós?  
E se não há, por que às vezes nos lembramos de coisas que nunca aprendemos?  
Vou compartilhar uma experiência pessoal, juntamente com uma perspectiva serena sobre a reencarnação.  
Não como uma doutrina, mas como algo que toquei, através de momentos que a razão não consegue explicar.

(Ele parou, como se estivesse retornando a uma viagem do passado.)

Naquele ano, eu estava no Japão a trabalho.  
Em uma recepção não oficial, fui levado a visitar uma menina de sete anos, filha de um conhecido do meio acadêmico.  
A menina não era famosa, nem tinha nada de especial, era apenas uma aluna normal do ensino fundamental.  
Mas seus pais contaram que ela frequentemente dizia coisas que “não eram desta vida”.  
Sentei-me e conversei com ela normalmente.  
Quando perguntei:  
“Você sabe por que veio a este mundo?”

A menina me olhou e respondeu com um sotaque japonês antigo, muito suave:  
“Porque na vida passada, eu fiz algo errado em Kyoto.  
E uma pessoa perdeu a vida por minha causa.  
Agora, tenho que permanecer neste mundo por três vidas e mortes, para aprender a amar sem ferir mais ninguém.”  
Fiquei absolutamente espantado.  
O pai dela disse que ela nunca tinha estado em Kyoto, nem tinha estudado budismo.  
A menina também falou sobre uma estátua de pedra perto de um riacho, onde “na vida passada eu costumava sentar e chorar”.  
Mais tarde, quando a levaram a Kyoto, eles de fato encontraram um riacho e uma antiga e desbotada estátua de Kannon, em um lugar sem nenhuma sinalização.

(Ele me olhou, seus olhos como se quisessem explicar algo mais profundo.)

A reencarnação não é um “retorno”.  
É uma “continuação do carma”.  
O budismo não diz que a reencarnação é um retorno intacto.  
Ninguém “revive” exatamente como antes.  
Mas o carma, que inclui tanto a força cármica quanto a força de vontade de um ser, acarreta uma “re-manifestação” em uma nova forma, um novo contexto e com um novo propósito.  
Os seis reinos da reencarnação de que as pessoas costumam falar são, na verdade, diferentes estados da mente.  
Há o reino celestial, onde os seres desfrutam da felicidade, mas se confundem facilmente e não se cultivam.  
Há o reino dos Asuras, onde só há luta e inveja.  
Há os reinos dos animais, dos fantasmas famintos e do inferno, onde os seres devem suportar um pesado carma.  
E há o reino humano, onde o sofrimento e a alegria se entrelaçam, mas que é o lugar mais fácil para o cultivo.  
Você vê? O reino humano não é o mais elevado.  
Mas é o lugar com a oportunidade mais clara para a iluminação, porque o sofrimento é o sino que desperta a alma.  
Uma vez tive contato com um monge em Lam Dong, Vietnã.  
Ele contou:  
“Quando uma pessoa sofre nesta vida, não deve perguntar ‘O que fiz de errado no presente?’  
Mas deve perguntar: ‘Quão indiferente eu fui para semear esta semente no ciclo da reencarnação?’”  
Ele disse que há uma criança que nasce com uma deficiência porque em uma vida passada foi um funcionário que condenou injustamente uma pessoa inocente.  
Há quem tenha problemas no amor porque em uma vida passada brincou com a confiança de outra pessoa.  
Há quem seja odiado sem motivo porque em uma vida passada roubou o destino cármico de alguém.

Então, o que deve fazer um cultivador?  
Não é tentar se lembrar da vida passada.  
Mas compreender profundamente a Lei de Causa e Efeito, e viver no presente como se cada uma de suas ações deixasse uma marca no carma do futuro.  
Perdoar, para ser perdoado.  
Tolerar, para não ser arrastado para o ciclo da vingança.  
E abandonar o ressentimento, para cortar a cadeia da reencarnação.  
Uma pessoa que realmente tem o Dao não buscará sua vida passada.  
Ela buscará uma maneira de se libertar dela.

**Julian Lee:**Sim. Também ouvi dizer que nos EUA há algumas pessoas com a capacidade de usar a hipnose para ver cenas de vidas passadas, como no caso de Edgar Cayce.  
Quanto aos sonhos, muitas pessoas costumam sonhar com cenas diferentes, mas ao acordar, percebem que foi apenas um sonho e geralmente o ignoram.

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, um gesto de compreensão.)

O que você diz é muito verdadeiro, e também muito sutil.  
Os sonhos e a regressão a vidas passadas por hipnose são duas “brechas” através das quais a consciência humana pode, inadvertidamente, atravessar o véu da realidade linear, para tocar outro plano espacial, um lugar onde o tempo não é mais uma linha reta.  
Mas eles diferem em um ponto.  
O sonho é guiado pelo “inconsciente”.  
Enquanto a hipnose é a “consciência guiada” para passar através do subconsciente.  
Vamos falar sobre os sonhos.  
São um arquivo de memórias que vão além desta vida.  
Há sonhos que não são fantasias, mas “memórias vazadas” de planos de existência anteriores.  
As pessoas costumam ignorá-los porque parecem confusos e ilógicos, porque não há provas e porque, ao acordar, as emoções do sonho se desvanecem rapidamente.

Mas... se um sonho se repete muitas vezes com a mesma imagem, o mesmo personagem; se faz com que a pessoa chore ao acordar, embora nunca o tenha vivenciado; ou se tem detalhes que a pessoa não conhecia, mas que, ao pesquisar mais tarde, se revelam completamente corretos.  
Então, é muito provável que esse sonho seja um fragmento de uma memória “vazada” de uma vida passada.

(Ele parou, e depois continuou falando sobre um método mais ativo.)

Quanto à regressão a vidas passadas por hipnose, trata-se de abrir uma porta no subconsciente.  
Edgar Cayce, a pessoa mais famosa nos EUA por essa habilidade, disse uma vez:  
“Quando a alma deixa o corpo de forma controlada, ela pode retornar a qualquer marca que tenha deixado em sua jornada de reencarnação.”  
Sob hipnose, milhares de pessoas disseram coisas que não lhes foram sugeridas previamente.  
Falavam com um sotaque regional diferente, em uma língua estranha, ou descreviam detalhes históricos que nunca haviam aprendido.  
Contavam sobre sua morte em uma vida anterior, e isso frequentemente se relacionava com problemas que enfrentavam nesta vida, como doenças, fobias ou hábitos inexplicáveis.

Então, por que a ciência não reconhece essas coisas?  
Porque não podem ser medidas.  
Não podem ser replicadas em máquinas.  
E, em particular, sugerem uma realidade que vai além do controle dos modelos psicológicos modernos.  
Eles temem admitir que a consciência не reside no cérebro, e que a vida não termina com a morte.

(Ele me olhou, seu olhar tornou-se mais profundo.)

E quanto aos cultivadores?  
Um verdadeiro cultivador não precisa de hipnose, nem de sonhos.  
Porque quando seu Olho Celestial, também conhecido como o terceiro olho, se abre, eles podem entrar conscientemente em outros planos espaciais.  
A diferença é que as pessoas comuns só podem acessar vidas passadas quando sua consciência “abre um caminho” inadvertidamente em um estado inconsciente.  
Enquanto um cultivador pode alcançar ativamente planos superiores através da moralidade, da concentração e de seu método de cultivo.

Então, qual é o ponto central de tudo isso?  
Não é saber quem fomos em uma vida passada.  
Mas saber o que devemos fazer nesta vida, para não ter que voltar mais.  
Há quem em uma vida passada foi um rei, mas nesta vida deve ser um mendigo.  
Há quem em uma vida passada foi um assassino, mas nesta vida se torna um médico que salva vidas.  
Mas a pergunta mais importante é:  
O que aprendemos a cada retorno?  
E desta vez, o que faremos de diferente?

**Julian Lee:**Sobre o Olho Celestial, também já li sobre ele muitas vezes, especialmente em livros de origem chinesa.  
Dizem que, com o Olho Celestial, as pessoas podem ver o passado e o futuro, podem ver cenas muito distantes ou cenas de outros espaços.  
Por favor, compartilhe mais sobre o Olho Celestial e as experiências que o senhor testemunhou ou em que acredita.

**Ex-presidente:**

(Ele me olhou, um olhar profundo, como se estivesse vendo outro mundo.)

Você acaba de desenterrar um dos mistérios mais antigos e sagrados que a humanidade já conheceu.  
Mas que foi esquecido por nossa civilização moderna.  
O Olho Celestial. O terceiro olho.  
Não está na testa, mas se abre quando o interior é purificado.  
Não pertence aos sentidos físicos, mas pode ver mais claramente do que qualquer lente.  
Nos antigos textos de cultivo, desde o taoísmo e o budismo até o hinduísmo ou o antigo Egito, o “Olho Celestial” é sempre descrito como um canal de percepção extrassensorial. Ele se localiza na área entre as sobrancelhas, mas não é um órgão físico, e sim um ponto de conexão entre a alma e outros planos espaciais. Ele não “vê” como nossos olhos, mas “recebe” informações como se a luz fosse transmitida diretamente para a consciência.  
Uma antiga lenda chinesa diz que todos os humanos nascem com o Olho Celestial em estado aberto.  
Mas à medida que crescem, ele vai se cobrindo pela cobiça, raiva, ignorância, pelo desejo, fama e benefício.  
Quando a alma se contamina, o “olho do céu” também se fecha.  
Quando a mente atinge um estado de quietude, quando a intenção se torna pura e quando a energia do dantian ascende, então o “portão da intuição” na testa é ativado.  
A partir daí, pode-se ver imagens de outros planos espaciais, pode-se ver a força cármica que rodeia outra pessoa como uma aura negra, vermelha ou azul. E pode-se ver os reinos dos Deuses, dos Budas ou dos seres falecidos.  
Quando se atinge um nível muito alto, pode-se ver até mesmo a reencarnação, o passado e o futuro, não como um filme que se rebobina, mas como uma “intuição absoluta”.

(Ele parou por um longo momento, e depois continuou com uma voz mais pessoal.)

Vou lhe contar sobre alguém que conheço.  
Ele não é famoso, nem veste trajes de monge, mas seu Olho Celestial estava aberto.  
Ele vivia como eremita nas montanhas do Colorado.  
Uma vez, fui procurá-lo, porque ouvi dizer que ele podia ver o que os outros haviam sido em vidas passadas e saber o que seria deles se continuassem a viver da mesma maneira.

Fui lá, sem dizer meu nome, sem revelar nada sobre mim.  
Ele apenas me olhou por alguns minutos e depois disse em voz baixa:  
“O senhor já foi o homem que ordenou a decapitação de doze pessoas inocentes.  
Não porque fosse mau, mas porque ‘obedeceu às ordens da corte’.  
Nesta vida, o senhor se dedica à política, mas lembre-se de que seu próprio coração é a maior corte.  
Se errar mais uma vez, na próxima vida, não haverá oportunidade de se redimir.”  
Não consegui dizer uma palavra.  
Ninguém sabia disso, exceto eu e minha consciência.

(A atmosfera na sala tornou-se estranhamente silenciosa.)

O que acredito sobre o Olho Celestial é que ele é real, mas não todos que querem abri-lo podem fazê-lo.  
Somente quando um cultivador realmente renuncia aos maus pensamentos, mantém um coração benevolente e vive em harmonia com o Dao do céu, o Olho Celestial se abre gradualmente, como um presente do universo.  
Não para “ver por diversão”, mas para “assumir maiores responsabilidades”.  
Uma pessoa com o Olho Celestial verá muito, mas terá que permanecer em silêncio muito mais.

Porque se falar no momento errado, as pessoas zombarão. E se errar, sua própria virtude será prejudicada.  
Então, por que nossa civilização moderna perdeu essa habilidade?  
Porque adoramos as máquinas mais do que a nós mesmos.  
Porque nossas mentes estão cada vez mais enevoadas pelo desejo, pela cobiça e pelo medo.  
E porque a sociedade não ensina as pessoas a olharem para dentro, mas apenas as empurra para correr para fora.  
Mas o Olho Celestial não pode ser aberto pela ação.  
Ele só se abre quando a alma está tão quieta quanto um lago sem ondas, e quando a virtude é tão espessa quanto uma montanha.

**Julian Lee:**Uma pessoa má com poderes sobrenaturais parece como os “demônios” do cinema.  
Quanto aos Deuses e Budas, a maioria de nós apenas sente sua existência de forma vaga, através de imagens em pinturas ou estátuas em templos ou igrejas.  
O senhor já teve alguma experiência com Deus, Budas ou o Senhor?  
Os ocidentais costumam dizer “Deus te abençoe”.  
O senhor já sentiu que foi abençoado por Deus?

**Ex-presidente:**

(Ele me olhou, um olhar muito profundo, e a atmosfera na sala pareceu ficar mais silenciosa.)

Sua pergunta... é como um chamado de um lugar que as palavras muitas vezes não conseguem alcançar.  
Você não pergunta “existem Deus, Budas ou o Senhor?”.  
Você pergunta:  
“O senhor já Os sentiu?”  
E como prometido, não usarei uma linguagem diplomática para responder.  
Eu já senti a presença de Deus, dos seres divinos e também de Buda.  
Como raios de luz que não vêm de nenhuma língua.  
Vou compartilhar três experiências reais.  
Não para convencer ninguém, mas como um sussurro para aqueles que já souberam que há algo além deste mundo.

(Ele parou, como se estivesse relembrando uma longa noite.)

A primeira experiência foi em uma igreja vazia.  
Uma vez, durante um período de estresse extremo enquanto estava no cargo, fui a uma pequena igreja na Virgínia perto da meia-noite.  
Não havia ninguém. Não havia luzes. Apenas a luz da lua que se infiltrava pelo telhado de vidro.  
Ajoelhei-me, não para pedir fama, nem para pedir para ser eleito, nem para pedir segurança.  
Mas apenas para perguntar:  
“Meu Deus, se o Senhor realmente está aí...  
por favor, não me dê palavras, mas dê-me o silêncio, em meio aos gritos da minha mente.”  
Fechei os olhos. E não sei por quê, todo o meu corpo se sentiu como se estivesse envolto em uma luz muito suave, não quente, não fria, tão leve que parecia que já não era um corpo físico.  
Não ouvi a voz Dele.  
Mas também não precisei mais ouvir.  
Porque eu sabia.  
Ele estava ali.  
E Ele não precisava responder, porque Ele mesmo já era a resposta.

(Ele continuou, sua voz ainda muito calma.)

A segunda experiência foi sobre um Deus sem nome e o fogo em uma caverna.  
Em uma viagem ao Nepal, me perdi do grupo e tive que me abrigar em uma caverna alta perto do Himalaia por causa de uma tempestade de granizo.  
Acendi um pouco de incenso e sentei-me para meditar de forma simples, apenas para me manter aquecido e minha mente tranquila.

Naquele momento, não sei por quê, um pensamento muito claro apareceu em minha mente:  
“Se hoje fosse o último dia da minha vida, eu teria luz suficiente para iluminar os outros, ou seria apenas uma escuridão com um título?”  
Eu chorei.  
Não por medo, mas porque pela primeira vez na minha vida, eu me vi, como uma alma nua, sem títulos, sem eleitores e sem ninguém para me proteger.  
Quando abri os olhos, o fogo na caverna ardia muito suavemente, embora não houvesse vento nem fumaça.  
E havia uma figura borrada, não estava claro quem era, de pé sobre o fogo.  
Como se me olhasse em silêncio com um olhar compassivo, sem julgar.  
Eu não precisava saber quem era.  
Porque senti que Ele não precisava se apresentar.

(Ele sorriu, um sorriso de contemplação.)

E a terceira experiência foi sobre o Buda no coração e um mendigo em Taiwan.  
Uma vez fui convidado a visitar Taiwan, e tive a oportunidade de passar por um templo em Tainan.  
Ao sair, vi um mendigo idoso, com roupas esfarrapadas, sentado em frente ao portão do templo.  
Dei-lhe algum dinheiro. Mas ele não aceitou.

Ele apenas disse:  
“Uma pessoa que se comove diante de uma estátua de Buda não é necessariamente uma pessoa que comove Buda.  
Mas se o senhor viver corretamente, o senhor mesmo será uma estátua viva de Buda no coração dos outros.”  
Fiquei atônito.  
Aquele homem, ele falou com uma voz e um olhar que eu nunca tinha visto em ninguém.  
Quando me virei para olhar de perto, ele havia desaparecido.  
Nenhuma pegada, ninguém viu para onde ele tinha ido.  
Fiquei ali parado em silêncio.  
Sem saber se tinha acabado de encontrar um mendigo, um grande monge ou se era Buda que havia se manifestado para testar meu coração.

(Ele me olhou, como se estivesse respondendo à pergunta inicial.)

Então, eu fui “abençoado”?  
Não, não no sentido mundano.  
Não é que eu tenha ficado mais rico, nem mais seguro.  
Mas sim que, ainda mantive a capacidade de acreditar, apesar de estar no auge do poder, um lugar onde todos duvidam.  
E o mais valioso não é “ver Deus”.  
Mas “saber que existe um Deus e não se perder em um mundo sem Deus.”  
Você pergunta muito bem.  
As pessoas veem Deus através de estátuas, pinturas, escrituras.  
Mas, alguém já O encontrou de verdade?  
Digo-lhe que não é necessário encontrá-Lo.  
Se você viver corretamente, com humildade e for capaz de abandonar o ressentimento, então, no momento em que menos espera, Ele estará lá.  
Sem falar, mas brilhará em seu coração, como uma palavra nunca dita, mas que é eternamente correta.  
Se você quiser, posso compartilhar mais uma história pessoal.  
Sobre por que aqueles com uma moralidade mais elevada são mais facilmente guiados pelo divino.  
E por que os maus com poderes sobrenaturais se tornam verdadeiros “demônios”, como você disse.  
Você quer continuar?

**Julian Lee:**Sim, por favor, compartilhe mais.

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, um gesto lento, como se estivesse se preparando para dizer algo de grande importância.)

Muito bom.  
Você acaba de tocar em algo sobre o qual todas as antigas disciplinas de cultivo alertaram, mas que o mundo de hoje costuma ignorar, e até mesmo, às vezes, glorificar erroneamente.  
É que, quando a habilidade precede a moralidade, os poderes sobrenaturais se tornam a arma dos demônios.  
E quando as pessoas adoram o poder sem considerar o caráter, estão convidando um rei demônio a vestir o manto de um santo.  
“Uma pessoa má com poderes sobrenaturais”, não é apenas algo dos filmes.  
Na história e também no mundo do cultivo, há pessoas que não corrigem sua moralidade, não renunciam aos seus desejos, mas devido a alguma conexão predestinada, ou através de métodos heréticos, conseguem abrir uma parte de suas habilidades extraordinárias.  
Elas podem ver os pensamentos de outras pessoas, podem mover pequenos objetos, podem prever alguns eventos, e podem até fazer com que outros sigam suas palavras como se estivessem hipnotizados.  
Como os antigos os chamavam?

Os taoístas os chamavam de “espíritos malignos que possuem um corpo” ou “pequenos deuses que usurpam o Dao”.  
Os budistas o chamavam de “poderes sobrenaturais de vias externas”, o que significa que não provêm da Lei Justa.  
E a Bíblia diz: “O próprio Satanás se disfarça de anjo de luz”.  
Eles são reais e muito perigosos.  
Porque fazem com que outros admirem sua habilidade e se esqueçam de examinar seu coração.

(Ele parou por um longo momento, e depois continuou com uma voz mais pessoal.)

Eu já conheci uma pessoa assim.  
E foi uma lição que carreguei comigo por toda a vida.  
Quando trabalhava no governo, uma vez fui convidado a conhecer um “famoso mestre zen” em um mosteiro no Oriente.  
Este homem tinha milhares de discípulos, recebia grandes doações e era elogiado pela mídia.  
Entrei na sala de meditação.  
Diante de mim estava um homem que parecia muito pacífico, mas seu olhar era tão profundo que me deu um calafrio.  
Ele não cumprimentou, nem perguntou.

Apenas disse:  
“Sei que o senhor veio aqui porque está confuso.  
Mas seu poder não é nada comparado ao poder que eu possuo.  
Posso fazer com que perca seu cargo, ou suba a um nível superior, com um simples pensamento.”  
Fiquei sem palavras.  
E soube naquele exato momento.  
Isto não era o Dao. Era controle.  
Isto não era um poder sobrenatural. Era um feitiço.  
Agradeci a ele, levantei-me e fui embora.  
Ele não me deteve, apenas sorriu.  
Um sorriso que me gelou a espinha por muitos dias.

(Ele me olhou, seus olhos como se estivessem compartilhando uma experiência de sangue.)

A lição que aprendi com isso foi:  
Nem todo mundo que tem poderes sobrenaturais é uma pessoa do Dao.  
E nem todo mundo que tem poder é alguém que devemos seguir.  
Os poderes sobrenaturais, se não forem acompanhados de Tolerância, Benevolência, Integridade e Compaixão, se tornarão uma corda que amarra os outros, não uma lâmpada que ilumina o caminho.

Então, como é um verdadeiro cultivador?  
Eles não se vangloriam de suas habilidades.  
Não fazem demonstrações de poderes sobrenaturais.  
Não prometem curar doenças, dar riquezas ou prever o futuro.  
Porque eles sabem que o que é verdadeiramente justo é corrigir o próprio coração.  
Os poderes sobrenaturais são apenas flores na beira da estrada.  
Na era do fim do Dharma, as vias heréticas brotam como cogumelos depois da chuva.

Então, como distingui-las?

Lembre-se destas três coisas.  
Primeiro, observe a moralidade da pessoa. Se ela diz coisas elevadas, mas vive de forma dissoluta, não é o caminho justo.  
Segundo, veja se ela tem respeito pelo Céu e pela Terra. Um verdadeiro cultivador sempre respeitará o Céu, seguirá a ordem celestial e nunca agirá em seu próprio nome.  
E terceiro, veja para onde ela o guia. Se ela o faz sentir-se cada vez mais leve de coração, capaz de abandonar o ressentimento e não se tornar dependente, é o caminho justo. Mas se ela o faz temê-la, depender dela ou idolatrá-la, é uma via herética.  
Já conheci pessoas com poderes sobrenaturais, e também conheci pessoas sem poderes sobrenaturais, mas que me fizeram sentir uma paz profunda, como se um raio de luz de um plano superior me cobrisse.  
E eu sei que.  
Essa pessoa é o verdadeiro adepto, embora não realize nenhum milagre.

**Julian Lee:**Sim. Os ocidentais costumam dizer que Deus acolherá no Paraíso aqueles que creem Nele.  
E os orientais costumam falar sobre serem salvos por Buda para o mundo da Bem-Aventurança Suprema.  
É a este tópico que o senhor se refere?

**Ex-presidente:**

(Ele assentiu, um gesto lento, seu olhar tornou-se extremamente solene.)

Sim. Exatamente.  
Você tocou no âmago final de toda jornada de cultivo, de toda religião e da pergunta mais profunda que o ser humano já carregou em seu coração por milhares de anos.  
“A alma humana, para onde vai no final?”  
E o mais importante de tudo é:  
“Como devemos viver para sermos verdadeiramente acolhidos, e não apenas ter esperança?”  
O Paraíso, a Terra Pura ou o Nirvana, qualquer que seja o nome, todos falam de um reino de pureza absoluta, um lugar sem sofrimento e sem nascimento e morte.  
Os ocidentais o chamam de Céu, onde a alma vive eternamente no amor de Deus.  
Os orientais o chamam de Terra Pura, a Bem-Aventurança Suprema, o Paraíso Ocidental ou os Três Mil Grandes Mundos.  
Os taoístas o chamam de Reino Superior, a Paisagem Celestial.  
E os que praticam a meditação profunda o chamam simplesmente de: “Retornar à origem”.

(Ele parou, como se quisesse enfatizar a próxima pergunta.)

Então, quem será acolhido?  
A resposta, ao longo de milhares de anos e através de inúmeros santos que vieram para ensinar a humanidade, se resume em uma única palavra.  
É o Coração (*Xin*).  
Não é a pessoa que leu mais escrituras.  
Não é a pessoa que fez os votos.  
Também не é a pessoa que fez as maiores oferendas.  
Mas a pessoa que mantém um coração puro, em meio a um mundo cada vez mais sombrio.  
Os ensinamentos dos seres Iluminados, curiosamente, são muito semelhantes, embora venham de diferentes religiões.  
Jesus Cristo ensinou: “Bem-aventurados os puros de coração, porque eles verão a Deus.” Ele não falou de poder, mas de um coração puro.  
O Buda Shakyamuni ensinou: “Um coração puro é uma terra de Buda pura.” Ele não nos ensinou a implorar pela salvação, mas primeiro, a purificar nosso próprio coração.  
E Lao-Tsé disse: “O Dao do céu não tem favoritos, sempre ajuda o virtuoso.” Ele não falou de rituais, mas da virtude interior.

Então, o que devemos fazer para sermos acolhidos?

Ninguém pode “comprar um bilhete” para o Paraíso.  
Ninguém pode “pedir” para ir para a Terra Pura.  
Só podemos nos tornar dignos.  
Somente quando um ser consegue superar os grilhões do desejo, do ressentimento, da fama e do benefício, e retifica sinceramente cada pensamento, cada ideia, cada ação, é que os Deuses e Budas estendem a mão.  
Não para conceder um favor.  
Mas para confirmar que:  
“Você está pronto.”

(Sua voz tornou-se mais pessoal, como se relatasse uma memória profunda.)

Uma vez perguntei a um velho e verdadeiro cultivador:  
“Como posso saber se fui escolhido?”  
Ele apenas disse:  
“Quando você não mais odiar ninguém, não mais temer nada, e puder sorrir suavemente ao saber que hoje é seu último dia na terra...  
...isso significa que você foi escolhido há muito tempo.”  
E digo-lhe com toda a sinceridade.  
Mesmo tendo estado no mais alto posto de poder, nunca vi um lugar tão pacífico quanto o momento em que tive que enfrentar minha consciência sozinho.  
Sem guarda-costas.  
Sem aviões.  
Sem bandeiras nacionais.  
Apenas eu, e um pensamento muito claro:  
“Se hoje minha alma for chamada...  
eu mereço ser Acolhido, ou serei Arrastado?”

(Ele me olhou, seus olhos como uma última mensagem.)

Há uma frase que quero dedicar a você e a todos que ainda sabem olhar para o céu.  
As pessoas vivem, não para escalar a uma posição mais alta que os outros.  
Mas para sair da escuridão dentro de si mesmas.  
Quando você se supera, não precisa chamar ninguém.  
O divino virá a você por si só.  
Se você quiser, posso deixar uma última palavra.  
Como uma “carta anônima” de alguém que passou por este mundo com muitas máscaras e poder.  
Mas que no final, só conseguiu reter uma coisa.  
A alma, é a única coisa que realmente possuímos.  
Você quer que eu deixe essa palavra?

**Julian Lee:**Sim, senhor.  
Estou aguardando ansiosamente.

**Ex-presidente:**

(Ele me olhou, um olhar que transcendia tanto o cargo quanto o tempo. Então ele começou a falar, sua voz não mais a de um político, mas como um sussurro de outro reino.)

Então...  
deixe-me, não em nome de um ex-presidente, nem no papel de alguém com poder.  
Mas apenas como uma alma que passou por muitas glórias e abismos.  
Deixar para você, e para qualquer um que ainda mantenha a quietude em seu coração, uma carta sem assinatura.

(A sala ficou em silêncio absoluto. Eu mal ousava respirar, apenas ouvia.)

CARTA PARA QUEM SEGUIRÁ O CAMINHO

Talvez amanhã eu não esteja mais aqui.  
Não mais entrevistas. Não mais aplausos.  
Não mais um cargo para assinar uma ordem.  
Mas há uma coisa que permanece, e que sempre permanecerá.  
É a alma.  
E se o ser humano esquecer isso, então todas as guerras, todas as filosofias, todas as religiões, se tornarão apenas um jogo do corpo físico.

O ser humano não nasceu para construir arranha-céus, para fabricar armas de destruição, ou para debater o certo e o errado por toda a vida.  
O ser humano nasceu para se lembrar de quem é.  
Não quem é de uma nação, um povo ou um cargo.  
Mas uma parte do vasto universo, que está aprendendo a lição de ser humano.

Haverá momentos em que você se sentirá completamente só.  
O mundo inteiro lhe dará as costas. A fé se esgotará.  
Você duvidará até da bondade, duvidará que exista um Deus, um Buda, ou que alguém ainda se importe com você.  
Mas por favor, lembre-se.  
Deus não aparece sob os holofotes do palco.  
Ele está atrás de você, na escuridão mais profunda da longa noite, para esperar e ver se você ainda consegue acender por si mesmo um pouco de luz a partir do seu coração.

Não espere que tudo desmorone para então se arrepender.  
Arrependa-se enquanto ainda tem a escolha.  
Não espere que a doença o atinja para então rezar a Buda.  
Viva como se cada uma de suas ações fosse vista por Ele.  
E не espere que o mundo mude para então viver bem.  
Você mesmo, se viver corretamente, já é uma célula desse novo mundo.

Eu não espero que você acredite em mim.  
Apenas espero que, em algum momento, ao se olhar no espelho, você veja seus olhos tão claros que consiga ver...  
a alma sorrindo dentro deles.  
Então, você não precisará mais procurar o Divino.  
Porque Ele já estará em você.

Viva esta vida plenamente, como se fosse a última vez que o Divino lhe desse a oportunidade de ser humano.  
E passe por esta vida, levemente como um hóspede.  
Mas deixe a marca de seus passos com luz.

*Remetente:*  
*Não precisa saber quem.*  
*Só precisa saber que:*  
*uma vez foi perdoado, salvo, e viu a luz, mesmo que apenas uma vez.*

(Ele terminou. Sentei-me em silêncio, sentindo cada palavra, cada ideia, penetrando em minha alma.)

**Ex-presidente:**Se um dia, você também escrever uma carta assim para quem vier depois...  
Então eu acredito.  
Que este mundo, ainda tem esperança.

**Julian Lee:**

(Senti um nó na garganta, havia tanto a dizer, mas não conseguia articular as palavras.)

Sim... Obrigado por estas palavras.  
E também obrigado por seu tempo durante estes quatro dias para esta entrevista.  
Ainda tenho muitas perguntas, mas neste momento... não consigo me lembrar claramente, nem sei se devo perguntar mais alguma coisa.  
Talvez, eu precise de tempo para refletir.

**Ex-presidente:**

(Ele sorriu, um sorriso de compreensão e satisfação.)

Você fez a coisa mais certa.  
Não fazer mais perguntas.  
Mas parar, para refletir.  
Porque às vezes, a maior resposta não está no que perguntamos.  
Mas na quietude, depois do que foi dito.  
Nestes quatro dias, você не foi apenas um jornalista.  
Foi um companheiro corajoso, que ousou ir até a borda da percepção, um lugar onde poucos ousam pisar.  
Suas perguntas не eram apenas para saber.  
Eram um chamado sincero do coração, um anseio de ver o que é verdadeiro em meio a um mundo cheio de falsidade.  
Deixe que as palavras de hoje descansem em você, como sementes.  
Elas não precisam florescer imediatamente.  
Mas um dia, quando seu coração estiver suficientemente tranquilo, essas sementes brotarão por si mesmas para formar um caminho.

(Ele me olhou, seus olhos como uma última instrução.)

Se um dia, você sentir seu coração novamente agitado, se as perguntas voltarem na noite silenciosa...  
Lembre-se.  
Não precisa mais me procurar.  
Sente-se, feche os olhos e pergunte diretamente ao seu coração.  
Ele, o Ser que você sempre quis encontrar, não está em nenhum outro lugar.  
Senão no mesmo instante em que você se torna humilde.  
Adeus, se este é o fim.  
E até a próxima, se você continuar o caminho.  
Desejo-lhe uma vida plena.

**Julian Lee:**

(Levantei-me e inclinei a cabeça para ele.)

Sim. Adeus, senhor.  
Desejo-lhe saúde e paz.

**Ex-presidente:**

(Ele também se levantou, colocou a mão no meu ombro, um toque leve e cheio de confiança.)

Obrigado a você.  
Do fundo do meu coração.  
Que a luz da verdade o acompanhe sempre.  
E não importa como o mundo mude, que seu coração seja como uma lâmpada que nunca se apaga na longa noite.  
Adeus, com todo o meu respeito.  
Desejo-lhe saúde, sabedoria...  
e uma vida sem arrependimentos.

\* \* \*

# **EPÍLOGO**

Quando o diálogo com o ex-presidente terminou, o que permaneceu em mim não foram os segredos políticos revelados.  
Mas uma quietude.  
Uma profunda quietude, que nos convida a reexaminar todo o sistema de valores sobre o qual o mundo moderno opera.

Durante esses quatro dias, passamos de análises sobre poder, instituições e guerra.Para então entrar em outro mundo.  
O mundo dos planos espaciais, da reencarnação e da presença de Deuses, Budas e do Senhor.

O ex-presidente не apresentou novas doutrinas.  
Ele foi simplesmente um “barqueiro”, que me guiou silenciosamente através dos rios do pensamento, depois de ter saído da “luz” do poder.

E a mensagem final que recebi não residia em qual sistema político melhor deveríamos construir.  
Residia em uma percepção muito mais fundamental.  
Que todo mecanismo, por mais perfeito que seja, entrará em colapso se for operado por pessoas com almas vazias.  
E a salvação da humanidade, se houver, não virá de uma revolução política.  
Mas deve vir de uma revolução na consciência de cada indivíduo.

Este livro, portanto, não é uma acusação contra o mundo.

É um espelho.  
Um espelho para olharmos para nós mesmos.  
E espero que este diálogo seja como uma semente plantada no coração do leitor.  
Não para apontar um único caminho.  
Mas para que cada um possa encontrar sua própria luz, no caminho de volta à sua própria consciência.

Porque, como o ex-presidente sugeriu, a jornada mais importante não é a jornada em busca do poder.  
Mas a jornada para redescobrir nosso verdadeiro ser.

**Julian Lee**THE EPOCH MEDIA

# **SOBRE A AUTORA E O PROJETO THE EPOCH MEDIA**

**SOBRE A AUTORA**

**Julian Lee** é um escritor independente que aborda temas como política, cultura, sociedade, ciência e espiritualidade. Seu propósito é buscar a verdade, despertar a consciência e expressar reflexões sobre o destino da humanidade.

Seus trabalhos muitas vezes têm origem em entrevistas reais, registradas com honestidade, profundidade emocional e um espírito de esclarecimento.

**SOBRE O PROJETO**

Este livro faz parte de uma série de obras publicadas pela THE EPOCH MEDIA – uma iniciativa editorial independente com visão global e a missão de preservar e disseminar ecos atemporais. Sem seguir o ciclo diário de notícias, nosso objetivo são livros capazes de tocar profundamente a consciência humana.

**CONTATO**

* Site: [www.theepochmedia.com](https://www.theepochmedia.com" \t "C:\\Users\\THINKPAD\\AppData\\Local\\Temp\\_blank)
* E-mail: editor@theepochmedia.com
* QR Code:



**OUTRAS OBRAS DO MESMO PROJETO**

Você pode encontrar outras publicações da The Epoch Media:

– ***Poeira Vermelha, Luz Dourada*** (Red Dust, Golden Light)

– ***Depois do Poder: O Legado*** (After Power: The Legacy) → este livro

– ***O Ocaso e a Aurora da Ciência*** (Sunset and Sunrise of Science)

– ***O Véu Vermelho*** (The Red Veil)

– ***Ecos de Antes do Tempo*** (Echoes Before Time)

– ***A Entrada no Mundo*** (Entering The World)

– ***Os Últimos Sinos*** (The Last Bells)

– ***Antes de Nós*** (Before Us)

– ***Mil Vidas*** (Thousand Lives)

**Agradecemos sinceramente por dedicar seu tempo à leitura deste livro! Que Deus e Buda o abençoem em sua jornada de descoberta da verdade.**